UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS) UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NÍVEL MESTRADO

TAINÁ MARTINS DE BARROS

TRAJETÓRIAS DE INTELECTUAIS NA EDUCAÇÃO: o trabalho do pensamento e seus impactos nas Ciências Sociais (1964-2020)

TAINÁ MARTINS DE BARROS

TRAJETÓRIAS DE INTELECTUAIS NA EDUCAÇÃO: o trabalho do pensamento e seus impactos nas Ciências Sociais (1964-2020)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.^a Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin

B277t Barros, Tainá Martins de.

Trajetórias de intelectuais na educação : o trabalho do pensamento e seus impactos nas ciências sociais (1964-2020) / Tainá Martins de Barros. – 2024.

151 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

"Orientadora: Profa. Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin"

1. Educação – História. 2. Intelectuais. 3. Trajetória. 4. História cultural. 5. Ciências sociais e história I. Título.

CDU 37

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

TAINÁ MARTINS DE BARROS

TRAJETÓRIAS DE INTELECTUAIS NA EDUCAÇÃO: o trabalho do pensamento e seus impactos nas Ciências Sociais (1964-2020)

	Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).				
Aprovada em//					
BANCA EXAMINADORA					
Prof. ^a Dra. Dóris Bittencourt Almeida – U	Jniversidade Federal do Rio Grande do Sul				
Prof.ª Maíra Inês Vendrame – Un	iversidade do Vale do Rio dos Sinos				
Prof. ^a Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin – Orientadora					

AGRADECIMENTOS

É difícil listar os nomes de todos aqueles que estiveram comigo durante os dois anos de construção desta dissertação. Mesmo ciente do risco de esquecer alguns nomes, não poderia deixar de expressar meus agradecimentos sinceros a alguns nomes específicos.

Inicialmente, agradeço aos órgãos de fomento à pesquisa, em especial a CAPES e ao CNPq, a partir dos quais obtive bolsa integral para a realização do Mestrado. Sem este investimento, parte importante de minha formação não teria acontecido.

Expresso minha gratidão à UNISINOS e ao Programa de Pós-Graduação em Educação pela acolhida e pela formação ímpar, sempre generosa e atenciosa frente aos meus desafios pessoais e acadêmicos. Particularmente, sou grata a minha orientadora, Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, que se tornou minha amiga e uma grande professora ao longo de nossa parceria que, em 2024, comemora 6 anos.

Estendo meus agradecimentos aos professores José Ivo Follmann e Ruben Oliven e às professoras Lorena Holzmann e Clarissa Eckert Baeta Neves que se dispuseram a participar dessa investigação, sempre muito atenciosos e gentis.

Em relação aos colegas de grupo de pesquisa, agradeço a todos aqueles que me apoiaram e colaboraram de alguma forma para que este estudo fosse construído. Destaco, em especial, minha gratidão aos que estiveram comigo ao longo da escrita, em momentos de dúvidas, questionamentos e indecisões: Luciane, Rafaela, Estela e Ariane. Aos amigos que conheci graças ao PPGEDU, não poderia deixar de mencionar Nicole e Caroline, que foram e continuam sendo um abrigo estimado.

Agradeço a todos os meus amigos e familiares, em especial a minha mãe Eliane e meu pai Sandro, que sempre se dispuseram a me apoiar em todos os sentidos e me incentivaram continuamente a seguir meus sonhos. Não há nada mais importante na vida do que a rede de afetos que constroem nosso chão.



RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de investigação o percurso acadêmico de quatro professores, a saber: Ivo Follmann, Clarissa Eckert, Lorena Holzmann e Ruben Oliven. O presente estudo possui como intenção responder a seguinte problemática: como se deu a formação, a docência, a pesquisa e a atuação destes docentes cientistas sociais entre os anos de 1964-2020? Para responder a esse questionamento, esta pesquisa apresenta como objetivo geral produzir, a partir de narrativas de memória, as trajetórias de docentes inseridos no campo das Ciências Sociais, com foco em seus percursos intelectuais entre os anos de 1964-2020. Os objetivos específicos são: compreender o percurso desses professores, a partir dos elementos que compõem seus itinerários de formação, atuação e produção; identificar e refletir acerca das contribuições dos quatro docentes escolhidos, para o campo das Ciências Sociais; estabelecer possíveis conexões ou não entre os itinerários dos professores, examinando as diferenças, as marcas distintivas, as semelhanças e as redes de sociabilidade também produzidas. O referencial teórico metodológico empregado na pesquisa pertence à História da Educação e está ancorado na História Cultural, a partir de uma abordagem micro-histórica. Para tencionar o conceito de Trajetória, a pesquisa mobiliza Bourdieu (2006) e, para discutir acerca dos intelectuais, lança mão de Jean-Fraçois Sirinelli (1994; 1996). A metodologia empregada é a História Oral, onde a memória é considerada documento. Para essa metodologia, me ancoro em Alessandro Portelli (2016) e Ecléia Bosi (1987). Para tecer considerações sobre a memória, recorre-se à Paul Ricouer (2007; 2007b), Michel Pollak (1989) e algumas reflexões de Luciane S. S. Grazziotin (2016). Reconstituindo suas vivências, foi possível perceber que Ivo Follmann contribuiu ativamente para a Sociologia dos Movimentos Socioambientais; Clarissa Eckert colaborou para os estudos relacionados à Educação Superior no Brasil; Lorena Holzmann enriqueceu o debate acerca da Sociologia do Trabalho; e Ruben Oliven foi importante para as transformações na Antropologia no Brasil.

Palavras-chave: Trajetória; intelectuais; história da educação.

ABSTRACT

The present research has as its object of investigation the academic career of four professors, namely: Ivo Follmann, Clarissa Eckert, Lorena Holzmann and Ruben Oliven. The present study aims to answer the following problem: how did the education, teaching, research and work of these social scientist teachers take place between the years 1964-2020? In order to answer this question, this research has the general objective of this research is to produce, based on memory narratives, the trajectories of teachers in the field of Social Sciences, focusing on their intellectual paths between 1964-2020. The specific objectives are: to understand the path of these teachers, based on the elements that compose their education, performance and production itineraries; identify and reflect on the contributions of the four chosen teachers to the field of Social Sciences; establish possible connections or not between the teachers' itineraries, examining the differences, distinctive marks, similarities and sociability networks also produced. The theoretical methodological framework used in the research belongs to the History of Education and is anchored in Cultural History, based on a micro-historical approach. To understand the concept of Trajectory, the research mobilizes Bourdieu (2006) and, to discuss intellectuals, uses Jean-Fraçois Sirinelli (1994; 1996). The methodology used is Oral History, where memory is considered a document. For this methodology, I based myself on Alessandro Portelli (2016) and Ecléia Bosi (1987). To make considerations about memory, I turn to Paul Ricouer (2007; 2007b), Michel Pollak (1989) and some reflections by Luciane S. S. Grazziotin (2016). Reconstructing their trajectories, it was possible to see that Ivo Follmann actively contributed to the Sociology of Socio-Environmental Movements; Clarissa Eckert contributed to studies related to Higher Education in Brazil; Lorena Holzmann enriched the debate on the Sociology of Work; and Ruben Oliven was important for the transformations of Anthropology in Brazil.

Key-words: Trajectory; intellectuals; history of education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Professores entrevistados	20
LISTA DE QUADROS	
Quadro 1 - Organização da Pesquisa	25
Quadro 2 - Artigos completos publicados em periódicos	55
Quadro 3 - Livros publicados/organizados	63
Quadro 4 - Artigos completos publicados em periódicos	72
Quadro 5 - Livros publicados/organizados	74
Quadro 6 - Artigos completos publicados em periódicos	83
Quadro 7 - Livros publicados/organizados	87
Quadro 8 - Artigos completos publicados em periódicos	94
Quadro 9 - Livros publicados/organizados	105

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Primeira década de artigos completos publicados em periódicos de Ivo
61
Gráfico 2 – Segunda década de artigos completos publicados em periódicos de Ivo
62
Gráfico 3 – Terceira década dos artigos completos publicados em periódicos de Ivo
62
Gráfico 4 – Quarta década dos artigos completos publicados em periódicos de Ivo
63
Gráfico 5 - Livros publicados/organizados por Ivo74
Gráfico 6 – Todos os artigos completos publicados em periódicos de Lorena 73
Gráfico 7 – Livros publicados/organizados por Lorena75
Gráfico 8 – As duas primeiras décadas dos artigos completos publicados em
periódicos de Clarissa
Gráfico 9 – As duas últimas décadas dos artigos completos publicados em
periódicos de Clarissa87
Gráfico 10 – Livros publicados/organizados por Clarissa
Gráfico 11 – Primeiras décadas dos artigos completos publicados em periódicos de
Ruben103
Gráfico 12 – Terceira e quarta década dos artigos completos publicados em
periódicos de Ruben103
Gráfico 13 - Quinta e sexta década dos artigos completos publicados em periódicos
de Ruben104
Gráfico 14 – Últimos anos dos artigos completos publicados em periódicos de Ruben
Gráfico 15 – Livros publicados/organizados por Ruben

LISTA DE SIGLAS

ADUFRGS	Associação de Docentes da UFRGS
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências
	Sociais
ASPHE	Associação Sul riograndense de Pesquisadores em História da
	Educação
CEDOPE	Centro de Documentação e Pesquisa
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GEU	Grupo de Estudos sobre Universidade
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
OLMA	Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de
	Almeida
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SBS	Sociedade Brasileira de Sociologia
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNE	União Nacional dos Estudantes
USP	Universidade de São de Paulo

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS PALAVRAS11
1.1 DE QUEMFALO QUANDO FALO DE INTELECTUAIS: OS PERSONAGENS 19
2 A ARTESANIA DA PESQUISA: TRAJETO TEÓRICO-METODOLÓGICO26
2.1 DO QUE FALO QUANDO FALO DE INTELECTUAIS: ESMIUÇAR OS
CONCEITOS
2.2 ENTRE NARRATIVAS, MEMÓRIAS E HISTÓRIA: APROXIMAÇÕES COM OS
PROFESSORES
3 AS TRAJETÓRIAS: O PERCURSO DOS PERSONAGENS43
3.1 AS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL E A REFORMA DE 196843
3.2 "MAIS PÃO, MENOS CANHÃO": O ATIVISMO CRISTÃO DE JOSÉ IVO
FOLLMANN47
3.3 "OPERÁRIOS SEM PATRÃO": AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO
TRABALHO COM LORENA HOLZMANN66
3.4 "O QUE DE FATO ESTAVA ACONTECENDO NO ENSINO SUPERIOR?": AS
CONTRIBUIÇÕES DE CLARISSA ECKERT BAETA NEVES76
3.5 "A ANTROPOLOGIA PODIA FAZER MAIS": RUBEN OLIVEN E SEU LEGADO
89
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS108
REFERÊNCIAS111
APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA EM HISTÓRIA ORAL115
APÊNDICE B – TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DE JOSÉ IVO FOLLMANN117
APÊNDICE C – TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DE CLARISSA ECKERT BAETA
NEVES119
APÊNDICE D – TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DE LORENA HOLZMANN121
APÊNDICE E - TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DE RUBEN OLIVEN123
APÊNDICE F – LEVANTAMENTO GERAL DO ESTADO DA ARTE125
ANEXO A - AUTODECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS E DE PROCEDIMENTOS
ÉTICOS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO146

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

De acordo com a professora e pesquisadora Beatriz Fischer¹ (2005), lembrar significa "retornar ao coração". É voltar-se para a presença de um tempo que se foi, retornar a esse constante devir. Para o filósofo Paul Ricouer (2007a), evocar memórias faz parte de um movimento essencial de uma identidade pessoal, é uma forma de estabelecer conexões significativas entre o passado, o presente e o futuro. Ainda, segundo o autor, o ato de rememorar é palpável pelos sentidos, e pode ser constantemente exercitado pelas dimensões cognitivas e pragmáticas.

Ao longo desta pesquisa, recorro a estas dimensões que Fischer (2005) e Ricouer (2007a) apresentam. Recordar foi a condição que assumi com rigor nas horas generosas em que passei com os docentes² cujas histórias aqui passarei a apresentar e estudar. Digo isso porque, no próprio exercício de construir a presente dissertação, retornei muitas vezes aos recantos mais sensíveis de minha própria jornada, sem deixar de operar com rigor as etapas dessa investigação, e exerci, dessa forma, esse processo de lembrar em todas as extensões citadas anteriormente. Recordar porque, ao solicitar essa tarefa aos professores, em parte roguei semelhante pedido a mim mesma.

Mas recordar o quê, exatamente? Enquanto pesquisadora, realizei o movimento de interrogar-me para encontrar o que me habita e o que me desloca desde que iniciei este percurso: qual a relevância de uma pesquisa histórica como essa e por que não desvendar outros tantos temas que aguardam investigações com a mesma seriedade que me vali ao longo desta dissertação?

Esse exercício de reflexão permeia minha jornada, me conduzindo à resposta que elucida minhas intenções: elegi pesquisar sobre esses docentes porque acredito e defendo, profundamente, no *trabalho do pensamento* e nos impactos que ele estabelece. Em seus múltiplos papéis na sociedade, os professores, sujeitos históricos identificados aqui como intelectuais, são reconhecidos como uma força na vida, na universidade e na produção de ideias. Portanto, historicizar sobre suas

Considerando minha inserção no grupo de pesquisa da professora Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, opto por citar o nome e sobrenome do autor(a) quando este(a) aparecer pela primeira vez de modo a visibilizar as autorias.

Para conferir maior fluidez ao texto, opto por adotar a flexão de gênero no masculino, porém não deixo de questionar o uso deste como norma para fazer referência a mulheres e homens. Desse modo, ora uso masculino, ora uso feminino e masculino, ora uso uma expressão genérica – docente.

trajetórias aparece como uma tarefa de salvaguarda com a geração e o campo intelectual. Logo, o trabalho construído (e descontruído constantemente, por que não?), que aqui se apresenta, estabeleceu-se a partir de narrativas de memórias desses sujeitos, no qual o ponto de convergência foi a formação deles em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o recorte temporal de 1964-2020. Esse recorte abrange o início de suas formações acadêmicas na graduação no curso de Ciências Sociais e se estende até o início da pandemia de Covid-19³. Se atentando ao fato de que esses(as) professores(as) produzem conhecimento até os dias de hoje, essa definição de tempo pareceu adequada e satisfatória para conhecer as principais atuações e produções intelectuais que reverberam os últimos anos dentro do campo a partir de seus percursos.

Gostaria de explicar aos leitores que a escolha desse objeto de pesquisa faz parte de minhas próprias inquietações, além do fato de ter um sentido e um motivo pessoal e essencial que compõem minha formação. Comecei a cursar a licenciatura em Ciências Sociais em 2017 e graduei-me em 2021. Em 2018, me aproximei do campo da História da Educação a partir de uma bolsa de Iniciação Científica de um projeto intitulado "A gramática escolar e suas possibilidades para a pesquisa em História da Educação: produção, conservação e utilização dos acervos escolares no Vale do Rio dos Sinos/RS, século XIX e XX", coordenado pela Prof.ª Dra. Luciane Sgarbi S. Grazziotin. Juntamente a ele, me foi oportunizado participar do grupo de pesquisa EBRAMIC - Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar.

Com essas possibilidades generosas interpelando meu caminho, o desafio e o entusiasmo em me tornar uma pesquisadora nasceu. Minhas investigações, a partir de então, envolveram uma interdisciplinaridade que sempre foram motivos de orgulho, uma vez que estudos permeados por diferentes áreas do conhecimento, como é o caso da História da Educação, me permitiram conhecer um campo multifacetado, com referenciais da História, da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia. A consequência desse encontro em meu percurso culminou em minha monografia intitulada "A docência e a pesquisa em Ciências Sociais na trajetória de

³ A pandemia de Covid-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). O vírus foi identificado pela primeira vez a partir de um surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019, espalhando-se pelo mundo em 2020.

Arabela Campos Oliven (1960-2012)"⁴. Nesse trabalho, olhei para o percurso acadêmico da professora Arabela, e produzi uma trajetória a partir de elementos de sua formação, docência e pesquisa, para então entendê-la como uma intelectual mediadora.

Portanto, fazer uso das memórias narradas por cientistas sociais nesta pesquisa, além de fazer-me "retornar ao coração" pelo fato de ser meu campo acadêmico de formação, também se configura em um seguimento de minhas investigações iniciadas na monografia que defendi. Além disso, a presente dissertação reafirma o compromisso que assumi em defender o campo das Ciências Sociais enquanto disciplina e enquanto área de produção de conhecimento. De acordo com Francisco Vargas (2014),houve diversas interrupções descontinuidades no ensino de Sociologia e na desvalorização das Ciências Sociais, que se devem a uma série de razões que vão desde as limitadas experiências didático-pedagógicas a interesses político-ideológicos e de mercado ao longo da história brasileira. Porém, essa realidade não está presente apenas neste campo. O obscurantismo, a pós-verdade⁵, a desvalorização do meio acadêmico e da ciência nos mostram hoje uma realidade social penosa, principalmente para a educação. Como afirma a autora Claudia Alves (2019), é de nos deixar perplexos os novos contornos da representação dos intelectuais de nossos tempos, onde o conceito de "intelectuais" perde força para figuras anticientíficas presentes nos grandes meios de comunicação. Portanto, destaco a importância do debate acerca dos intelectuais que tanto contribuem para a produção e divulgação de ideias para ainda permanecermos na disputa, em defesa da ciência, da produção séria e da educação.

É importante frisar que o campo intelectual é povoado por muitos personagens: famosos e infames — aqueles sem fama, como diria Michel Focault (2003). É no objetivo de reconhecer e identificar as práticas e as produções destes "sem notoriedade" que essa pesquisa se alimenta. O surgimento da noção de dos intelectual ocorreu no Caso Dreyfus, entre os anos 1894-1906, conforme a maior parte dos especialistas da área argumenta, como Jean-François Sirinelli (1994; 1996) e o sociólogo Gerárd Leclerc (2005). A construção desse conceito está

⁴ BARROS, Tainá Martins de. A docência e a pesquisa em Ciências Sociais na trajetória de Arabela Campos Oliven (1960-2012) (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

⁵ Em seu verbete, o dicionário Oxford (MIDGLEY, 2016) descreve "Pós-Verdade" como um neologismo que descreve a situação na qual, na hora de criar e modelar a opinião pública, os fatos objetivos têm menos influência que os apelos às emoções e às crenças pessoais.

vinculado ao engajamento na *cité* — noção de engajamento de um sujeito na vida da cidade como um ator público e político.

Por um lado, a categoria "intelectual" como objeto de estudo dos historiadores da educação possibilita superar algumas dessas análises que se centram na exposição das ações e feitos dos "grandes personagens". Por outro, pode esmaecer a ação dos sujeitos menos famosos. É na tentativa de distanciar-se do conceito elitista inicialmente conectado ao termo intelectual que voltarei meus esforços.

De acordo com Sirinelli (1994), existem diversas formas de definir o termo intelectual. Nesta pesquisa, recorro às suas considerações quando o autor salienta uma dessas definições, a qual retrata os intelectuais como atores envolvidos em atividades associadas à escrita e à produção de conhecimento, tanto como criadores ou como mediadores. Nessa dimensão, docentes e diversos outros profissionais podem ser compreendidos como intelectuais, engajados de forma direta ou indireta na área do saber, bem como envolvidos de forma mais ou menos ativa na cena pública — mas que ainda assim repercutem nas linhas de força que orientam a reflexão.

Nessa esteira, a partir de uma abordagem micro-histórica, o que pretendo identificar aqui são as diferenças, as marcas distintivas destes intelectuais, as redes de sociabilidade e os rastros afetivos que os interpelam, descobrindo de que maneira contribuíram para o contexto que estava em curso do Campo das Ciências Sociais. Para realizar essa tarefa, estudo as trajetórias dos professores: Ivo Follmann, destacado por suas mobilizações nas áreas socioambiental e de movimentos sociais, permeado pelo seu ativismo cristão; Clarissa Eckert, referência nos estudos sociológicos acerca da educação superior; Lorena Holzmann, pioneira nos estudos sobre as relações de trabalho com viés feminista e acerca da ditadura civil-militar brasileira; e Ruben Oliven, importante intelectual na área da Antropologia e da Antropologia Urbana no Brasil. A construção de suas trajetórias se dará a partir de suas narrativas de memória.

Inicialmente, meu objetivo residia em entrevistar, a partir da metodologia da História Oral, diversos cientistas sociais no Rio Grande do Sul os quais, a partir de suas trajetórias, fosse possível conhecer seus itinerários intelectuais. Contudo, minha pesquisa foi "afunilando" para cientistas sociais da região metropolitana de Porto Alegre e, exclusivamente, àqueles graduados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Relaciono este recorte geográfico com as etapas da minha artesania de pesquisa, e claro, às possibilidades enquanto pesquisadora que escreve uma dissertação no período de dois anos. Não chamo isso exatamente de percalço, mas ao longo de um projeto a necessidade de fazer escolhas e aceitar os desafios se faz presente. Wright Mills (2009) já dizia que nossa vida acadêmica e o trabalho intelectual desempenhado se entrelaçam num continuum, no qual aperfeiçoar o "ofício" de artesão intelectual é interpelado por alguns desafios.

Em um primeiro momento, me vali das minhas próprias redes de contato para encontrar esses personagens⁶. O professor Ivo Follmann foi meu professor na graduação de Ciências Sociais em 2019. Dessa forma, foi o primeiro docente que entrei em contato. Em 2021 conheci a professora Arabela Oliven, a qual entrevistei para minha monografia, anteriormente citada. Naquele ano, conheci seu companheiro, Ruben Oliven. Familiarizada com seu trabalho, fiz o convite para que Ruben fizesse parte também deste estudo. Por fim, Ruben indicou uma série de nomes de outros docentes, como a professora Clarissa Eckert. A partir de Clarissa, conheci Lorena Holzmann. Portanto, em um segundo momento, os primeiros professores entrevistados foram indicando, então, outros. Estes, que partilham de suas redes de sociabilidade, são próximos geograficamente entre si, o que foi circunscrevendo de forma invisível e acidental em narrativas de memórias de personagens que atuam, de certa forma, na região metropolitana de Porto Alegre. Invariavelmente, isso culminou na concentração de professores formados na UFRGS, em razão dessas indicações "aleatórias" e em cadeia relacionadas às suas proximidades geográficas, profissionais, afetivas e circunstanciais. Nas décadas em que estes intelectuais realizaram sua graduação e pós-graduação – entre 1960 e 1970, a UFRGS era a instituição mais próxima que ofertava o curso de Ciências Sociais. Portanto, é normal que seja o ponto de convergência entre os participantes.

Essa circunstância foi interessante e apareceu fortemente como algo relevante nas memórias orais. Foi possível conhecer o lócus da Universidade e um contexto da época e do curso de maneira muito mais uniforme e fácil de identificar. Com algumas distinções locais e regionais, ainda assim o que acontece a nível institucional e de produção de conhecimento reverbera em todo o território brasileiro.

⁶ Escolho utilizar essa denominação de acordo com os estudos relacionados à biografia histórica de Benito Bisso Schmidt e Alexandre de Sá Avelar (2018).

Em razão disso, duas coisas são importantes de apontar: muitas mudanças na graduação e na pós-graduação impactaram os itinerários dos professores. Uma delas foi a Reforma de 1968 que, de acordo com Martins (2009, p. 16), "gerou efeitos paradoxais no ensino superior brasileiro". Em plena ditadura civil-militar, produziu consequências que serão pinceladas ao longo das memórias que foram evocadas pelos intelectuais e compartilhadas comigo para este estudo. O segundo acontecimento foi mais difuso, mas que não deixa de ser um marco importante: a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Ao longo do texto, essas informações também são expostas e discutidas.

É por esta razão que essa investigação não se trata da UFRGS como objeto de estudo. O que quero, portanto, investigar aqui é de que maneira os itinerários de Clarissa, Lorena, Ivo e Ruben se constituíram e fizeram parte de uma produção de saber que impactou as Ciências Sociais no recorte estipulado. Não deixarei de demonstrar os vestígios que envolvem a Universidade, mas ela em si não será objeto de pesquisa.

Saliento que o referencial teórico metodológico empregado na pesquisa pertence à História da Educação e está ancorado na História Cultural. A microhistória será utilizada como abordagem e como metodologia. Para tencionar o conceito de Trajetória, mobilizo Bourdieu (2006). Para discutir acerca dos intelectuais, lanço mão de Sirinelli (1994; 1996). A metodologia que emprego é a História Oral, onde a memória é considerada documento. Para essa metodologia, me ancoro em Alessandro Portelli (2016) e Ecléia Bosi (1987). Para tecer considerações sobre a memória, lanço mão de Ricouer (2007a; 2007b), Michel Pollak (1989) e reflexões de Luciane S. S. Grazziotin (2016).

Dessa forma, o estudo tem como objetivo geral: produzir, a partir de narrativas de memória, as trajetórias de docentes inseridos no campo das Ciências Sociais, com foco em seus percursos intelectuais entre os anos de 1964 e 2020. A partir desse objetivo geral, defini como objetivos específicos:

- a) Compreender o percurso desses professores, a partir dos elementos que compõem seus itinerários de formação, atuação e produção;
- b) Identificar e refletir acerca das contribuições dos quatro docentes escolhidos, para o campo das Ciências Sociais;

c) Estabelecer conexões possíveis ou não entre os itinerários dos professores, examinando as diferenças, as marcas distintivas, as semelhanças e as redes de sociabilidade também produzidas.

Seguindo as informações e os aspectos apresentados na introdução desta dissertação, o presente estudo tem como intenção responder às seguintes problemáticas: como se deu a formação, a docência, a pesquisa e a atuação destes professores formados em Ciências Sociais entre os anos de 1964 e 2020? Há a presença do excepcional, daquilo que torna sua trajetória diferente e de impacto? Há vestígios que indicam essas características? Quais papéis desenvolvem na comunidade que envolveu a UFRGS, mas que extrapolaram seus limites geográficos? Como se construiu as redes de sociabilidade dos professores entrevistados? De que forma suas ações de produção de conhecimento reverberam no meio acadêmico brasileiro, em diferentes espaços ou no campo das Ciências Sociais?

Na primeira fase deste estudo, quando ele ainda era uma simples ideia a ser desenvolvida, realizei buscas nos bancos de dados de teses e dissertações e de periódicos on-line, realizando a apuração do número de trabalhos encontrados e aqueles que foram selecionados. Meu primeiro gesto foi determinar quais seriam meus dispositivos de busca das teses e dissertações em repositórios científicos on-line. Decidi, então, pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Os periódicos definidos foram a Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) e a Revista de História da Educação da Asphe⁷ (RHE). Reforço que essa etapa me permitiu repensar e ampliar minha temática e meu arcabouço teórico, oferecendo subsídios para criar discussões e novas reflexões, que anteriormente, por falta de inspiração ou mesmo de criatividade, não havia elucidado.

Minha pesquisa, em especial, trata-se de um tema interseccionado pelas áreas da História e da Educação, assim como da História e das Ciências Sociais. Elaborar, portanto, o estado da arte nesse âmbito possibilitou olhar para outros trabalhos já concluídos de pesquisadores neste campo, dentro da mesma temática,

_

Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, criada em 11 de dezembro de 1995, em São Leopoldo/RS, que tem por finalidade promover estudos e disseminação de informações relacionadas à história da educação. Fonte: https://br.linkedin.com/in/asphe, acesso em 14 abr. 2023.

dando a oportunidade de averiguar o que ainda possuía brechas, quais temas possuíam ausências e quais lacunas poderiam ser exploradas.

O levantamento de trabalhos foi realizado entre o período de agosto de 2022 e março de 2023. Todos aqueles estudos que foram angariados foram sistematizados em quadros, disponíveis para leitura integral dos resumos no "Apêndice F", a parir da página 117. Preciso salientar que nem todos os trabalhos e artigos que irão constar foram lidos em sua totalidade, sendo selecionados aqueles que, a partir da leitura de seus resumos, aproximam-se de forma mais assertiva com meu objeto, para então contribuírem para as reflexões que proponho aqui. Os descritores listados para as buscas foram: "intelectuais", "história da educação", "narrativas de memória", "professores(as)", "trajetória de professores(as)". Todos eles foram primordiais para que eu tivesse a possibilidade de delimitar a pesquisa atual, com destaque para a pesquisa de Leila de Macedo Varela Blanco intitulado "Convocando outras vozes: a trajetória de Maria Therezinha Machado na História da Educação Especial do Município do Rio de Janeiro"; neste estudo, a trajetória da professora Maria Therezinha Machado protagoniza a história da Educação Especial no sistema educacional da cidade em questão. A autora tem o objetivo de contribuir, por meio de narrativas e memórias desta biografia, para análise e reflexão sobre as preocupações com a formação, a docência e a Educação Especial.

Outra investigação importante nesta fase do projeto foi de autoria de Regiane Cristina Custódio, chamado "Memórias da migração, memórias da profissão: narrativas de professoras sobre suas vivências nas décadas de 1960 a 1980 (Tangará da Serra – MT)". Aqui, Regiane Trata sobre narrativas de memórias de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, aposentadas, que viveram em Mato Grosso o processo histórico de formação e consolidação de Tangará da Serra, município no qual tiveram suas experiências profissionais. A dissertação e a tese elencadas me propiciaram elementos para organizar a minha própria, como a metodologia e os referenciais teóricos.

Por fim, explicito a organização que sistematizei neste projeto: ainda neste capítulo introdutório, apresento o subcapítulo chamado "De quem falo quando falo de Intelectuais: Os personagens", onde identifico brevemente alguns apontamentos sobre o trabalho intelectual dos docentes participantes, além de apresentar a instituição que formou os professores(as) desta pesquisa.

No capítulo 2 abordo o percurso metodológico que empreguei. Inicialmente, expresso minhas considerações a partir de outros autores acerca da abordagem micro histórica, do campo da História da Educação e da perspectiva teórica da História Cultural. Em seguida, disserto sobre o conceito de trajetória. No subcapítulo intitulado "Do que falo quando falo de Intelectuais: esmiuçar os conceitos" desenvolvo a articulação do conceito de intelectual no subcapítulo seguinte chamado "Entre narrativas, memórias e História: aproximações com os professores", disserto sobre o conceito de memória e sobre o método que utilizo para construir esta pesquisa: a História Oral.

No capítulo 3 meu intuito é localizar o leitor ao recorte temporal e aos acontecimentos que envolveram os itinerários dos professores entrevistados. Realizada essa etapa, passarei a contar suas trajetórias, que, a partir dos rastros de memória que me foram compartilhados, produziram história e impactaram uma geração de cientistas sociais. Essas informações foram separadas em subseções, para tornar a leitura mais sistemática. O projeto de dissertação finaliza com o capítulo 4 de nome "Considerações finais", onde manifesto o que desenvolvi na pesquisa e encerro com as reflexões finais.

A seguir, apresento alguns pontos biográficos sobre Lorena, Ivo, Ruben e Clarissa. Considero esta etapa importante pois servirá para ambientar o leitor sobre alguns apontamentos de sua carreira acadêmica.

1.1 DE QUEM FALO QUANDO FALO DE INTELECTUAIS: OS PERSONAGENS

Comprometida com a história e com o enredo deste projeto, é importante apresentar, antes de qualquer coisa, de quem falo quando me refiro aos intelectuais. Para tanto, nesta seção identifico os sujeitos que tornaram este trabalho possível. Para iniciar essa parte do texto, reuni suas fotografias na figura 1, construída abaixo.

Figura 1 – Professores entrevistados









Lorena Holzmann

Clarissa Eckert

José Ivo Follmann

Ruben Oliven

Fonte: Elaborado pela autora⁸.

A primeira professora que aparece na figura acima se chama Lorena Holzmann. Com uma trajetória marcada pelo engajamento político, além de docente, participou da gestão universitária da UFRGS. Somado a isso, foi uma das fundadoras da Associação dos Docentes da mesma instituição (ADUFRGS) em 1978, em meio à luta pela redemocratização do país e da Universidade. Dentre as inúmeras participações na gestão da UFRGS, destacam-se a Chefia do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, de janeiro de 1994 a agosto de 1998, e a função de Pró-reitora de Graduação na mesma Universidade, na gestão 1996-1999. Também integrou a diretoria da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), de 1995 a 1997 e de 2005 a 2007.

Lorena iniciou seus estudos no curso de Ciências Sociais da UFRGS no emblemático ano de 1964 e formou-se em 1967. Em 1974, tornou-se professora dessa mesma instituição, em que permanece até sua aposentadoria com uma carreira sólida e duradoura. Suas pesquisas permearam, de forma pioneira, estudos sobre mulheres e trabalho no Brasil por uma perspectiva feminista, dedicando-se especialmente à Sociologia do Trabalho, abordando temas como inovações técnicas

_

⁸ As fotos foram encontradas nos seguintes sites: A fotografia de professora Lorena no site oficial da UFRGS, disponível em: https://www.ufrgs.br/cedcis/lorena.htm; A fotografia do Clarissa no site da Sociedade Brasileira de Sociologia, disponível em: https://sbsociologia.com.br/project/clarissa-eckert-baeta-neves/; A fotografia do professor Ivo no site oficial da Unisinos, disponível em: https://www.unisinos.br/professores/jose-ivo-follmann/; e a fotografia de Ruben em uma coluna do jornal Globo, disponível em: http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2013/02/dinheiro-regionalismo-e-musica-sao-temas-de-pesquisas-de-ruben-oliven.html. Todos esses sites foram acessados em 30 abr. 2023.

e organizacionais, gestão do trabalho, trabalho e tecnologia, sindicalismo e economia solidária. Além disso, possui publicações relacionadas ao cinema, participando do debate sociológico sobre essa temática.

A professora também foi responsável, em parceria com o professor e amigo, Antônio Cattani, a organizar a obra Dicionário de Trabalho e Tecnologia, publicado em 2006. A obra lhes rendeu o Prêmio Açorianos de Literatura, na categoria "ensaio humanidades". Foi uma das organizadoras do livro "Universidade e Repressão: Os expurgos na UFRGS", que compreende como se deu esse processo na instituição que estudou e trabalhou. Atualmente segue sendo convidada a palestrar sobre os anos de repressão na Universidade e os impactos que se descortinaram naquele período. Vale salientar que em 1987, ano de seu doutoramento, a professora foi orientada por Elisabeth Souza-Lobo, uma das mais importantes sociólogas no campo dos estudos sobre mulher e trabalho no Brasil. Ademais, Lorena publicou mais de 30 capítulos em livros, além de diversos artigos dentro da temática de seus estudos.

A segunda professora presente na figura se chama Clarissa Eckert. Clarissa foi ingressante no curso de Ciências Sociais da UFRGS no ano de 1969. Desde o início de sua formação, iniciou pesquisas vinculadas ao ensino superior brasileiro, uma vez que a Reforma Universitária de 1968 provocou impactos significativos no sistema universitário brasileiro, inclusive sobre a pós-graduação. Dentre os diversos caminhos percorridos em sua trajetória, optou por realizar o doutorado na Alemanha. Lá, orientada pelo professor Achim Schrader entre 1976 e 1979, constituiu uma rede de sociabilidade que a permitiu ajudar a fundar o Centro de Estudos Latinoamericanos (Cela) e a organizar uma revista intitulada Anuário de Estudos Latinoamericanos. Mas, essa rede de sociabilidade não se restringiu apenas ao Brasil e a Alemanha. Foi convidada e visitante em diversas instituições tais como a Universidade do Arizona, Universidade do Sul da Califórnia, Universidade de Lisboa e Universidade de Münster. Em 2007, foi selecionada no projeto "Fulbright New Century Scholar Program", que envolveu mais de 30 pesquisadores de diversas partes do mundo, sendo ela a representante do Brasil.

O período de sua formação acadêmica na Alemanha foi decisivo no processo de construção de suas principais referências teóricas. Além disso, foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia na UFRGS por três vezes. Foi ainda uma das fundadoras do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU) da UFRGS. É

considerada como uma das principais referências no campo da Sociologia da Educação no Brasil, especialmente no que tange ao debate e a pesquisa sobre Ensino Superior. Em termos institucionais coordenou inúmeros grupos de trabalho em congressos nacionais e internacionais, com destaque para sua atuação na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e na SBS, nas quais fundou e tem coordenado grupos de trabalho sobre Ensino Superior. Além disso, foi professora agraciada com o Prêmio Florestan Fernandes no XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, em 2019.

O terceiro professor na figura se chama José Ivo Follmann. Mais comumente chamado de padre Ivo, é professor da área de Ciências Sociais desde 1973, formando-se na UFRGS em 1972. Diferente das outras professoras, depois de sua formação, foi lecionar na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Neste longo envolvimento com a Universidade Jesuíta, também enquanto padre jesuíta, já exerceu diversas funções. Entre elas, foi chefe de Departamento; diretor do Centro de Documentação e Pesquisa – CEDOPE; pró-diretor de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro de Ciências Humanas; diretor do Centro de Ciências Humanas; diretor de Ação Social; vice-reitor e assessor do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas.

Em 2016, foi diretor do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), em convênio com a Unisinos, em Brasília. O OLMA é um serviço em rede de informações, análises, ação educadora e incidência na realidade brasileira em vista da promoção da justiça socioambiental. Os estudos do professor Ivo incidem no diálogo inter-religioso, na sociologia dos movimentos sociais e na perspectiva da ecologia integral, aspectos que reverberam suas produções e atuações, além de estar nas pautas do OLMA.

Além da sua formação em Ciências Sociais, o professor Ivo também tem formação em Filosofia e Teologia. O curso de Filosofia foi cursado em São Paulo e finalizado em 1973. Em São Paulo, iniciou sua militância e seus trabalhos sociais na periferia, particularmente no Bairro Perus, quando exercia os "círculos bíblicos" na comunidade. Na época, era o período de uma grande greve na fábrica de cimentos do local. Algumas lideranças daquele movimento grevista participavam dos círculos bíblicos, o que fez com que Ivo se envolvesse com as temáticas do movimento operário, vida sindical e relações de trabalho. Desde então, tem sido referência na articulação dessas ideias, principalmente nos estudos de justiça socioambiental,

temática essa que tem certa notoriedade nos dias de hoje, mas que era trabalhado pelo professor Ivo desde o início de sua carreira. Além de diversas produções, Ivo já ministrou palestras ao redor do Brasil sobre os objetos citados, além de ser uma presença constante em muitos meios de comunicação para □ulgariza-los para diferentes públicos. Hoje, divide-se entre suas ações enquanto docente da Unisinos e enquanto pesquisador do OLMA, além de outras ações. Na Teologia, enveredou em 1974.

Por fim, o último professor presente na figura se chama Ruben Oliven. Ruben possui bacharel em Ciências Sociais e em Ciências Econômicas, realizado e concluído no ano de 1968 na UFRGS. Leciona na mesma instituição desde 1970. Na instituição, é professor titular do Departamento de Antropologia.

Sempre desenvolveu pesquisas em várias áreas: Antropologia Urbana, identidades nacionais e regionais, cultura brasileira, música popular, consumo e significados simbólicos do dinheiro no Brasil e nos Estados Unidos. Nessas áreas, possui diversas produções que envolvem livros e artigos. Além disso, recebeu várias distinções, dentre as quais o Prêmio Érico Vannucci Mendes, concedido pelo Ministério da Cultura, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) pela sua contribuição ao estudo a cultura brasileira. Recebeu também o Prêmio ANPOCS de Excelência Acadêmica em Antropologia. Presidiu a Associação Brasileira de Antropologia e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Em 2018 foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, a mais alta distinção concedida a cientistas brasileiros.

Além disso, a forma como os cientistas sociais entendem a Antropologia Urbana e a Etnografia é graças a sua difusão de ideias acerca dessas esferas. Suas aulas, falas e palestras estão presentes em diversas plataformas gratuitas na internet, sendo assistidas continuamente. Essas aulas-palestras têm sido indicadas por professores da área da Antropologia como uma maneira de mediar melhor os conhecimentos da área.

Agora que identifiquei os professores e professoras dessa investigação, gostaria de brevemente identificar a instituição a qual todos eles se graduaram. Longe de aprofundar a discussão, meu intuito reside em dar um *corpus* histórico ao espaço por onde seus itinerários enveredaram. No trabalho, a ordem que suas

trajetórias aparecem se referem a mesma ordem que realizei a sistematização final das categorias que encontrei durante as análises.

Ivo, Ruben, Clarissa e Lorena se graduaram em Ciências Sociais na UFRGS. A referida universidade situa-se na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. De acordo com o site oficial da instituição, a história da UFRGS tem início com a fundação da Escola de Farmácia e Química, em 1895 e, em seguida, com a Escola de Engenharia. Com esses cursos, iniciava-se também a educação superior no Rio Grande do Sul. Ainda no século XIX, foram fundadas a Faculdade de Medicina de Porto Alegre e a Faculdade de Direito que, em 1900, marcou a inauguração dos cursos humanísticos no Estado. Mas somente 1934 foi criada a Universidade de Porto Alegre, integrada inicialmente pelas Escola de Engenharia, com os Institutos de Astronomia, Eletrotécnica e Química Industrial; Faculdade de Medicina, com as Escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio; Faculdade de Agronomia e Veterinária; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e pelo Instituto de Belas Artes.

O terceiro grande momento de transformação dessa instituição foi em 1947, quando passou a ser denominada Universidade do Rio Grande do Sul - URGS, incorporando as Faculdades de Direito e de Odontologia de Pelotas e a Faculdade Farmácia de Santa Maria. Posteriormente, essas unidades desincorporadas da URGS, com a criação da Universidade de Pelotas e da Universidade Federal de Santa Maria. Em 1950, a universidade foi federalizada, passando à esfera administrativa da União. Desde então, a UFRGS passou a ocupar posição de destaque no cenário nacional como um dos maiores orçamentos do Estado do Rio Grande do Sul e como a primeira em publicações e a segunda em produção científica, entre as federais, considerando o número de professores. O Curso de Ciências Sociais da UFRGS foi criado oficialmente em 1959, obtendo Reconhecimento Através da Lei N º 1254/50 e do Parecer N º 2085 do CFE.

Esta pesquisa tem o recorte temporal iniciado em 1964. É perceptível que Ivo, Clarissa, Lorena e Ruben iniciaram seus estudos no curso de Ciências Sociais quase que desde o princípio da sua existência na instituição. Portanto, vivenciaram o lócus, experienciando as transformações e permanências do campo, dentro e fora da instituição. Um dos meus objetivos é identificar essas experiências a partir de suas narrativas de memória.

Estabeleci um quadro que sistematizar de forma mais clara as informações gerais dos participantes da pesquisa:

Quadro 1 – Organização da Pesquisa

Nome dos(as)	Ano de	Ano de	Tempo de	Número de
entrevistados(as)/ldade	nascimento	conclusão	entrevista	Páginas
		no curso		Transcritas
Lorena Holzmann	1942	1967	1:01:00	15
Clarissa Eckert Baeta	1949	1973	2:16:13	26
Neves				
Ruben George Oliven	1945	1968	1:14:39	23
José Ivo Follmann	1944	1972	1:30:19	19

Fonte: Elaborado pela autora.

Agora que os intelectuais estão apresentados, passo para a próxima etapa. O capítulo seguinte apresenta a artesania da minha pesquisa: todo o meu percurso teórico-metodológico.

2 A ARTESANIA DA PESQUISA: TRAJETO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Durante o percurso da escrita desta dissertação, passei continuamente a me questionar sobre quais as ferramentas que poderiam me auxiliar a produzir as trajetórias da professora Lorena Holzmann e da professora Clarissa Eckert, assim como as trajetórias dos professores Ivo Follmann e Ruben Oliven. Como já apresentei anteriormente, meu objetivo é produzir o percurso intelectual desses personagens. Para realizar essa "prática artesanal" (MILLS, 2009), este capítulo pretende apresentar os conceitos e as metodologias que serão norteadores desta investigação e o percurso que caminhei para poder responder aos questionamentos desta pesquisa.

Dando sequência aos estudos que já havia iniciado em minha monografia, me vali da constatação de que a micro-história permanece como a alternativa mais apropriada para investigar trajetórias de indivíduos. De acordo com Jéssica Alves (2019), a abordagem micro-histórica instaurou-se a partir da prática de historiadores de origem italiana, francesa, inglesa e norte-americana. De modo informal, já gerava movimentações desde a década de 1970, mas só foi receber popularidade e maior destaque através de um grupo de historiadores italianos em um projeto que culminou na coleção Quaderni storici dirigida por Carlo Ginzburg, Giovanni Levi, Carlo Poni e Edoardo Grendi entre o final da década de 1970 e início da de 80.

Conforme o autor Jacques Revel (2010), a abordagem micro-histórica possibilita constituir aquilo que foi ignorado ou mesmo velado da realidade social. Carlo Ginzburg também afirma as possibilidades dessa ótica, já que "(...) movendose numa escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia" (GINZBURG, 1989, p.178). Os outros tipos de historiografia ao qual o autor se refere possuíam tendências de estudos macro-históricos. Revel, em seu texto intitulado "Microanálise e construção do social" de 1998, alega que a partir dessas vertentes se empregava continuamente uma metodologia que valorizava a longa duração dos fenômenos e as transformações a nível global, de forma a torná-los observáveis por meio da quantificação e seriação. Essa escolha não dava margem para estudos que variassem as escalas de observação.

Dito de outra forma, os estudos que se dedicam a compreender a História em um processo de microanálise foram por muito tempo desconsiderados em nível acadêmico. Entendida neste trabalho no sentido de uma produção acadêmica, a micro-história dá margem para a variação de escalas. Henrique Espada Lima (2006) e Giovanni Levi (1992) apontam que essa variação de escalas não é o estudo de um objeto pequeno, mas sim a mobilização metodológica de um objeto que pode ter diferentes dimensões. Esse tipo de mobilização metodológica oportuniza revelar fatores que, em análises de cunho macro, dificilmente poderiam ser observados.

Ainda tensionando considerações acerca deste tipo de análise, de acordo com Ginzburg (1989), devemos analisar o objeto com um olhar cuidadoso com as fontes, onde a atenção deve residir em uma observação intensa e dedicada às circunstâncias estudadas. O pesquisador, quando realizar as fases de interpretação e de análise, deverá atentar-se aos sinais ou vestígios existentes em diferentes contextos. Esses indícios podem compor qualquer tipo de informação passível de observar ou recolher, como comportamento, gestos, escolhas, produções, imagens, etc. É importante frisar que possui um rigor científico desafiador, pois é o oposto de um paradigma positivista mais conectado às observações e quantificações de fenômenos que buscam a objetividade.

Levi (1992), nessa perspectiva, cita o interesse dessa abordagem às escolhas individuais – escolhas essas que nunca estão descoladas das normas e leis instituídas pelos contextos que o indivíduo estudado frequenta ou está presente. De acordo com o autor, "[...] toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões [...] diante de uma realidade normativa [...]" (LEVI, 1992, p.135).

Nesse sentido, entendo que a micro-história serve como um aporte para essa dissertação, pois me viabiliza enxergar vestígios na trajetória das professoras Lorena, Clarissa, e nos professores Ivo e Ruben. Enquanto atores históricos, produtores de conhecimento, movimentaram a cena em múltiplas dimensões intelectuais e sociais. Em termos de escalas, suas produções e ações incutiram e reverberaram fortemente na UFRGS e em sua comunidade, mas potencialmente tornaram-se legados no Brasil e ecoaram, a partir de suas redes de sociabilidade, em outros cantos do país e do mundo.

Ainda sobre o contexto, a descrição não ficará somente nas dimensões individuais e locais dos personagens. Com base na micro-história, é possível perceber as nuances, as transformações e as permanências do campo das Ciências Sociais naquele período, campo de formação dos docentes elegidos nessa

dissertação. Isso porque, a partir da produção e da ação, das variáveis individuais e da relação destas com a comunidade da UFRGS, sob a égide do recorte temporal a ser estudado, é possível entender o universo de produção deste tempo e deste espaço. E para além disso, pois a relação a partir de outras escalas em diferentes tempos é constante e construída ao longo do texto. Suas trajetórias mostram as distinções, o excepcional, o produto de uma vida.

Revel (1998) também cita alguns argumentos sobre os artefatos de análise. O autor salienta que, para além de reproduzir aquilo que o objeto ou personagem "fala", é tarefa do pesquisador realizar distanciamentos e aproximações com o contexto social para que, então, a análise possua mais densidade e transborde para além de um personagem ou objeto isolado. Por isso, não se consideram apenas os encontros, as redes tecidas, os aspectos que deram certo. É preciso também contar os desencontros, aquilo que não funcionou como o planejado, o que muitas vezes é desconsiderado pelos próprios sujeitos das trajetórias. É por essa razão que a micro-história oportuniza investigações que tem como objeto trajetórias individuais. Mesmo que o foco esteja nos itinerários intelectuais, nas redes de sociabilidade, na propagação de ideias e nas ações políticas dos professores Ruben e Ivo e das professoras Clarissa e Lorena, suas formas de estar no mundo e sua relação simbólica com ele são extremamente importantes, inclusive para entendermos os contextos que ocuparam. Com isso, considero que o meio pessoal, familiar, escolhas de cunho privado, as desavenças, as disputas e as insatisfações são dimensões que importam e dão forma às suas trajetórias.

Com a lente da micro-história, quero entender como se deu a trajetórias dos professores escolhidos neste trabalho. O autor José D'Assunção Barros afirma que,

[...] a Micro-História lida com o fragmento como meio através do qual se pretende enxergar uma questão social ou um problema histórico ou cultural significativo. O fragmento é o que se apresenta ao historiador como caminho para realizar a sua 'análise intensiva' ou a sua 'descrição densa' [...]. São muito comuns as escolhas de 'vidas' ou trajetórias individuais para realização desta observação intensiva (BARROS, 2007, p. 175).

Os fragmentos ou as fontes não necessitam ter um número extenso, ou mesmo tipologias diversas. O importante é que, com rigor, se faça perguntas e se interprete as fontes disponíveis para responder às questões da pesquisa e assim, ter a capacidade de construir uma narrativa histórica fidedigna e crível.

De acordo com Cynthia Greive Veiga e Thais Fonseca (2008, p.19),

A história da educação está sendo entendida aqui enquanto um campo de investigações em que se torna cada vez mais necessário dar visibilidade aos seus diferentes objetos: a escola, o professor, os alunos, materiais escolares; processos e formas de aprendizagem, entre tantos outros. Nesse sentido, também se toma cada vez mais necessário dar visibilidade aos procedimentos metodológicos e referenciais teóricos que produzem tais objetos como objetos da história cultural, política, econômica e social.

Em conformidade com a ideia de dar visibilidade a objetos que antes não possuíam essa chance nas investigações, podemos acrescentar também a oportunidade que o campo ofereceu para pesquisas que colocam foco no estudo dos "homens infames", pelas palavras de Foucault (2003), que trazem para a cena acadêmica uma análise aprofundada e problematizadora da vida de sujeitos comuns. Sendo assim, apresento mais um dos motivos para me utilizar da microhistória, pois é uma abordagem possível dentro dos estudos relacionados à História da Educação.

Retomando Revel (2010), a abordagem micro-histórica entende que uma escolha particular de observação produz efeitos de conhecimento. Ao alterar as escalas de observação e "(...) variar a focalização de um objeto, não é unicamente para aumentar ou diminuir seu tamanho no visor, e sim modificar sua forma e sua trama" (REVEL, 2010, p. 248). Sendo assim, falar de sujeitos tecendo suas trajetórias por um viés histórico educativo é alternar constantemente as escalas de observação para reconstruir a trama da História com outras tantas histórias.

Ainda sobre a História da Educação, é importante salientar o que as pesquisadoras e professoras Maria Stephanou e Maria Helena Câmara Bastos (2005) argumentam. De acordo com as autoras, a História da Educação pode ser percebida como uma disciplina de formação, participando dos cursos de Pedagogia de forma predominante. Além disso, nas Licenciaturas, é considerada como um campo de pesquisa. Enquanto campo de pesquisa, não se constitui como uma ciência isolada, já que não possui uma área analítica restrita. Seu potencial teórico e metodológico situa-se como um campo interdisciplinar e multifacetado com a interseção entre a História e a Educação. Justino Pereira de Magalhães (2004) reforça a interseção que o campo histórico educativo possui, pois entende o campo como pertencente às Ciências da Educação, reiterando a complexidade da Educação e sua polissemia.

Sobre a História, Stephanou e Bastos (2005) compreendem que a aproximação com o campo se ampliou a partir da Escola dos Analles, a qual permitiu

uma expansão das noções do que é considerado fonte e das variações dos temas históricos. Além disso, provocou mudanças e deslocamentos de uma análise que antes era centrada na História Política e no apego à personagens/eventos grandiosos para uma História Social e Cultural. É nesse viés de análise que construo minha investigação.

Conforme a autora Sandra Pesavento (2005), a corrente historiográfica dos Analles pode ser localizada nos anos 1930, como uma alternativa ao marxismo. Antoine Prost (2015) considera que a corrente historiográfica dos Annales emerge a partir da revista francesa Annales d'Histoire Économique et Sociale, fundada por March Bloch e Lucien Febvre em 1929. A contribuição dos Annales residia nos objetivos e nas questões propostas, acolhendo o trabalho de disciplinas como a Sociologia, a Antropologia e a Geografia. As novas indagações produzidas permitiam compreender a um só tempo o todo e as partes, configurando uma história mais viva, diversa e inteligente.

Peter Burke (2005) destaca que, ao longo das décadas de 1960 e 1990 a História Cultural se aproximou da Antropologia, tomando emprestados diferentes termos e conceitos dos antropólogos. Com essa nova configuração, foi possível apresentar explicações sob a ótica da cultura para fenômenos até então vistos apenas como políticos ou econômicos, ampliando os estudos a partir dessa esfera, alargando os temas investigados, permitindo estudos da história da prática, da história da leitura, das representações, da memória, etc. É de encontro a esse processo de expansão que entendo e mobilizo a História da Educação, principalmente porque escrevo a partir de narrativas de memórias de sujeitos comuns, professores e professoras.

Sirinelli declara que a História Cultural é

aquela que se propõe ao estudo de formas de representação do mundo no seio de um grupo humano cuja natureza pode variar – nacional ou regional, social ou política –, e que lhe analisa a gestão, a expressão e a transmissão. Como os grupos humanos representam e se representam no mundo que lhes envolve? Um mundo sublimado – pelas artes plásticas ou pela literatura –, mas, também, um mundo codificado – os valores, o lugar do trabalho e do lazer, a relação com o outro –, demarcado – o divertimento –, pensado – pelas grandes construções intelectuais –, explicado – pela ciência – e parcialmente administrado – pelas técnicas –, dotado de um sentido – pelas crenças e pelos sistemas religiosos e profanos, como os mitos –, um mundo legado, enfim, pelas transmissões devidas ao meio, à educação, à instrução (SIRINELLI, 1994, p. 04).

Dessa forma, a História Cultural ocupa-se com um conjunto de significados e representações que são partilhados e construídos pela sociedade. A partir de um "jogo de escalas", apresenta outros temas, outros problemas e, sobretudo, a interseção entre campos disciplinares. Busca entender as diferentes práticas culturais ao longo do tempo.

Retornando às considerações de Burke (2005), o autor discorre que, pela diversidade temática possível de ser estudada pela História Cultural, é importante ficar atento para não produzir uma fragmentação excessiva no estudo construído. Contramão a essa ideia, é importante produzir uma narrativa rigorosa que leve em conta os contextos socioculturais que envolvem as pessoas comuns, salientando as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências e a sua realidade. Essas narrativas complexas irão expressar um enredo fidedigno, fluído, com múltiplos pontos de vista. Portanto, minha intencionalidade metodológica sobre a escolha pela abordagem micro histórica é novamente reforçada. Ela me dá a possibilidade, a partir do "jogo de escalas", em construir uma narrativa que difere de um retrato estático, de um fragmento solto.

Assim, inicialmente, apresentei a ótica que utilizo para construir essa dissertação: a abordagem micro-histórica. Em seguida, retomo que esta pesquisa está ancorada nos pressupostos da História da Educação a partir da História Cultural. Meu objetivo foi mostrar os entrelaçamentos do campo histórico educativo com a História Cultural, considerando a micro-história como uma ferramenta potente para produzir as trajetórias das professoras Lorena e Clarissa e dos professores Ivo e Ruben a fim de analisá-las, olhando para sua formação, atuação e produção no campo das Ciências Sociais com recorte temporal de 1964-2020. O que pretendo agora é apresentar os recursos teóricos que dão embasamento ao conceito de trajetória, uma vez que é central em meu estudo.

Para o sociólogo Bourdieu (1996), a trajetória de um sujeito precisa estar situada em seu contexto social, a fim de construir uma narrativa a partir das condições concretas ao qual esse sujeito se insere. Ainda segundo o autor, não podemos compreender uma trajetória "sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado" (BOURDIEU, 1996, p.190). Para Alves, J. (2019), estudar trajetórias de indivíduos auxilia no entendimento do micro, pois a partir dessa lente, é possível averiguar os espaços que os sujeitos

ocuparam e viveram. Além disso, dá ferramentas para entender o macro, compreendendo questões mais gerais de contextos que em outra metodologia não poderiam ser notadas. Nesse sentido, a trajetória está diretamente ligada à micro história, pois insere e relaciona os indivíduos em diferentes tempos e contextos.

Nas palavras do autor,

A rigor, não existe, ainda que esta ideia seja extremamente atrativa e sedutora ao senso comum, uma seqüência cronológica e lógica dos acontecimentos e ocorrências da vida de uma pessoa. Nossas vidas não são um projeto sartriano e não possuem um sentido teleológico. Os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, linearidade de sobrevoo que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa. Eles não se concatenam em um todo coerente, coeso e atado por uma cadeia de inter-relações: esta construção é realizada a posteriori pelo indivíduo ou pelo pesquisador no momento em que produz um relato oral, uma narrativa (BORDIEU, 1996, p. 252).

Portanto, na construção das trajetórias dos docentes Ruben, Clarissa, Ivo e Lorena, não me apeguei a tradição de produzi-las com ênfase no aspecto cronológico, para não cair em uma ilusão biográfica, também discutida por Bordieu (1996), uma vez que é "impossível dar sentido a um todo que escapa ao próprio sujeito, histórico, determinado socialmente, imerso em um universo social fora de nossos controles" (BOURDIEU, 1996, p.252). Dessa maneira, o que realizo nesta pesquisa é identificar marcas distintivas ligadas aos personagens elegidos e ao seu percorrer histórico, percebendo os vestígios deixados, dando foco em seus percursos intelectuais. Porém, não abandono seus contornos mais pessoais, sensíveis, que remontam às suas identidades. Sendo assim, suas trajetórias são o resultado construído de um sistema dos traços pertinentes (BOURDIEU, 2006).

A autora Sabina Loriga (2011) salienta as transformações e as mudanças nos estudos biográficos desde o século XVIII até o XX. Inicialmente as escritas de cunho biográfico miravam apenas na vida de reis, poetas ou soldados com certa notoriedade, voltada para os "heróis" da sociedade. A partir de século XIX temos o alargamento desse foco para as biografias dos homens comuns, associando-os ao seu contexto e quebrando a ideia de contradição entre o particular e o geral. Essas conclusões são muito interessantes para minha dissertação por algumas razões.

Essas razões são apresentadas na próxima seção deste trabalho, onde discorro sobre o conceito de intelectual que faço uso. As noções gerais desse conceito são construídas em contramão à ideia de considerar um intelectual apenas

como aquele que é detentor de uma fama ou notoriedade, relacionada à noção de "herói", possuidor e criador de conhecimento. Essas mudanças estão ligadas às transformações teóricas na produção da História em diferentes âmbitos. Hoje, é admissível historicizar trajetórias de personagens comuns, mobilizando-os à categoria de intelectuais, graças a essas mutações do fazer histórico e do advento da História Cultural.

2.1 DO QUE FALO QUANDO FALO DE INTELECTUAIS: ESMIUÇAR OS CONCEITOS

De acordo com Carlos Eduardo Vieira (2008), existe uma certa tradição dos estudos histórico educativos no Brasil sobre o tema dos intelectuais, ainda que o embasamento teórico e metodológico para investigar essa temática tenha se transformado ao longo do tempo. Conforme Vieira (2008, p.65), "os escritos de Laerte Ramos de Carvalho e de Roque Spencer Maciel de Barros evidenciam, na década de 1950, essa opção". Vieira (2008) salienta que tais autores examinaram o "movimento do espírito que anima a cultura", sempre com foco em personagens ilustres brasileiros. Os aspectos levantados, com frequência, nesses estudos dizem respeito à "ideia de universidade", bem como "das mentalidades católico-conservadora, liberal e cientificista do último quartel no século XIX – sendo assim, um marco para a história intelectual da educação brasileira" (VIEIRA, 2008, p. 65).

Nesta dissertação estou longe de fortalecer a prerrogativa de que pesquisar sobre intelectuais é buscar perscrutar o espírito que anima a cultura. Até porque, refletindo um pouco sobre a questão, acredito que a cultura se faz por diferentes tempos, espaços, materialidades e atores, sejam esses atores intelectuais ou não. Portanto, enveredo por outros caminhos.

Quando apresentei meu texto, na Introdução, mencionei que elegi pesquisar sobre os professores Ruben e Ivo e sobre as professoras Clarissa e Lorena porque acredito e defendo no *trabalho do pensamento* e em seus impactos, a partir dos múltiplos papéis na sociedade que esses sujeitos históricos adquirem. Esses docentes são reconhecidos como uma força na vida, na universidade e no campo das Ciências Sociais. Essa dissertação, então, pretende refletir sobre essas dimensões. Para tanto, este subcapítulo pretende discutir o conceito de intelectual a

partir de Sirinelli (1994). Porém, antes de iniciar essas discussões, realizo um breve panorama acerca do termo intelectual ao longo da história.

Leclerc (2005) afirma que os intelectuais têm um pouco mais de um século de existência. O termo "intelectuais" pode ser empregado antes dessa época, principalmente quando vinculado aos "intelectuais da Idade Média", aos "intelectuais da Grécia Antiga" em uma continuidade de formas. Porém, iniciando a partir do Caso Dreyfus, seu conceito gira em torno de um momento político de grandes debates públicos, com grandes autores se lançando na agitação política da época por ocasião de "grandes causas", constituindo uma "classe intelectual" de alguns nomes de notoriedade literária ou mesmo científica (LECLERC, 2005). Ainda de acordo com Leclerc (2005), em 1898 o jornal Clemenceau L'Aurore publicou uma carta aberta intitulada J'accuse (Eu recuso), na qual Émile Zola, célebre escritor e progressista, defende o capitão Alfred Dreyfus, um oficial judeu da artilharia francesa, condenado por traição injustamente. Já no dia seguinte, esse "manifesto dos intelectuais" teve diversas assinaturas apoiando a atitude de Zola no mesmo jornal, atestando a violação das informalidades que ocorreram no processo, uma vez que depois que Dreyfus foi inocentado, as investigações seguiram às escondidas, de forma que sua degradação pública não teve outros motivos se não a xenofobia do exército e do sistema jurídico da época. Nomes como Pierre Louys, Ernest Lavisse, André Gide, Marcel Proust e diversos outros compuseram as assinaturas, dando peso a carta com seus respectivos títulos (licenciado em Letras, professor da Universidade, etc.). As assinaturas foram aumentando ao longo dos dias seguintes.

Para a maioria dos especialistas do campo, sua emergência no debate público se deu no Caso Dreyfus (anos 1894-1906) na França, onde um grupo composto por membros da universidade, como professores, alunos, ex-alunos e escritores foram "batizados" como tal, de forma pejorativa, em um escândalo político. Dessa forma, é possível perceber que o conceito de intelectual partiu de uma referência ao debate público e o político, que envolveu ideologias e secularização de valores.

Edward Said (2005) em seu livro "Representações do intelectual" diz que todos aqueles que trabalham em qualquer área relacionada com a produção ou divulgação de conhecimento são considerados intelectuais. Nesse sentido, o intelectual representa, articula uma mensagem, um ponto de vista, um conhecimento, uma opinião. Ainda segundo o autor, em toda obra há sempre a

inflexão pessoal, a subjetividade e a sensibilidade que perpassam esse intelectual, o que dá sentido ao que está sendo dito, escrito ou vulgarizado.

Em conformidade com Said (2005), Leclerc (2005) sinaliza que, atualmente, essa categoria social, a partir de um olhar sociológico, precisa dar atenção aos diferentes trabalhos intelectuais, uma vez que exista uma ligação evidente com certas profissões (professores, escritores, universitários, jornalistas, etc.).

Para somar a essa discussão, lanço mão do autor Sirinelli (1994). De acordo com ele, existem duas definições clássicas para o termo intelectual. A primeira delas refere-se aos atores envolvidos em atividades associadas à escrita, tanto como criadores ou como mediadores. Portanto, de forma ampla, essa primeira definição considera os processos de criação, divulgação e recepção dos produtos culturais, em uma vasta trama. A segunda definição está mais conectada às demarcações que remetem à emergência do conceito, na época, ao caso Dreyfus, o qual corresponde ao engajamento na vida da cidade, inclusive em dimensões políticas e à participação pública na coletividade.

Essa dissertação vincula-se à primeira definição, ainda que a noção de engajamento também seja mobilizada nas trajetórias de Ivo, Ruben, Lorena e Clarissa. Quando se fala em engajamento, é necessário olhar para os contextos específicos, para as relações e interações erigidas e analisá-los como uma construção histórica. Vale lembrar que, ainda, segundo Sirinelli (1996), existem duas formas de manifestar tal engajamento: uma forma direta, mais ligada ao político, às atuações assertivas relacionadas a acontecimentos um pouco maiores; e o engajamento indireto, onde pode haver uma atitude mais reclusa ou até passiva, "[...] mas que ainda assim é capaz de repercutir nas linhas de força que orientam a reflexão geral" (SIRINELLI, 1996, p.45).

Ao refletir sobre estas noções de engajamento, é possível observá-las e estudá-las ao longo das trajetórias dos professores neste trabalho, dando possibilidade para identificar se manifestaram na produção desses intelectuais. É por essa razão que o engajamento precisa ser analisado no meio intelectual com uma pesquisa detalhada, para evitar generalizações, mitificação de intelectuais e outras premissas. Para Sirinelli (1994), jornalistas, escritores, professores e diversos outros profissionais podem ser compreendidos pela categoria do engajamento indireto, ainda que hoje essas categorias não possuam mais um status tão estático.

Nessa esteira, o autor Sérgio Augusto Vicente enfatiza que o intelectual é aquele

[...] sujeito histórico múltiplo, inserido em seu contexto, interagindo e dialogando com reflexões, ideias, pensamentos e experiências diversas que se articulam em redes de sociabilidade e interlocução que extrapolam os espaços exclusivamente reservados para a chamada "elite intelectual" (VICENTE, 2020, p. 45).

A desconstrução dessa imagem elitista do intelectual como "gênio criador", colabora para a ruptura entre a percepção de possíveis visões antagônicas de "criadores", que corresponde a "alta cultura" e os "divulgadores", que são considerados, muitas vezes, como meros "transmissores" de conteúdo para o público. Vicente (2020) reforça que o que o caracteriza o intelectual não é a transmissão unilinear e unilateral de conhecimento, mas o constante 'trânsito' entre universos socioculturais distintos. Essa chave analítica tem relação com as redes de sociabilidade.

Para Sirinelli (1994; 1996), as redes – também chamadas estruturas de sociabilidade – constituem uma ferramenta explicativa para compreender a organização e a dinâmica do campo intelectual com suas amizades e inimizades, vínculos e tomadas de posição, estando sempre atrelada ao itinerário do personagem. De acordo com Alves (2019, p.06) "se no itinerário intelectual, os encontros ocorreram por fatores alheios à decisão individual, a inserção de uma rede de sociabilidade resulta de um gesto involuntário". Dessa forma, as redes de sociabilidade demonstram as afinidades destes intelectuais estudados na presente dissertação, tanto pessoais, quanto acadêmicas e políticas, não sendo apenas de caráter racional – mas também marcadas pelas hostilidades, pelas simpatias, etc. A materialidade dessas redes pode se manifestar em grupos de pesquisa, revistas, associações, etc. Sirinelli (1994; 1996) fala dessa categoria quando destaca a importância do aparecimento de outros intelectuais dentro da trajetória do estudado, sejam aqueles conhecidos, os já esquecidos ou os pouco conhecidos - mas que tiveram uma relevância na constituição da formação, das escolhas e dos estudos daquele a ser estudado.

A partir do itinerário, podemos "detectar os pontos de encontro, as convergências de pensamento e a sedimentação de elos". (ALVES, 2019 p. 07) e analisar, a partir das redes de sociabilidade, como se cedimentaram as adesões a

esses encontros, as relações de poder estabelecidas, etc., formando o que Sirinelli chamou de "microclima" (ALVES, 2019). Procurei perscrutar as redes de sociabilidade de Lorena, Ruben, Ivo e Clarissa a partir de suas narrativas de memória, além de uma série de informações disponíveis em seus livros, artigos e outras produções. Busquei, portanto, fazer entrecruzamentos para compreender como se deram as tecituras dessas redes. Além disso, tomei o currículo Lattes de meus personagens como um documento referencial.

As categorias de itinerário intelectual e de redes de sociabilidade, a partir da historiografia, culminam na categoria geração, para iluminar as anteriores. De acordo com o pensamento de Sirinelli (1994), quando se fala em geração, deve-se atentar para um recorte histórico, circunscrito, que considera alguns eventos interpretados como históricos, marcado por alguma mudança, algum marco de virada para detectar transformações culturais em relação ao panorama que as antecede. Não se trata necessariamente de um impacto enorme, mas de novos aspectos que compõem as práticas intelectuais: podem ser rupturas de paradigmas ideológicos, de pertencimentos regionais, de faixas de escolarização, etc. A geração vai contextualizar, a partir de um recorte histórico, a trajetória de Ruben, Clarrisa, Ivo e Lorena para ser possível enxergar as outras duas categorias. De acordo com Alves (2019, p.08), "ela auxilia [...] a circunstanciar as escolhas, as possibilidades de formação intelectual, o terreno institucional, [...] o impacto das inovações tecnológicas, cruzando os níveis local, nacional e internacional". Sendo assim, a UFRGS, especialmente no recorte de 1964-2020, inicia essas demarcações de geração; contudo, elas são extrapoladas para outros espaços (como as outras regiões e países ocupados pelos professores na época, etc.).

Dessa forma, o que quero esclarecer, para estudar intelectuais e mobilizar essas categorias primárias – itinerário intelectual, redes de sociabilidade e geração – é necessário produzir e analisar suas trajetórias, identificando os elementos que evocam essas características. Para produzir e analisar essas trajetórias, utilizo as narrativas de memórias de Clarissa, Lorena, Ivo e Ruben. Sendo assim, opero com a História Oral como principal metodologia. Na próxima seção, explicito as ferramentas metodológicas que utilizo para esta pesquisa.

2.2 ENTRE NARRATIVAS, MEMÓRIAS E HISTÓRIA: APROXIMAÇÕES COM OS PROFESSORES

Ao longo do trabalho, fiz diversas inferências ao fato de que minha empiria se baseia especialmente nas narrativas de memórias de Ruben, Clarissa, Ivo e Lorena. Conferir forma e conteúdo aos seus percursos se deu a partir da memória, tomada neste estudo como documento.

De acordo com o filósofo Ricouer (2007a; 2007b), a memória possui dimensões pragmáticas e cognitivas, o que significa que ela deverá ser exercitada. Nesse exercício, aquele que rememora não irá apenas lembrar o que passou, mas construir relações constantes com o presente. Nesse sentido, "lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, 'fazer' alguma coisa" (RICOUER, 2007b, p.71), ou seja, ela passa pelos sentidos do corpo e pelos sentidos de si.

Sendo uma das funções mais complexas do mundo, a memória tem um papel importante na construção de nossas identidades e subjetividades, como afirma Ivan Izquierdo (1989). Ainda de acordo com o autor, quando se fala de subjetividades, memoriar imprime uma dimensão sensível sobre como percebemos ou sentimos o mundo.

Ainda sobre o exercício da memória, penso ser interessante acrescentar as considerações de Portelli. De acordo com o autor, "o lugar em que a memória é elaborada é a mente do indivíduo, e a maneira pela qual a acessamos é a narrativa individual" (PORTELLI, 2016, p. 20). Na esteira dessas contribuições, Ricouer (2007a) argumenta que as narrativas são uma forma fundamental de organização do tempo e da experiência humana, permitindo que criemos uma estrutura significativa para nossas vidas bem como constituir caráter de propósito em nossas experiências e ações.

Neste mesmo texto, Ricouer (2007b) nos atenta que as narrativas não são apenas formas de representar a realidade, mas também de ativamente construí-la. É por meio da entrevista de História Oral que produzi as narrativas de memórias que, após transcritas, tornaram-se os documentos a serem analisados. Esses documentos orais permitiram, a partir dos vestígios, construir as trajetórias de Ivo, Lorena, Clarissa e Ruben.

Por meio da narrativa, tais professores exercitam o ato de lembrar, remontar e reelaborar suas experiências. Quero salientar que me ancoro em Ricouer (2007b) quando opto metodologicamente por buscar compreender e interpretar, a partir das narrativas, os significados subjacentes aos fatos, em detrimento de olhar para as narrativas de forma objetiva. Essa forma hermenêutica permite uma compreensão mais apropriada das experiências dos referidos professores.

De acordo com Izquierdo (2014), somos o que lembramos e o que esquecemos. Se esquecemos, é porque selecionamos o que guardamos. Em conformidade com essas reflexões, Portelli salienta que "o esquecimento é parte necessária da memória" (PORTELLI, 2016, p. 47). Portanto, não é sobre narrar de forma objetiva, mas de entender que existem as dimensões do esquecimento acompanhado das faces do lembrar. Lembrar e narrar, nessa relação, é guardar e deletar informações, fatos e experiências vividas.

Clarissa, Lorena, Ivo e Ruben tiveram a maior parte de suas vidas marcadas pela profissão docente e pela intensa atuação e produção intelectual. Essas vivências concentraram-se, em maior parte na UFRGS, mas não só. Nas entrevistas, eles trouxeram elementos que evidenciaram aspectos de um locus intelectual, além dos modos de ser e de estar nos espaços que frequentaram a partir das redes de sociabilidades articuladas. Essas experiências guardadas e evocadas a partir de suas narrativas de memória possibilitaram a produção de suas trajetórias. De acordo com Halbwachs (2003, p. 69), "[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva". Portanto, a memória coletiva é um produto social, construído e compartilhado por grupos sociais específicos.

Pollak (1989) evidencia a dimensão dos ditos e dos não-ditos para a construção de uma memória, seja ela coletiva ou individual. Além disso, enfatiza a relevância de rastros significativos que uma pessoa ou um grupo vai deixando em suas experiências de vida e que se tornam pontos de referência para qualquer estudo histórico. Ainda sobre memória, Grazziotin (2016, p.166) salienta que,

^[...] a memória é movediça e subjetiva; não se encontra previamente organizada; [...] não se encontra em uma gaveta ou em um armário e, embora tenha grande potencial como fonte histórica, precisa ser produzida e organizada pelo pesquisador.

Em se tratando das formas de produzir e organizar os documentos orais, passo a discorrer acerca da metodologia empregada nesta dissertação: a História Oral.

A História Oral é profundamente vinculada às subjetividades das experiências vividas daqueles que narram suas memórias. Levando isso em consideração, a História Oral envolve afetação e relação. Bosi (1987) e Portelli (2016) destacam que tal metodologia, por operar e se envolver com vidas, constrói uma aproximação cara a partir do deleite de narrar e de ouvir. Portanto, é uma via de mão dupla, de escuta, conversa, atenção e construção. Ouvir e contar histórias particulares requer que se crie uma relação com honestidade e confiança entre narrador e entrevistador. Dessa forma, não há receita pronta ou um modelo de roteiro a ser reproduzido. O pesquisador, aproximando-se de seu objeto, entenderá quais serão as melhores perguntas na hora de envolver os participantes em seu enredo.

Exercitei essas dimensões ao máximo em minhas entrevistas com Ruben, Clarissa, Ivo e Lorena. Ao longo de nossas conversas, nos permitimos compartilhar com afeto e interesse a relação entre a escuta e a narração de suas memórias. Saliento que esse exercício possuiu uma nuance importante de destacar.

Todas as entrevistas foram realizadas on-line. Isso se deu por diversas razões. Uma delas reside no fato de que os participantes da pesquisa ainda atuam intensamente no campo intelectual, em diferentes frentes. Portanto, a lista de compromissos era extensa e a espera para efetuar encontros presenciais poderia ser tão grande quanto. Além disso, existiram alguns fatores pessoais e até geográficos para com meus entrevistados, como é o caso do professor Ivo, que no momento que essa pesquisa estava em construção, encontrava-se na cidade de Brasília. Dessa forma, enveredei por explorar as implicações do uso da História Oral para além da estrutura de pensamento específica de sua utilização, que enfatiza o papel da interação presencial nas entrevistas. Tal imbricamento só foi possível pelo desenvolvimento tecnológico atual que permite que essa prática tenha essa possibilidade, para além das fronteiras espaciais, alargando a potência dessa metodologia.

É evidente que, ainda que seja possível fazer História Oral de forma on-line, a própria situação é diferente daquela que teria o encontro presencial. Ainda que pareça que esta presencialidade produza mais naturalidade na hora de entrevistar, como aponta Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães:

Uma entrevista, tal qual a conhecemos, é uma convenção circunstancial, não um artefato natural carente de fervorosa proteção. A entrevista [...] já é artificial. E a comunicação – como quer que se dê – é sempre mediada. (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p.5).

Dessa forma, a mediação das entrevistas desta dissertação se deu pelo meio virtual e, ainda assim, permeou e enveredou pelos sentidos e pelo corpo, como toda História Oral busca afetar. Além disso, com a mediação do meio on-line, é possível preservar alguns dos aspectos da História Oral que possuem primazia, inclusive para ter a possibilidade de inseri-los na análise. Sobre tais aspectos,

Acionam simultaneamente vários dos sentidos dos interlocutores, potencializando a interação e requisitando-lhes maior carga de atividade além de estabelecer um ambiente ciberespacial no qual os corpos não são desmaterializados, mas reconfigurados virtualmente, por meio dos recursos disponibilizados pela tecnologia do momento" (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p.5).

Portanto, reforço que compreender o ambiente on-line como um espaço de interação e de produção de relatos de memória é possível, desde que o método da História Oral seja tomado com rigor. Assim, durante as trocas de e-mail e mensagens instantâneas, iniciando as primeiras conversas, até o momento de marcar e se preparar para as entrevistas, produziu-se afetações, deslocamentos, dúvidas, ansiedades, ainda que de uma maneira alternativa a qual estamos acostumados nessa metodologia.

Antes de partir para o próximo capítulo, destaco que, quanto às questões éticas vinculadas à essa pesquisa, o nome dos professores serão mantidos, uma vez que essa investigação tem cunho historiográfico e trata de trajetórias de vida, com base no referencial de Egodocumento. Para isso os seguintes cuidados éticos foram observados. i) Os sujeitos entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. ii) foi feita a devolutiva da transcrição da entrevista para os professores para sua apreciação e eventual exclusão do que não achar adequado. iii) Com base em Jéferson Mainardes e Isabel Cristina de Moura Carvalho (2019) foi feito, ainda, uma autodeclaração de procedimentos éticos. Pois, como argumentam os autores, a plataforma Brasil foi prevista para trabalhos da biomedicina e não contempla as necessidades e especificidades das ciências humanas.

Mesmo optando pelo modelo contratual do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atento para meu comprometimento com a sensibilidade às particularidades da pesquisa social. Meu objetivo não é burocratizar a relação, mas ir além de uma "seguridade" contratual entre pesquisador e pesquisado, uma vez que o encontro de pesquisa parte de outros fundamentos morais, além da lógica contratual "tais como a confiança no pesquisador, o desejo da escuta, a troca simbólica, a cumplicidade política ou a identificação com o tema de estudo" (DINIZ, 2010, p. 187). Tais dimensões também residem na metodologia empregada neste trabalho, que é a História Oral. Portanto, essas questões são fortemente reforçadas ao longo do emprego do método desta dissertação. Com esses apontamentos feitos, passo para a próxima seção onde contextualizo marcos e situações importantes que influenciaram as trajetórias dos participantes entrevistados. Após essa explanação, passo para os percursos de Ruben, Lorena, Clarissa e Ivo.

3 AS TRAJETÓRIAS: O PERCURSO DOS PERSONAGENS

Antes de apresentar as trajetórias dos professores que participaram deste estudo, seria importante descrever a conjuntura do Campo das Ciências Sociais no Brasil, inicialmente, para contextualizar a institucionalização, a produção e o desdobramento desta disciplina no país, para posteriormente explicitar as consequências que a Reforma de 1968 produziu na mesma, especificamente. Suas repercussões se estenderam em muitas universidades do país e em muitos campos do conhecimento, mas como esta investigação trata em exclusividade das Ciências Sociais, irei me ater a este exercício.

Minha intenção não é extenuar o leitor com um conteúdo denso sobre essas duas implicações, ou mesmo de esgotar esses tópicos. Longe disso. Meu intuito é apenas localizar o leitor ao recorte temporal e aos acontecimentos que envolveram os itinerários dos professores.

Realizada essa etapa, passarei então a contar suas trajetórias, que, a partir dos rastros de memória que me foram compartilhados, produziram história e impactaram uma geração de cientistas sociais. Essas informações foram separadas em subseções, para tornar a leitura mais satisfatória.

3.1 AS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL E A REFORMA DE 1968

De acordo com José Segatto e Edison Bariani (2010), as elaborações do que constitui mais tarde as Ciências Sociais no Brasil podem ser delimitadas historicamente na segunda metade do século XIX. Existe um certo consenso sobre o surgimento de autores e obras que auxiliaram a pensar a sociedade brasileira, mas o mesmo não acontece quando se trata dos marcos decisivos que consolidaram o caráter científico ao pensamento sociológico no país.

É importante frisar que, para realizar a delimitação histórica das Ciências Sociais no Brasil, opto por seguir a linha de pensamento de Segatto e Bariani (2010). Para os autores, é interessante ocupar-se a constituir os passos da Sociologia, em especial, devido ao seu caráter simbólico e representativo na formação do campo das Ciências Sociais no Brasil. Além disso, até 1960, não existia uma separação evidente entre Sociologia e as demais ciências sociais. Quando existia, a Sociologia prevalecia sobre as outras áreas do conhecimento, como a

Antropologia e a Ciência Política, não deixando claro se a construção intelectual fazia parte dessas duas ou se já pertencia a outros campos, como a História ou a Economia.

De acordo com Segatto e Bariani

Com a criação, nos anos 1930, da Universidade, das faculdades e cursos de Ciências Sociais (na Escola Livre de Sociologia e Política, em 1933; na Universidade de São Paulo, na cidade de São Paulo, e na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, ambos em 1934), bem como da primeira revista estritamente acadêmica da área (Sociologia, da Escola Livre de Sociologia e Política, por iniciativa de Emilio Willems) afluirá a ideia de que, naqueles anos 1930, está o marco inicial da produção científica, e de que a institucionalização é o processo por excelência do amadurecimento e desenvolvimento das ciências sociais (e da Sociologia) no Brasil (SEGATTO; BARIANE, 2010, p.102).

Os autores salientam que esta avaliação é realizada por autores que se debruçaram a construir historicamente os passos da Sociologia no país, principalmente no que tange à produção acadêmica, como Djacir Menezes (1956) e Costa Pinto e Edison Carneiro (1955). Apesar disso, Segatto e Bariani (2010) discorrem que o ensino da Sociologia nas faculdades de Direito já havia sido proposto por Rui Barbosa (1879) e no ensino regular por Rocha Vaz (1925). Também já eram ministradas aulas por Soriano de Albuquerque, na Faculdade de Direito do Ceará desde 1912. A disciplina também havia sido introduzida no Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro (a cargo de Delgado de Carvalho), na Escola Normal de Recife (a cargo de Gilberto Freyre) e do Distrito Federal (com Fernando de Azevedo) em 1928 (SEGATTO; BARIANI, 2010).

Fernando de Azevedo publicou em 1954 uma análise sobre a questão da criação da Sociologia no Brasil, separando-as em três fases: a primeira fase, anterior ao ensino e à pesquisa, na qual as obras são "antes literárias e históricas que sociológicas" (AZEVEDO, 1973, p. 317), abarcando a segunda metade do século XIX até 1928; uma segunda fase com a introdução do ensino de Sociologia nas escolas do país, de 1928 a 1935 (como anteriormente citado); e uma última, com a combinação do ensino e da pesquisa nas atividades universitárias após 1936. Sobre esta última fase, Florestan Fernandes afirma que:

Tanto a transformação da análise histórico-sociológica em investigação positiva, como a introdução da pesquisa de campo como recurso sistemático de trabalho, poderiam localizar historicamente a fase em que,

no Brasil, a Sociologia se torna disciplina propriamente científica (FERNANDES, 1958, p. 203).

Na década de 1950, Antônio Cândido tratou sobre a recuperação histórica dos nomes que contribuíram para a construção da Sociologia no Brasil. Cândido (1964) resgata, em seu estudo, a produção sociológica desde o final do século XIX até os anos 1950, destacando dois períodos definitivos para o campo: i) de 1880 a 1940, quando é praticada por intelectuais não especializados, marcada por um momento de transição de 1930 a 1940; ii) após 1940, com a consolidação da Sociologia como atividade e disciplina reconhecida, com quadros universitários que continham formação específica e uma produção no campo da teoria, pesquisa e aplicação.

No que tange a grande obra que se distingue como um marco à disciplina, Elide Rugai Bastos salienta que o início do processo de institucionalização da Sociologia nos anos 1930 ocorreu com o trabalho "Casa grande e senzala", de Gilberto Freyre. De acordo com Élide Bastos, o livro

[...] representou um ponto de inflexão, o fechamento de um ciclo: marca o momento em que a teoria social deixa de se apresentar como manifestação dispersa e surge como um sistema: a sociologia (BASTOS, 1998, p.146).

Ainda segundo a autora, o resultado deste trabalho significou "o abandono do discurso jurídico e a incorporação do discurso sociológico" (BASTOS, 1998, p.146), de modo que esta transformação tenha sido fundamental no processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil.

Para o autor Renato Ortiz, o que foi fundamental para o campo foi a emergência da geração de sociólogos da década de 1940, quando a Sociologia muda de status para ser uma "ciência", ou, mais precisamente, no momento em que a produção intelectual passa a ser ordenada pelas normas e pelos métodos do saber científico.

Isso teria produzido uma ruptura em relação ao senso comum, o discurso dos juristas, jornalistas e críticos literários, além de um distanciamento em relação à aplicação imediata do método sociológico para a resolução dos problemas sociais: uma crítica de sua utilidade" (ORTIZ, 2002, p. 182).

Outro momento emblemático para a história da Sociologia no Brasil foi a organização da obra "História das Ciências Sociais no Brasil", que contou com

diversos autores que escreviam sobre os processos de criação e institucionalização das Ciências Sociais (e da Sociologia), no Brasil. Este compêndio apresenta muitos desdobramentos relacionados às particularidades da produção intelectual e da vida acadêmica. Essa iniciativa auxiliou as análises que remetem à institucionalização das Ciências Sociais no Brasil.

De acordo com Segatto e Bariani (2010), é predominante institucionalização ser considerada o marco de nascimento e de legitimação das pesquisas sociais, assim como a criação dos cursos superiores sendo disseminados na década de 1950. Ainda na linha de pensamento dos autores, há a existência de uma corrente hegemônica que considera outro marco histórico para o campo das Ciências Sociais no país: o período posterior a 1964. Isso porque não temos mais apenas o conhecimento acadêmico e o senso comum de intelectuais de outras áreas que se esforçaram para produzir ciência social. Atualmente contamos com os professores de profissionalização e institucionalização da disciplina. A criação dos programas de pós-graduação, o apoio financeiro do Estado, a constituição de grupos representativos à ciência e à profissionalização assim como a forte busca por especialização realizaram uma grande metamorfose. Os profissionais, formados em Ciências Sociais, buscavam se localizar nos subcampos científicos que os contemplavam; era, então, reforçada a tríplice que a compõe: Sociologia, Antropologia e Ciência Política.

Esse contexto também serve para justificar minhas escolhas. Porque as trajetórias de Ruben, Lorena, Ivo e Clarissa? Justamente por estarem inseridas nesse movimento histórico e serem representativas do mesmo. Todos eles iniciaram suas atividades como estudantes a partir de 1964 e acompanharam essas modificações e os seus imbricamentos. Era início de uma nova Ciências Sociais sendo ensinada, aprendida e produzida.

Esse movimento aconteceu durante toda a década de 1964. Teve o seu auge com a Reforma de 1968. De acordo com os autores Artur D'Amico Bezerra, Thiago Oliveira Custódio e Douglas Oliveira Custódio (2018), o processo de elaboração da Reforma Universitária aconteceu em meio ao contexto da ditadura militar. Em 31 de março de 1964, o presidente João Goulart foi deposto por um golpe civil-militar. Neste período, o Brasil vivenciava um processo de desenvolvimento, principalmente do setor industrial.

Neste cenário, este governo queria realizar uma reformulação do ensino superior, no objetivo de dar às faculdades a responsabilidade e de diplomar os brasileiros para apresentar a demanda que acompanharia a aceleração do crescimento econômico no Brasil. Em síntese, a Reforma propôs investimentos para modernizar e expandir as universidades brasileiras, principalmente a pós-graduação. Paradoxalmente, contava com intenções políticas que visavam silenciar opositores pertencentes aos círculos acadêmicos. O modelo que inspirava a Reforma Universitária era o norte-americano, caracterizado por universidades mais produtivas, o que explica a mudança e o aumento das produções intelectuais da geração seguinte de cientistas sociais. Houve impacto também na criação de universidades privadas.

Enquanto fui construindo os percursos dos professores e de suas memórias, objetos deste estudo, são perceptíveis as nuances da Reforma Universitária em sua formação e atuação. Ora de forma positiva, ora de forma negativa, as correlações vão tomando forma e imbricando as experiências pessoais e profissionais. A seguir, veremos como isso se sucedeu.

3.2 "MAIS PÃO, MENOS CANHÃO": O ATIVISMO CRISTÃO DE JOSÉ IVO FOLLMANN

O professor José Ivo Follmann foi o primeiro entrevistado. Já nos conhecíamos. Durante minha graduação em Ciências Sociais na Unisinos, Ivo lecionou algumas das muitas disciplinas que assisti. Enquanto estávamos nos habituando ao ambiente virtual, ajustando o microfone, a câmera e a cadeira onde descansamos o corpo, o professor Follmann me presenteava com seu sorriso acalorado.

Atualmente, ele reside em Brasília e trabalha na sede do Olma. O Olma foi criado pela Província dos Jesuítas do Brasil para observar em profundidade as grandes questões emergentes da realidade do país em diversos territórios, se propondo a desenvolver ações de documentação, sistematização, reflexão, formação e articulação de forma a colocar em sinergia a Rede Jesuíta. Seu objetivo é buscar, sobretudo, uma interlocução contínua com os diversos atores dentro e fora da Igreja.

Claramente, a atuação de Ivo neste observatório não é coincidência. Dedicou sua vida acadêmica, militante e profissional às demandas socioambientais vinculadas aos atores sociais de diversos âmbitos, além de buscar ressignificar o apostolado social. Em seus últimos trabalhos, ampliou uma chave de leitura que, na última década, tem se tornado um axioma poderoso para analisar a conjuntura social: a Ecologia Integral. Esse paradigma também tem sido o norteador das ações do Olma.

Mas, antes de prosseguir, gostaria de retornar ao momento da entrevista. Ivo estava na sede do Olma, entre um compromisso ou outro, atendendo à minha demanda. Desde o início, marcar nossa entrevista foi rápido e simples. Mesmo sendo um intelectual de agenda cheia, dividido entre compromissos acadêmicos, religiosos e com o Observatório, lembro de sua intensa organização durante nossas trocas de e-mail para conseguir um horário que realmente estaria ali, por inteiro. Encontrei o professor aberto a participar, curioso para também ser envolvido. Ativo.

Encarando um ao outro através da tela, entre acaloradas boas-vindas e sorrisos, algo me saltou aos olhos. À esquerda de Ivo, observo um grande quadro preso à parede branca. Nele, tons de bege e marrom se contrastam, predominantes. Somado a essas duas cores, só há mais uma, transitando com sombreados; ora um cinza claro, ora escuro. Uma mulher negra, de véu bege brilhante (como uma santa), segura um bebê negro que veste apenas uma camiseta bege, com a bunda de fora. A mulher encara quem estiver observando, resiliente, forte, quase imperturbável. Seu vestido é cinza. Atrás de sua figura estão sobrepostas casas claras. À primeira vista, um bairro pobre. O céu é marrom.

Esta é a minha visão: a parede branca, o quadro com os olhos daquela mulher que me examina e o professor Ivo sorridente. De imediato sou tragada pelas minhas lembranças da graduação; mais precisamente, quando passava horas no Diretório Acadêmico do curso de Ciências Sociais. Lá, o ambiente era sempre acolhedor. Nunca faltava café e as paredes brancas eram recheadas de pinturas e quadros vinculados à resistência de mulheres e homens, negras e negros, indígenas e sujeitos LGBTQIA+. O espaço era ocupado por símbolos e signos que brandiam liberdade, autonomia, resistência, igualdade e justiça. Foi nesse sentimento familiar que iniciei a entrevista.

Um dos motivos para a minha escolha de entrevistar padre Ivo parece ter sido explicado pelo quadro. Há algo de distintivo em sua trajetória. Um menino com um

sonho de estudar além da quinta série, sair do interior e tornar-se seminarista - ainda que de início a religião não fosse um grande amor. Um homem que dedica sua vida à justiça socioambiental e encontra integração disto com o ofício de ser padre. Antes de tudo, saliento que marcas distintivas não tem o objetivo de generalizar. Muito menos tornar Ivo menos infame, numa tentativa de distingui-lo dos demais intelectuais como único entre muitos, no campo das Ciências Sociais.

Porém, como que em um paradoxo, procuro distinção. Contudo, essa distinção reside no meu desejo de analisar as diferenças do seu itinerário, contrastar com o itinerário dos outros professores, observar os contextos de atuação e produção a partir de indícios, propor novas perguntas: essa é a potência de uma trajetória. As diferenças revelam multiplicidade e é a partir delas que poderei conhecer um fragmento de uma época, remontar à cena intelectual de um campo. Conhecer alguém que foi sujeito nesse lócus.

O quadro que aprecio atrás de Ivo mistura elementos sociais e religiosos. Como a carreira de Ivo fez ao longo de décadas de trabalho. Em minutos, nossa entrevista começa. Situando-se cronologicamente, Follmann conta que é do interior de Cerro Largo, no Rio Grande do Sul, pertencente a uma família de pequenos agricultores, perto de Linha Santa Fé. Em sua infância, frequentava a escola São Francisco, criada pela comunidade.

Sua família é de descendência germânica. Ivo é a 5ª geração dos familiares que chegaram da Alemanha. Seu pai pertencia a região do Hunsrück e sua mãe a região da Bohemia, ao norte da Tchecoslováquia. Recorda-se que a região de Hunsrück é localizada perto de Trier, local onde nasceu Karl Marx, pensador importante das Ciências Sociais e que influenciou muitos acadêmicos da área, inclusive Ivo.

Sendo o 7º filho de uma família de 10 crianças (sem contar o 11º que não chegou a viver um dia), havia então 5 meninas e 5 meninos. De acordo com Ivo, era um contexto cultural e social bastante pobre na época, bastante modesto, mas ainda assim havia felicidade e muito trabalho. Em termos religiosos, eram de uma cultura católica bastante fechada na época, sem abertura, sem conhecimento de outros horizontes possíveis. Havia orações diárias, com missa obrigatória aos finais de semana. Para participar dela, a família se deslocava 5km a pé, às vezes 12km, quando a igreja mais próxima não realizava as missas. Ivo recorda que até hoje, na

casa de um de seus irmãos que vê com mais frequência, ainda é intensamente sagrado realizar as orações diárias na mesa de jantar.

A escola ficava perto da igreja, portanto, eram 5 quilômetros para frequentá-la também. Ida e volta, eram 10 quilômetros. Nos dias mais quentes havia o partilhado de um cavalo; no inverno, não havia como utilizar o animal.

Ivo lembra que disputava muito o primeiro lugar e as melhores notas. Buscava decorar tudo na escola e na catequese. Quando podia, além de usar os bancos de madeira da capela para praticar, pedia para sua mãe escutá-lo. Ela não entendia nada em português, mas ouvia o filho atentamente e com paciência. Antes da Segunda Guerra Mundial havia muitos falantes de alemão nas comunidades do interior e muitas escolas mantinham o alemão como língua principal. Depois da guerra, houve uma mudança neste cenário. Seu pai, que lidava com o comércio, conseguia falar um pouco de português. Ivo retrata o quanto o admirava. Quando era muito moço, ainda não falava português, então observava seu pai aprender o idioma do zero, apenas trocando frases com os "peões do campo". Ivo só foi aprender este idioma quando iniciou seus estudos na escola.

Movimentando sua narrativa um pouco à frente, Ivo conta que sua trajetória foi um pouco diferente da maioria dos colegas da área, por ter decidido ser seminarista e padre. Muitos que iam para o seminário buscavam nesse caminho a única forma de estudar. No início, houve certa resistência de sua parte, mas logo depois, refletindo sobre os aspectos positivos dessa possível escolha, optou por entregar-se, saindo de casa aos 11 anos de idade. Nesse momento da narrativa, percebi que sua vida foi marcada por muitas mudanças de cidades e estados. Deime conta de que essa transitoriedade acontece desde muito cedo em sua trajetória.

Depois de cursado as séries iniciais, Ivo se muda para Salvador do Sul, então município de Montenegro, ainda no Rio Grande do Sul, para o Colégio Santo Inácio. Com isso, ficava o ano inteiro ausente de casa, porque sua família não possuía dinheiro para arcar com viagens. A partir do segundo ano do colegial seus estudos passaram a ser em Florianópolis, em Santa Catarina, no colégio catarinense dos jesuítas, também um internato, mas já em uma vivência maior no contexto urbano.

Ivo narra que depois de dois anos de noviciado, foi frequentar a faculdade de Filosofia em São Paulo. A faculdade havia sido criada recentemente, era bem reconhecida, localizada na Via Anhanguera, com um bom corpo de professores na tradição dos jesuítas. Foi ali que conheceu o curso de graduação em Ciências

Sociais, interessando-se. Logo depois, tomou a decisão de cursá-lo paralelamente à Filosofia. Isso aconteceu na década de 1960.

A narrativa de Ivo possui, indiscutivelmente, uma cronologia linear. Lembrando com clareza de detalhes do início de seu percurso, não se atém a datas, mas aos lugares. Me explica suas experiências com cores, com profundidade. Pouco o interrompi. Sinto que o que mais fiz foi transitar através de seus passos, percorrer o caminho de um sujeito que migrava para lugares onde a ordem dos jesuítas lhe apresentava oportunidades e vivências.

O quadro mais vívido foi sobre a sua explicação acerca da escolha do curso de Ciências Sociais. Ele já estava cursando Filosofia; já estava nutrindo sua natureza curiosa, em busca de conhecimento. O que o fez acolher essa decisão de um outro curso?

Sua resposta iniciou relatando que o motivo foi muito simples: Em São Paulo, nos finais de semana, realizava círculos bíblicos. Ali estava ocorrendo, em 1967, a grande greve da fábrica "Cimentos Perus". Durante os círculos, ainda se sentindo um estudante inexperiente, Ivo deparou-se com muitos militantes sindicais que estavam participando de sua reunião. Esses militantes sabiam muito de sindicato, mesclando seus conhecimentos às reflexões bíblicas a partir do contexto que estavam vivendo. Ivo, ali, se sentia muito atrapalhado, tendo dificuldade para fazer as mesmas articulações. A palavra "admiração" surge novamente. Era esse o sentimento.

Conversando com um colega sobre o ocorrido, surgiu a sugestão: por que não fazer Sociologia *para preparar-se melhor?*

Aqui, vemos a chave de análise que o professor Ivo passou a utilizar em sua trajetória pessoal e intelectual: para entender o povo e conhecer melhor a realidade vivida por ele, a Sociologia poderia lhe auxiliar. É possível observar o mundo relacional que estava se formando a partir de suas escolhas em um contexto efervescente. Ser um bom padre, para Ivo, significava entender o que estava acontecendo e se aproximar daqueles sujeitos que precisavam dos círculos bíblicos. Na micro-história, todo o pesquisador precisa partir da premissa de que os sujeitos são sempre portas para se pensar o que não é aparente. Decididamente, um padre escolher cursar Sociologia para entender a militância e apoiá-la não me parecia algo aparente.

É importante frisar que os primeiros dois anos do curso de Filosofia e Ciências Sociais cursados por padre Ivo ocorreram em São Paulo. Ivo retrata que esse perído foram intensos, com muito contato com os movimentos populares e, sobretudo, o movimento estudantil. Juntou-se à massa que gritava "mais pão, menos canhão! Mais pão, menos canhão!".

Recorda-se que, em 1968, participou ativamente dos movimentos da União Nacional dos Estudantes (UNE) na Universidade de São Paulo (USP). Naquele tempo, José Dirceu era o presidente da UNE e visitava sua universidade juntamente com outras lideranças do movimento estudantil da época. Aqui, neste momento da sua narrativa, é a primeira vez que um nome de reconhecimento público aparece. Me pergunto quais as sensações que foram despertadas nesses encontros, nessas reuniões, nessas partilhas de ideias e ideais políticos? O que passava na cabeça deste padre, estudante de Ciências Sociais?

O que posso fazer é remontar as peças através dos vestígios que escuto. O tom da narração desse trecho é alegre, animado. Há, ali, o peso da comoção. Muitos estudantes, até hoje, devem ter passado e continuam passando por experiências similares àquelas narradas. Contudo, toda vivência atravessa o corpo pelos sentidos e as conexões sensoriais que ocorrem são únicas para cada um. Me pergunto o quanto de combustível foi criado a partir das experiências de Ivo com a militância no início de sua formação acadêmica, colocando-o em posição de reflexões constantes entre o real e o teórico.

No final de 1968, ano da Reforma Universitária, Ivo conta que, por razões institucionais que não entendia bem na época, os jesuítas que eram do Rio Grande do Sul foram convidados para continuar seus estudos de Filosofia em tempo de férias, em formato intensivo, para logo iniciar o estágio. Ali, com seu curso de Ciências Sociais em andamento, viu-se em uma situação difícil quando foi transferido para o colégio Anchieta em Porto Alegre. Nesta instituição, buscou auxílio com o diretor do colégio, na época o padre Paulo Englert, pertencente a uma família bastante influente em Porto Alegre. Englert conseguiu matricular Ivo na universidade federal local, a UFRGS. Era, então, regime militar.

As coisas haviam mudado um pouco. Ivo recorda que na UFRGS, um de seus professores o convidou para tomar uma cerveja. Era um recém-chegado. Achou o convite estranho, mas o aceitou. Descobriu que o professor queria investigar se Ivo

tinha relações com o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)⁹ no intuito de averiguar se era um agente do regime militar. Para além desse tipo de experiência, também relembra momentos muito felizes, aproveitando o campus universitário e as amizades que conheceu no caminho, até se formar em 1972 em Filosofia e em Ciências Sociais.

Temos, então, outro salto na narrativa. A lembrança do professor relacionado ao DOPS desperta outra recordação atrelada à ditadura. Dessa vez, a recordação não é mais de quando Ivo era estudante, mas quando era professor do colégio Anchieta em Porto Alegre, o que aconteceu logo depois de se formar. Um dia, foi surpreendido sendo convidado para uma reunião de pais e mestres por causa do conteúdo de sua disciplina de cultura religiosa. A reunião era sobre a cartilha que estava utilizando na aula. Sua capa tinha um desenho, uma logomarca da SonoViso do Brasil - um SV, retratando as iniciais. Ali, naquele desenho, os pais encontraram, de alguma forma, uma foice e um martelo. Havia também a estrela de Belém nela, pois era uma cartilha de uma disciplina de Ensino Religioso, mas ela também foi associada aos partidos comunistas da época. Rememora que foi alguns dos absurdos que vivenciou naquele tempo e naquele contexto. Uma histeria que ia além do racional.

Em 1972 iniciou o curso de Teologia. Ivo retrata que sentia uma certa ansiedade por estudar o aspecto religioso da sociedade, coisa não muito explorada na UFRGS. No Mestrado começou a se dedicar mais afundo sobre a temática da divisão das religiões, principalmente. Ainda que sentisse falta desse tipo de assunto no curso de Ciências Sociais, conta que vivenciou um bom aprendizado, com bons professores na perspectiva marxista de análise da sociedade. Teve aulas ministradas na UFRGS com o professor João Guilherme Correa de Souza. Na hora da entrevista, quando este nome apareceu, um pequeno alarme soou. Relembrei, portanto, que a professora Arabela Oliven, com quem realizei uma entrevista em meu trabalho de conclusão de curso, já havia mencionado esse nome, como seu professor. Outra entrevistada que participa desse estudo, a professora Lorena Holzmann, também narra sobre ele.

⁹ Um dos principais órgãos repressivos responsável por sequestros, torturas, mortes e desaparecimentos durante a ditadura brasileira. Disponível em: https://encurtador.com.br/lpCPS Acesso em: 18 fev. 2024.

Há aí uma aparente rede de relações. João Guilherme, de acordo com a Sociedade Brasileira de Sociologia, inovou o ensino da disciplina na UFRGS, formando gerações de estudantes que, como profissionais, se multiplicaram como docentes nesta e em outras universidades, além de sociólogos em instituições públicas e privadas. Não produziu muito em vida, em termos acadêmicos, mas tornou-se referência em lecionar, um professor sociólogo, nos moldes antigos de se fazer docência. Mesmo considerado improdutivo nos termos atuais, influenciou muitos intelectuais extremamente produtivos: a geração de cientistas sociais que veio a seguir. Alguns deles, objetos desta pesquisa.

As temáticas do curso de Ciências Sociais, no relato de Ivo, eram bem rígidas, focadas nas três ciências sociais: Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Havia pouca oportunidade de pesquisa prática. Sua experiência com pesquisa durante a graduação aconteceu somente em São Paulo.

Depois da formação, fez especialização em Cooperativismo e em História Contemporânea. Foram suas primeiras experiências de pós-graduação, presentes no plano de aula dos professores da Universidade. Em 1981 Ivo conquista uma bolsa para realizar o Mestrado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Só em 1990 entra no doutorado em Sociologia, dessa vez na Bélgica. A bolsa, em especial, foi possível por suas atuações na PUC de Porto Alegre, na formação de clero, e por ministrar aulas sobre Ensino Religioso na Faculdade de Viamão. Concluiu sua tese em 1994.

Esses dois momentos de Mestrado e Doutorado foram muito importantes para sua trajetória acadêmica, pois eram exclusivamente para o estudo. Não tinha outras responsabilidades. Apenas durante o Mestrado lembra-se de atuar fortemente nas periferias de São Paulo; residindo lá, estava sempre muito envolvido em movimentos populares.

Nesse momento da narrativa, diz que buscou focar em sua vontade de estudar Sociologia e ser religioso sacerdote. Para Follmann, esse casamento era desafiante: a militância cristã, como sacerdote cristão e transitar entre o campo das Ciências Sociais como investigador e pesquisador. Sente que sempre vivenciou esse agravante que é ser um padre, ser um jesuíta, um religioso e um profissional sociólogo. Muitos não conseguem entender isso. Já o questionaram. Para Ivo, observando sua trajetória, sempre fez sentido. Seu percurso o levou a isso. Bem como suas escolhas.

Quando Follmann voltou do Mestrado, retomou suas atividades na Unisinos. Morava na Vila Duque, um bairro pobre de São Leopoldo, considerado o bairro mais violento na época. Lá, Ivo assessorava os movimentos populares e os movimentos de igreja que aconteciam. Foi neste lugar que entendeu que deveria explorar a dinâmica afetiva entre as pessoas, a afetividade, aquilo que faz com que alguém se engaje ou não em um movimento. Por fim, fecundou uma ideia: estudar o papel e o lugar do indivíduo na sociedade, por meio de grupos.

Em 1989, participou da 1ª grande campanha do então candidato à presidência da república Luís Inácio Lula da Silva. O político também a realizou no salão paroquial, na Vila Duque. Isso fez com que Ivo colocasse sua atenção à identidade dos católicos no Partido dos Trabalhadores (PT), pessoas que tinham ao mesmo tempo uma ligação forte na religião, na Igreja Católica, e por outro lado, uma grande mobilização por dentro do partido político, atuando nos movimentos populares e organizações de classe. O Doutorado aconteceu na Bélgica, com orientação de Jean Remy, sociólogo belga.

Antes de partir para as vivências de docência do professor Follmann, gostaria de apresentar algumas informações relacionadas à sua produção intelectual.

Abaixo, sistematizei 2 quadros que organizam os artigos completos publicados em periódicos, bem como livros publicados e organizados. Para tanto, o Lattes foi tomado como documento. Nele, ainda há a presença de capítulos de livros, entrevistas para jornais e revistas, projetos de pesquisa, além de diversos outros itens relacionados à produção acadêmica. Contudo, elegi aqueles citados anteriormente para melhorar a organização do argumento e para acompanhar a lista sem cansar o leitor.

No quadro a seguir, temos os artigos completos publicados em periódicos. O quadro está organizado de acordo como aparece no Lattes, ou seja: artigos mais recentes acima e artigos mais antigos abaixo.

Quadro 2 - Artigos completos publicados em periódicos

FOLLMANN, J. I. Acadêmico e militante: legados do Pe. José Odelso Schneider, em sua vida de combate às desigualdades sociais. PERSPECTIVA ECONÔMICA (SÃO LEOPOLDO. ONLINE), v. 16, p. 80-92, 2021.

FOLLMANN, J. I. Justiça e Reconciliação. Mediação (Curitiba), v. 33, p. 10-13, 2020.

FOLLMANN, J. I. O Cuidado da Casa Comum: como caminho de espiritualidade e justiça. Convergência (Rio de Janeiro. 1968), v. 54, p. 58-69, 2019.

FOLLMANN, J. I. Justiça Socioambiental e Vida Religiosa Consagrada. Convergência (Rio de Janeiro. 1968), v. LIV, p. 50-60, 2019.

FOLLMANN, JOSÉ IVO. Brazil, Catholic religion and education: challenges and prospects. International Studies in Catholic Education, v. 9, p. 76-88, 2017.

FOLLMANN, J. I.; GABATZ, C. Secular state and freedom of religion in Brazil: The Brazil-Holy See Concordat and the "General Law of Religions". Revista Ciências Sociais Unisinos, v. 53, p. 233-254, 2017.

GONCALVES, T. M.; FOLLMANN, J. I. Relações entre Ser Humano e Natureza: Uma Reflexão sobre a Sociedade Contemporânea. CRIAR EDUCAÇÃO, revista do Programa de Pósgraduação em Educação UNESC, v. 6, p. 15-22, 2017.

FOLLMANN, J. I. Religião, Laicidade e Democracia: Apontamentos sobre o Brasil. CADERNOS DO CEAS, v. 236, p. 170-184, 2016.

FOLLMANN, J. I. Dialogando com os Conceitos de Transdisciplinaridade e de Extensão Univesitária: Caminhos para o Futuro das Instituições Educacionais. INTERthesis (Florianópolis), v. 11, p. XX-XX, 2014.

FRANCISCO, T. M. S.; FOLLMANN, J. I.; GIOVANNI, E. N.; GONÇALVES, Teresinha Maria. A Praça, a Poética e os Processos de Identidade: Desvelando Aspectos da Identidade Urbana. RA'E GA: o Espaço Geográfico em Análise, v. 31, p. 91-116, 2014.

FOLLMANN, J. I. Cidadãos do Mundo: amor, diálogo e religião. Diálogo (São Paulo), v. 76, p. 14-19, 2014.

FOLLMANN, J. I. Produção do conhecimento e processos religiosos de identidade: apontamentos transdisciplinares para refletir sobre a Academia e o Ensino Religioso. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, v. 17, p. 205-229, 2014.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. A Categoria Raça nas Ciências Sociais: revisitando alguns processos políticos, sociais e culturais da história do Brasil. Ciências Sociais Unisinos, v. 49, p. 26-29, 2013.

GONÇALVES, Teresinha Maria; FOLLMANN, JOSÉ IVO; GIORDANI CHRIST, ADRIEL; PRUM, MARIA BERNADETE SERAFIM VIOLA; RICKEN, LUCAS DA SILVA; DA SILVA, ISRAEL SOUZA; TOMAZI, GREICE MICHELS. Desvelando identidades através de retalhos de histórias de vida: práticas de psicologia social. Revista Ciências Sociais Unisinos, v. 49, p. 164-173, 2013.

PHILOMENA, G. L. B.; FOLLMANN, J. I.; GONÇALVES, Teresinha Maria. Aspectos da cultura do carvão em Criciúma SC: a história que não se conta. História Unisinos, v. 16, p. 244-255, 2012.

FOLLMANN, J. I. Processos de identidade versus processos de alienação: algumas interrogações. Identidade!, v. 17, p. 85-88, 2012.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. Negros e Brancos no Brasil: três pontos reflexão. Revista Identidade, v. 16, p. 269-278, 2011.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, A. A. Afrodescendentes em São Leopoldo: memória coletiva e

processos de identidade. Ciências Sociais Unisinos, v. 47, p. 141-152, 2011.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, A. A.; MARIA, Letícia Pereira. Afrodescendentes em São Leopoldo: retalhos de uma história dominada. Cadernos IHU (UNISINOS), v. 30, p. 05-23, 2009.

ASSUMPÇÃO, Jorge Euzébio; FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. A temática afrodescendente: aspectos da história da África e dos afrodescendentes no Rio Grande do Sul. Cadernos IHU (UNISINOS), v. 5, p. 4-5, 2007.

FOLLMANN, J. I. Igreja Católica: alguns apontamentos sobre sua história, estrutura e identidade. Cadernos IHU (UNISINOS), São Leopoldo, RS, v. 17, n.-, p. 40-46, 2006.

FOLLMANN, J. I.; SCARLATELLI, Cleide Cristina. Lições Milenares do Oriente Hinduísta para uma Conduta Ética na Sociedade de Hoje. REVER (PUCSP), São Paulo, SP, v. 4, n.6, p. 18-42, 2006.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. Imagens, Símbolos e Identidades no Espelho de um Grupo Inter-Religioso de Diálogo. Cadernos IHU (UNISINOS), São Leopoldo, RS, v. 4, n.19, p. 01-43, 2006.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. Práticas Sociais Religiosas: um estudo sociológico pontual. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, RS, v. 42, n.3, p. 206-216, 2006.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. Diálogo, Religião e Identidades. Identidade!, São Leopoldo, RS, v. 09, n.0, p. 18-24, 2006.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, Adevanir Aparecida; SPOHR, Inácio José; ANDREATTA, Cleusa Maria; NORONHA, Marcelo Pizarro; KRONBAUER, Jaime; BAUERMANN, Débora Barbosa; ALVES, Ubirajara. O Mundo das Religiões em Sapucaia do Sul. Cadernos IHU (UNISINOS), São Leopoldo, RS, v. 3, n.10, p. 01-36, 2005.

FOLLMANN, J. I. A Segmentação do Conhecimento é um Fruto Perverso da Modernidade. Revista do IEEE América Latina, São Leopoldo, RS, v. 4, n.153, p. 09-13, 2005.

FOLLMANN, J. I. O Desafio Transdisciplinar: alguns apontamentos. CIÊNCIAS SOCIAIS UNISINOS, São Leopoldo, RS, v. 41, n.1, p. 53-57, 2005.

FOLLMANN, J. I. Água: conhecimento, cidadania e bem comum. Cultura Vozes, Petrópolis, RJ, v. 97, n.2, p. 5-12, 2003.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, Adevanir Aparecida; SPOHR, Inácio José; SCHWEINBERGER, Geraldo Alzemiro. O Mundo das Religiões em Canoas. Cadernos IHU (UNISINOS), São Leopoldo, RS, v. 2, n.-, p. 1-35, 2003.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, A. A.; SPOHR, I. J.; CERVEIRA, C.; SCHWEINBERGER, G. A.; FREIRES, O. G.; CESAR, T. S. O Mundo das Religiões em Novo Hamburgo. Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo, v. 14, n.17, p. 03-40, 2002.

FOLLMANN, J. I. Identidade como conceito sociológico. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo - RS, v. 37, p. 43-66, 2001.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, Adevanir Aparecida; SPOHR, Inácio José; JAHN, C. A.; FREIRES, O. G.; CESAR, T. S.; SCHLEGER, E.; SCHWINGEL, M. H.; MASERA, E. O Mundo das Religiões em São Leopoldo. Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo, v. 16, p. 1-43, 2001.

FOLLMANN, J. I. A terra de Santa Cruz, 500 anos depois. Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo - RS, v. 15, p. 6-9, 2000.

FOLLMANN, J. I. O mundo das religiões e da religiosidade, dois mil anos depois: Um comentário sobre o diálogo inter-religioso. Notícias - Jesuítas do Brasil, São Leopoldo - RS, v. 227, p. 27-30, 2000.

FOLLMANN, J. I.; JAHN, C. A.; FREIRES, O. G.; CÉSAR, T. S.; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. O Mundo das Religiões em Esteio. Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo, v. 15, p. 3-36, 2000.

FOLLMANN, J. I. A questão social no Brasil de hoje. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo - RS, v. 35, n.154, p. 269-274, 1999.

FOLLMANN, J. I. O lugar social da educação: Educação a serviço da vida e da esperança. Revista Educação Ciência e Cultura, Canoas - RS, v. 4, n.1, p. 97-108, 1999.

FOLLMANN, J. I. O lugar sociológico do sujeito individual. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo - RS, v. 35, n.155, p. 39-58, 1999.

FOLLMANN, J. I.; JAHN, C. A.; PINHEIRO, A. A. O mundo das Religiões no Município de Cachoeirinha. Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo - RS, v. 14, p. 3-35, 1999.

FOLLMANN, J. I. Brasil de 1998: Reflexão sobre o momento político. Renovação, Porto Alegre, v. 1, p. 2-10, 1998.

FOLLMANN, J. I. Evolução identitária dos católicos na política: Uma hipótese sobre o caso brasileiro a partir de 1930. Cadernos do Cedope Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo - RS, n.13, p. 3-42, 1998.

FOLLMANN, J. I. O papel do intelectual no mundo atual: uma reflexão com educadores. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo - RS, v. 1, n.1, p. 9-26, 1997.

FOLLMANN, J. I. Igreja e missão na cidade. Renovação, Porto Alegre, v. 1, p. 22-23, 1997.

FOLLMANN, J. I.; SEGALA, A.; SPOHR, I.; REDIN, C. Comunidades Eclesiais de Base - CEBs/Estado do Rio Grande do Sul. Cadernos Cedope Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo - RS, v. 1, n.8, p. 3-50, 1996.

FOLLMANN, J. I. O ser católico: diferentes identidades religiosas. Revista do IEEE América Latina, Rio de Janeiro, v. 6, n.26, p. 17-25, 1996.

FOLLMANN, J. I. Religião, Política e Identidade: Os Católicos no Partido dos Trabalhadores no Brasil. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo RS, v. 30, n.139, p. 85-110, 1994.

FOLLMANN, J. I. Les Catholiques et le Parti des Travailleurs au Brésil. Social Compass, Louvain la Neuve, Bélgica, v. 41, n.4, p. 483-501, 1994.

FOLLMANN, J. I. Religião, Política e Identidade: Católicos no Partido dos Trabalhadores no Brasil. Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo, RS, n.09, p. 03-25, 1994.

FOLLMANN, J. I. Igreja e Cidade: Apontamentos sociológicos para indicação de alguns desafios. Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo RS, n.2, p. 05-25, 1990.

FOLLMANN, J. I.; GUARESCHI, P. Visión Pastoral de la Realidad en América Latina Hoy. Documentacion, Piriápolis, Uruguai, n.12, p. 32-54, 1990.

FOLLMANN, J. I.; ARNHOLD, Alcido. A eleição vista por dois semanários católicos. Comunicações Iser, Rio de Janeiro, v. 9, n.38, p. 19-26, 1990.

FOLLMANN, J. I. Participação da Igreja no Processo de Democratização no Brasil (1985-1990). Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo, v. -, n.3, p. 5-13, 1990.

FOLLMANN, J. I. Educação Popular, Cidadania e Universidade. Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo, RS, n.01, p. 07-15, 1989.

FOLLMANN, J. I. Conjuntura Eclesial: Memória de algumas análises. Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo, RS, n.01, p. 09-36, 1989.

FOLLMANN, J. I.; GUARESCHI, P. Visão da Realidade, na Perspectiva Pastoral em Puebla, 1979. Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo, RS, n.01, p. 37-58, 1989.

FOLLMANN, J. I. Conjuntura eclesial: memória de algumas análises do momento conjuntural da Igreja católica. Cadernos CEDOPE. Série Religiões e Sociedade, São Leopoldo, n.1, p. 07-18, 1989.

FOLLMANN, J. I. Comunidades Eclesiais de Base e Grupos Evangélicos Pentecostais: Semelhanças e Diferenças. Ceca Informação Formação Experiência, São Leopoldo, RS, v. 1, n.3, p. 22-32, 1989.

FOLLMANN, J. I. Conjuntura Social e Eclesial. Revista do IEEE América Latina, Porto Alegre, v. -, n.37, p. 04-17, 1989.

FOLLMANN, J. I. Igreja, Ideologia e Classes Sociais. Comunicações do ISER, Rio de Janeiro, RJ, v. 3, n.12, p. 47-51, 1984.

FOLLMANN, J. I. Participação Cooperativa e Mudança Social. Perspectiva Econômica, São Leopoldo, RS, v. 10, n.27, p. 51-72, 1980.

FOLLMANN, J. I. Conseqüências Sociais da Monocultura Soja/Trigo. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo, RS, v. 16, n.56, p. 65-84, 1980.

FOLLMANN, J. I. Aspectos do Processo de Favelização em Pequenas Cidades de Regiões de Cultivo de Soja e Trigo no Rio Grande do Sul. Perspectiva Econômica, São Leopoldo, RS, v. 09, n.22, p. 53-113, 1979.

Fonte: Elaborado pela autora com base na produção científica do entrevistado.

Observando o quadro acima, nota-se que a primeira década de artigos completos publicados de Ivo giram em torno da favelização de pequenas cidades de regiões de cultivo de soja e trigo no Rio Grande do Sul, as consequências sociais da monocultura de soja e trigo na região metropolitana do Vale do Rio dos Sinos e o Cooperativismo. Em seguida, temos a inserção de estudos relacionados a atores sociais, com pesquisas relacionadas à ideologia, mudança social e participação política, até culminar em estudos da comunidade eclesiástica e outros aspectos religiosos. Por fim, temos o conceito de educação popular e cidadania complementando os primeiros anos de produção. Claramente, a influência de seus primeiros anos de militância, a pós-graduação em cooperativismo e o seu envolvimento religioso enquanto cristão foram o combustível para os primeiros artigos. Ivo conta que, quando estava em São Paulo cursando o Mestrado na PUC, no início da década de 1980, tinha o desejo de estudar o fenômeno que estava acontecendo na época: a movimentação das comunidades de base.

Lembra-se que quando conheceu o professor Bolívar Lamounier¹⁰ confessou a ele que queria estudar na PUC-SP porque acreditava ser uma instituição marcada por dar força ao movimento da teologia da libertação da igreja. Queria analisar esse movimento, por um viés de esquerda e sociológico. Um tempo depois descobriu que Lamounier era liberal, com posicionamentos completamente diferentes. Professor Ivo cita outros nomes públicos que lecionaram para ele na época do Mestrado: Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Luiz Eduardo Wanderley; todos professores que tinham sido aposentados prematuramente na USP pelo regime militar e que agora eram docentes na PUC.

É visível novamente uma rede de relações: a presença de intelectuais públicos de ambos os polos políticos reverberando na trajetória de Ivo, produzindo ecos vestigiais. Não há como saber se Ivo lembra-se de outros nomes, aqueles com menos fama. Provavelmente sim. Porém, o interessante é refletir que as memórias que foram evocadas pelo professor são aquelas permeadas por personagens famosos. De repercussões notáveis, que movimentaram o cenário sociológico nas décadas de 1980 e 1990.

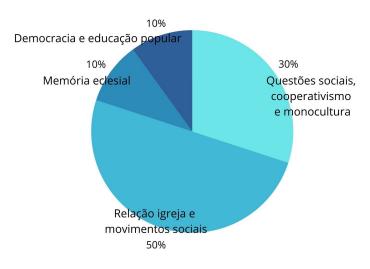
Este intelectual é um sociólogo e cientista político brasileiro que foi o primeiro diretor-presidente do IDESP (Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo). Foi uma influência renomada na Ciência Política brasileira, sempre presente na imprensa do país.

A próxima década de produção intelectual voltou-se principalmente à redemocratização do Brasil e seus desafios, ao conceito de identidade atrelado à igreja, a ação política atrelada aos religiosos, o papel do sujeito intelectual em um novo contexto político, entre outras relações alternativas a essas. Essa década foi marcada pelo entorno político que o Brasil estava vivenciando. A Constituição de 1988 estava vigorando e as transformações dos agentes sociais estavam em curso, pois a democracia era vigente. Por um viés bastante sociológico, observa-se que o professor Follmann, a partir de suas lentes, rapidamente leu as mudanças da realidade brasileira e as traduziu em análises.

A terceira década de produção é uma das mais frutíferas, em termos multidisciplinares. O professor Ivo explora o diálogo inter-religioso, as relações entre as diferentes religiões que existem e suas interfaces com o conceito de identidade. Para alargar as discussões, propõe para a análise os conhecimentos produzidos por essas religiões, por meio de práticas culturais.

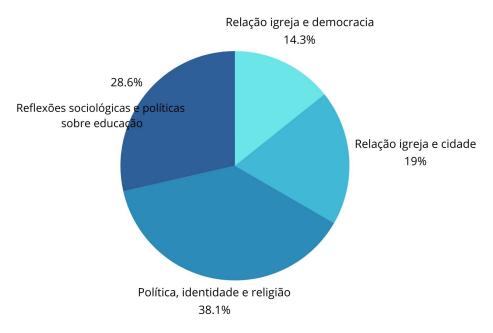
Por fim, a última década de produção culmina todos os conceitos já desenvolvidos até então, acrescentando interseções como raça, produção de saberes, religião e cidadania, indivíduo e natureza, noções de cuidado e de justiça. Atualmente, estes seguem sendo o modo de leitura, de atuação e de produção de Ivo. Construí um gráfico para melhor visualização das décadas de escrita de artigos do professor:

Gráfico 1 – Primeira década de artigos completos publicados em periódicos de Ivo



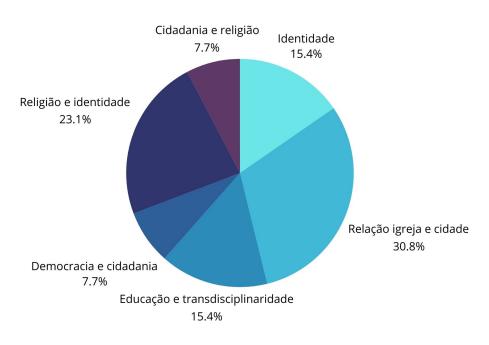
Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

Gráfico 2 – Segunda década de artigos completos publicados em periódicos de Ivo



Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

Gráfico 3 – Terceira década de artigos completos publicados em periódicos de Ivo



Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

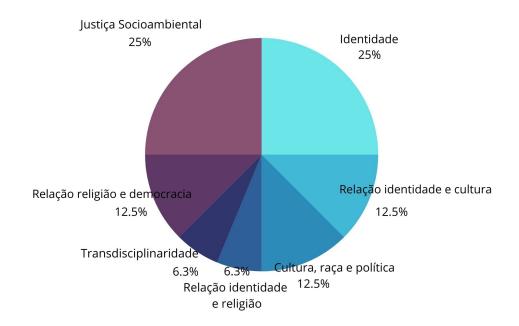


Gráfico 4 – Quarta década de artigos completos publicados em periódicos de Ivo

Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

O quadro a seguir explicita os livros publicados e organizados pelo professor Follmann:

Quadro 3 - Livros publicados/organizados

GEI/RCS/CPAL, G. E. I.; FOLLMANN, J. I.; LACERDA, L. F. Marco de Orientação para o Estudo e o Trabalho com Ecologia Integral. 1. ed. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2022. v. 1. 38p.

FOLLMANN, JOSÉ IVO. Ecologia Integral: abordagens (im)pertinentes. 1. ed. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2021. v. 3. 197p.

FOLLMANN, JOSÉ IVO; CASTRO, Carlos Alfredo Gadea; LACERDA, L. F.; PELEGRINELLI, G.; BARBOSA, M. D. L.; MENDES, A. L. F.; SOUSA JUNIOR, G. C.; ASSUMPCAO, B. G.; AQUINO, R. P. N.; CARVALHO, L. J. Políticas Públicas: debates sociológicos pontuais. 1. ed. São Leopoldo RS: Editora Casa Leiria, 2019. v. 1. 140p.

FOLLMANN, J. I. Dialogando com Jessé Souza. 1. ed. São Leopoldo RS: Casa Leiria, 2018. 211p.

FOLLMANN, J. I.; PINHEIRO, A. A.; BERTUZZI, D.; SANTANA, J. F.; DAMASCENO, M.; JACOBSEN, M. A.; COSTA, R. A.; RODRIGUES, S. C. R. C. Processos de Identidade, Relações Étnico-raciais e Relação Religiosas. 1. ed. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2017. v. 1. 93p.

PINHEIRO, A. A. (Org.); FOLLMANN, J. I. (Org.); ASSUMPCAO, J. E. (Org.). Memórias Reversas e a Educação das elações Étnico-raciais. 1. ed. São Leopoldo: Casa Leiria, 2016. v. 1. 158p.

PINHEIRO, A. A. (Org.); FOLLMANN, J. I. (Org.); ASSUMPCAO, J. E. (Org.). Coleção NEABI - Refazendo Laços e Desatando Nós Volume 3. 1. ed. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2016. v. 1. 158p.

FOLLMANN, J. I.; PIZZATO, L. (Org.). Demarcando as Nossas Pegadas nas Trilhas da Sociedade Sustentável. 1. ed. São Leopoldo: Casa Leiria, 2015. v. 1. 96p.

FOLLMANN, J. I.; LOPES, José Rogério (Org.). Diversidade religiosa, imagens e identidade. 1. ed. Porto Alegre: Armazem Digital Comunicação Ltda, 2007. v. 1. 322p.

FOLLMANN, J. I.; SCARLATELLI, Cleide Cristina da Silva (Org.); STRECK, Danilo Romeu (Org.). Religião, Cultura e Educação: interfaces e diálogos. 1. ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2006. v. 1. 186p.

FOLLMANN, J. I.; SOUZA, lelbo Marcos Lôbo de (Org.). Transdisciplinaridade e Universidade: uma proposta em construção. 1. ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003. v. 1. 128p.

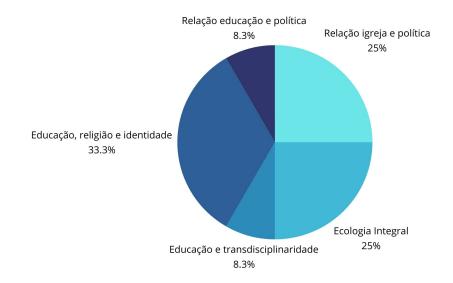
FOLLMANN, J. I. Igreja, Ideologia e Classes Sociais. 1. ed. Nova Petrópolis: Vozes, 1985. v. 1. 207p.

Fonte: elaborado pela autora com base na produção científica do entrevistado.

O primeiro livro publicado, em 1985, é o resultado de sua dissertação de Mestrado, publicada pela Editora Vozes, que o procurou para lançá-lo. Ivo conta que quando retornou à Unisinos como professor, distribuiu alguns exemplares impressos. O texto está na íntegra e até hoje é citado. Os outros livros acompanham os assuntos de seus artigos: propõem temáticas que envolvem diálogo interreligioso, sustentabilidade, identidade, raça e educação. O último, coroa seus estudos atuais: a Ecologia Integral como lente para olhar para as desigualdades socioambientais.

Segue esquema em formato de gráfico:

Gráfico 5 – Livros publicados/organizados por Ivo



Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

Sobre sua experiência com a docência, Follmann já havia evidenciado lecionar na educação básica, no colégio Anchieta, em Porto Alegre. Na Unisinos, iniciou em 1973. Convidado pelo chefe do departamento, o Pe. Martinho Lenz, tornou-se professor da disciplina de "Introdução à Sociologia". Contudo, salienta que suas atividades relacionadas ao ato de lecionar sempre estiveram atravessadas por cargos administrativos e pela gestão. Em 1976 foi eleito coordenador do departamento de Ciências Sociais, permanecendo por 3 gestões. Também foi pródiretor de Pesquisa de Ensino e Extensão em meados da década de 1990, além de vice-reitor por 10 anos da Unisinos. Em muitas vezes, tinha a sensação de que esses cargos prejudicavam a docência. Relata que sentiu a diferença de quando deixou de ser vice-reitor e retornou exclusivamente às atividades de docência. Porém, logo depois foi liberado pela Unisinos para participar de um projeto nacional da província dos jesuítas. É onde se situa agora: como diretor do observatório de justiça socioambiental em Brasília, o Olma, pertencente à província Jesuíta. Este projeto tem interface com instituições de todo país e de outros países da América Latina.

Porém, lecionar sempre foi muito divertido e inspirador para o professor Ivo. Gosta de falar e ensinar sobre as temáticas que tanto dedicou a sua vida. Por fim, era como se sua narrativa terminasse onde começou. Algumas outras coisas foram ditas, repetidas, evocadas de outra maneira, repassando uma informação. Ivo mencionou seu amor ao campo, a natureza, ao que faz. Sorriu e riu bastante,

salientou gostar de compartilhar suas memórias, disse estar aberto para o que eu precisasse.

Trocamos alguns cumprimentos, nos despedimos prometendo um ao outro manter a comunicação sobre esta pesquisa e sobre seus frutos. Aos poucos, fomos nos despedindo extasiados pelas horas de conversa. Me despedi de Ivo e do quadro pendurado na parede do Observatório. Mas não me despedi de sua trajetória. Sua vida única e as reverberações do que fez enquanto intelectual ainda permanecem enquanto digito essas páginas. Não morrerão depois de terminar de escrevê-las: ficam vivas por cada leitura realizada nesta dissertação. Por cada sujeito que utiliza de suas pesquisas para continuar fomentando o campo das Ciências Sociais no país.

3.3 "OPERÁRIOS SEM PATRÃO": AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO COM LORENA HOLZMANN

Minha entrevista com a professora Lorena Holzmann foi a última a ser realizada. Já havia lido algumas informações sobre sua carreira quando ainda realizava minha graduação em Ciências Sociais. Era dia 15 de setembro de 2022. Estava frio. Enquanto realizava os ajustes para nossa chamada de vídeo adquirir o som adequado, a tela foi melhorando os pixels e uma imagem surgiu. Lorena estava linda: vestia um suéter vermelho que combinava com seus óculos de grau. O que vejo às suas costas é um cenário aconchegante: uma espécie de escritório que possui alguns livros, paredes brancas e um rádio de tamanho considerável.

Quando trocamos e-mails para marcar nosso encontro, fui obtendo minhas primeiras impressões. Sempre gentil, sucinta e objetiva, acertamos um horário livre de empecilhos para as duas partes e logo tivemos a oportunidade de poder conversar. A narrativa, como é de costume para alguém que conta sobre sua vida, inicia de forma cronológica.

Lorena nasceu no dia 24 de dezembro de 1942. Isso significava que iria completar seus 80 anos dentro de 3 meses. Nasceu em Porto Alegre, no bairro Floresta. Era o mesmo local onde sua mãe nasceu. Seu pai era natural de Curitiba, vindo muito menino para Porto Alegre. Todos os seus avós eram estrangeiros, oriundos da Europa.

O primeiro colégio que lembrava de frequentar localizava-se a 3 quadras de sua casa, um colégio de freiras, atrás da igreja São Pedro. Me conta com alegria que é a irmã do meio, de três filhas. As primeiras memórias que ecoam são de seus passeios em família ao morro Ricaldone, ao parque Farroupilha, além de lindos verões em Capão da Canoa, inicialmente em hotéis, depois em um pequeno chalé construído por seu pai para acomodar melhor a família.

Lorena me comunica que seus pais se casaram muito jovens e possuíam baixa escolaridade, ainda que conseguissem se virar com a pouca educação que tinham. Sua mãe era costureira. Aos 18 anos abandonou a profissão para se casar, no ano de 1939. seu pai havia tido uma vida muito difícil, pois seus avós paternos vieram de algum lugar da Rússia, passando por dificuldades financeiras e estruturais.

Seu pai foi operário. Com 12 anos sofreu um acidente na fábrica onde trabalhava, perdendo o dedo indicador da mão esquerda. Contudo, ao longo dos anos, foi adquirindo uma qualidade de vida cada vez maior, proporcionando uma vivência mais tranquila à sua família. Durante muito tempo, trabalhou no comércio como sócio de uma empresa importadora em Porto Alegre. Depois, passou a trabalhar no setor de seguros.

Neste momento percebi que seus pais não haviam tido contato constrito com a comunidade acadêmica. A professora Lorena discorre que foi a primeira da família a entrar na universidade, pois não foi de interesse de sua irmã mais velha.

No início, houve a paixão por livros. Tudo o que chegava em suas mãos era lido. Balzac, Victor Hugo... seu refúgio. Quando terminou o ginasial não sabia muito o que fazer. Por recomendação de uma professora, prepararou-se para realizar um exame de ingresso no Instituto de Artes. Reprovada, enveredou por outro caminho. Nesta parte de sua trajetória, decidiu realizar o Curso Normal na escola experimental Dom Diogo de Souza, localizada no bairro Cristo Redentor, em Porto Alegre.

A escola tinha uma proposta inovadora proveniente de um grupo de professores da Secretaria de Educação do município. De um colégio rigoroso de freiras, Lorena migra então para uma instituição que sentia mais liberdade. Chegou a conclusão de que naquele espaço poderia ser ouvida e que teria a possibilidade de compartilhar suas opiniões. Neste trecho da conversa, a professora salienta que sempre gostou muito de política, mas que sentia a necessidade de entendê-la

melhor, pois o que lia no jornal de seu pai sobre o assunto ainda lhe parecia muito nebuloso.

Incomodada com isso, pesquisou quais eram os cursos que disponibilizam o conhecimento que queria sobre política. Descobriu as Ciências Sociais. No fim, relata que acha isso até um pouco irônico, já que a partir do Mestrado optou pela Sociologia em detrimento da Ciência Política.

Passou a cursar Ciências Sociais em uma instituição pública próxima: a UFRGS. Era então 1964. De suas lembranças, acredita que não tenha sido um curso muito bom. Somente no quarto ano de curso (na época, as disciplinas eram organizadas por ano, não por semestre), notou melhoras. Com orientação do professor João Guilherme, adentrou nos clássicos e as discussões de maior fôlego começaram a acontecer.

Senti uma lâmpada acender. Novamente o nome do professor João Guilherme Correa de Souza aparece como uma influência positiva.

Ainda na graduação, foi bolsista na disciplina de Política. Como estava evocando memórias relacionadas à 1964, recordou-se de algumas coisas relacionadas à ditadura militar. Lorena diz que vivenciou todo seu curso de graduação neste período, fazendo com que a partir dessas vivências começasse a entender como as coisas estavam funcionando. Este era o seu contexto: uma mulher cursando Ciências Sociais por gostar tanto de política, em pleno regime militar no Brasil.

Lorena narra que nunca participou de nenhum grupo específico de militância, mas estava incluída nos debates, nas atividades e nas passeatas junto de sua irmã, com quem muitas vezes precisou fugir da polícia. Saltando um pouco no tempo, conta que 1968 foi um ano trágico, pois foi o ano em que um menino foi assassinado no Rio de Janeiro, no restaurante Calabouço, por policiais. No fim daquele mesmo ano, o Al5 entrou em vigor, dificultando as participações, repreendendo as atividades. Sendo assim, afastou-se um pouco do olho do furação.

Em 1972 começou a dar aula na PUC-RS. Lorena então era mãe de um filho pequeno. Nesta mesma época, realizava o curso de Mestrado. De início, não imaginava que iria se enveredar pelo mundo do trabalho, na perspectiva sociológica. Estava inserida em um grupo de estudos onde discutiam sobre migração. Pensou ser este o seu objeto de estudo, a partir de algumas informações realizadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Analisando a

situação, deu-se conta de que manipular todos aqueles dados seria um trabalho dispendioso, uma vez que teria que ser feito à mão.

Lorena estava em 1975. Ano em que a ONU instituiu o dia 8 de março como Dia Internacional das Mulheres. Acreditou ser uma temática perfeita a ser pesquisada em tempo oportuno. Isso decidido, realizou sua dissertação utilizando dados censitários dos anos 1920 a 1970, construindo o papel e o percurso da trabalhadora mulher neste período.

Em 1978, iniciou suas atividades de docência na UFRGS. Agora nesta instituição, observou novas movimentações políticas, diferente daquelas que vigoravam em seus anos como estudante. Surgia então uma iniciativa que tinha como objetivo articular professores de universidades. Engajada, ajudou a criar a Associação de Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fazendo parte da primeira direção da ADUFRGS, além da segunda, terceira, realizando por fim outras atividades dentro da associação, até se afastar.

Na Universidade de São Paulo, houve uma reunião com as associações. Lá, descobriram que a ADUSP, a Associação de Docentes da Universidade de São Paulo, havia escrito um livro chamado "O livro negro da USP", onde estavam registrados todos aqueles que haviam sido expurgados dentro da USP, entre professores e alunos.

A ADUFRGS rapidamente teve a ideia de escrever o seu. Lorena fez contato com professores cassados e realizou a organização de alguns documentos para inserir na obra, fazendo com que o livro com os expurgos da UFRGS nascesse. Quando a ADUFRGS fez trinta anos o livro foi reeditado, com o engajamento, principalmente, de professores como Arold Altabon, da área da Matemática, e da professora Maria Assunta Campilon, que foi diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Aqui observamos a primeira rede de relações tecidas que é citada pela professora Lorena. Curiosamente, ela é interdisciplinar. É interessante pensar que um dos alicerces da carreira de Lorena, para além da perspectiva feminista do trabalho, tenha sido a salvaguarda de memória do tempo de ditadura militar na instituição que estudou e trabalhou. De interesse de muitos, essa responsabilidade se tornou também dela na medida em que se envolveu em outros cargos para além da docência ou mesmo da pesquisa.

Revisando novamente o livro, os três professores escreveram uma nova introdução, repassando o que tinha acontecido trinta anos antes e por que da nova edição. Nesse ínterim, Lorena se tornou referência desta republicação. Nesta época, houve um pedido do conselho universitário de revogação dos títulos de *honoris causa* que foram atribuídos ao Costa e Silva e ao Médici. Foi realizada uma audiência pública e convidaram a professora para participar, vinculando-a completamente à temática.

Essas aparições não se restringem só nesse momento de sua trajetória. Como frente da ADUFRGS, comandou uma greve em 1984, que teve duração de quase três meses com o objetivo de realinhar os salários dos professores. Com algumas parcerias e conflitos, buscou ser corajosa e se manter determinada nas pautas.

Em relação a sua docência, Lorena conta que logo que se graduou, deu aula por um ano na PUC-RS. A professora relata que não sentia tranquilidade para enfrentar uma sala de aula. No fim daquele ano letivo, se afastou da universidade. Contudo, o professor Sérgio Alves Teixeira, que havia sido seu professor na graduação da UFRGS, lhe convidou para fazer parte do grupo de professores que iria trabalhar no primeiro ciclo da UFRGS em um curso básico. Participou desse momento, fez concurso para professora assistente, podendo então, em 1984, realizar o concurso para professora titular. Essas etapas todas aconteceram antes da realização do seu Doutorado.

Outro nome interessante aparece na entrevista. Sérgio Teixeira foi professor do Departamento de Antropologia da UFRGS durante mais de 30 anos e foi um dos fundadores do programa de pós-graduação em História, que o teve como coordenador entre 1986 e 1990. Foi um dos responsáveis na UFRGS pelo impulso à pesquisa antropológica de sociedades urbanas, impulso esse que influenciou gerações, como o professor Ruben Oliven, que também produz sobre essa temática e é objeto dessa investigação.

Em seu Doutorado, na USP, a professora Lorena foi orientada pela professora Elisabete Sousa Lobo, uma gaúcha que era estudante de Letras no mesmo período que a professora. Sua tese foi sobre o estudo da cooperativa Valegui de Fogões, que havia entrado em processo de falência e sido então recuperada pelos trabalhadores na forma de cooperativa.

No final da década de 1980, as discussões em torno de empresas recuperadas haviam iniciado. Como a professora Lorena já estava inserida no mundo do trabalho, achou oportuno iniciar suas análises nessa esfera. A professora evoca de suas memórias que Paul Singer leu seu trabalho e compartilhou em seus círculos de estudos e de debate que sua tese era referência nos assuntos relacionados à economia solidária.

Para situar o leitor, Paul Singer é outro ponto de contato de envergadura na trajetória de Lorena. Economista e sociólogo, participou do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), que se constituiu em importante núcleo da *intelligentsia* brasileira de oposição à ditadura militar. Além disso, ajudou a fundar o PT e tornou-se referência na temática.

O intrigante é refletir que em 2002, Singer publica o livro mais famoso já escrito sobre o assunto: "Introdução à Economia Solidária", movimentando também a cena das Ciências Sociais. Depois de uma década inserido e articulado, aprendendo como funcionava a recuperação de empresas e fábricas, não seria loucura imaginar que os primeiros aprofundamentos de Singer tenham se estabelecido ali, ao encontro das publicações de Lorena.

Sempre nos perguntamos o que influencia um intelectual público, quais são os livros que compõem sua estante, que leituras acadêmicas foram realizadas para despertar suas primeiras indagações. Pelo menos, com Singer, sabemos que por trás de algumas de suas conclusões, há o trabalho de uma mulher que aos poucos flertou com o mundo do trabalho e por fim tratou da economia solidária de forma séria e substancial.

Sobre sua docência, Lorena retrata que lecionou sobre diversas coisas, como Sociologia Rural, Sociologia Urbana, Metodologia de Pesquisa. Sempre que conseguia, tencionava o mundo do trabalho e a forma como a sociedade se organizava ao redor disso. Sempre teve boas relações com os alunos e se lembra com carinho das experiências de docência. Em seu relato, não há vestígios de rememorações específicas, tive receio de estar prolongando demais nossa entrevista, mas seguimos conversando por mais alguns minutos.

Começamos a conversar sobre a pesquisa. Descobri que Lorena não pesquisa mais nos dias de hoje. Contou que no início de suas investigações, estudava o trabalho taylorizado. Depois o modelo japonês e, em seguida a fábrica, até que conheceu uma "ilha de fabricação", de manufatura, que é uma forma de

organizar a produção ocupada somente por mulheres. Conforme o mundo do trabalho mudava, as diretrizes de análise de Lorena também mudavam.

Além de motivos pessoais, Lorena narra que o motivo por se distanciar das pesquisas acadêmicas têm relação com seu amor pela literatura. Ainda assim, acompanha trabalhos de grande envergadura de colegas, participa de congressos e outros espaços em que é convidada, como bancas, escrita de introduções e prefácios de livros, etc.

Também cita que ama o cinema, tem publicado resenhas e um livro sobre essa arte. Um livro de sua autoria que vale o destaque, dentre tantos, é o chamado "Trabalho no cinema (e uma socióloga na plateia)", que aborda alguns dos filmes importantes na história do cinema, ou mesmo aqueles onde o trabalho aparece por alguma perspectiva de análise sociológica. Abaixo, estão dois quadros que sistematizam a produção de artigos completos publicados em periódicos e os livros publicados e organizados:

Quadro 4 - Artigos completos publicados em periódicos

HOLZMANN, Lorena. O trabalho por conta própria no Brasil. Revista Paranaense de Desenvolvimento, v. 34, p. 119-137, 2013.

HOLZMANN, Lorena. RESENHA. Cadernos CRH, v. 24, p. 693-696, 2011.

HOLZMANN, Lorena; LIEDKE, Elida Rubini. Reestruturação Produtiva, Qualificação e Gênero. Informe Ped Mulher, PORTO ALEGRE-FEE, v. 9, p. 41-47, 2000.

HOLZMANN, Lorena. Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas. Sociologias (UFRGS), Porto Alegre, v. 2, n.4, p. 258-272, 2000.

HOLZMANN, Lorena. El Declínio de la Fecundidad y los Derechos Reproductivos en Brasil - Un Desafío Urgente. América Latina Hoy, MADRID, v. 14, p. 75-84, 1996.

HOLZMANN, Lorena. Admitimos mulheres para trabalhos leves. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), Rio de Janeiro - RJ, v. 3, n.2, p. 349-361, 1995.

HOLZMANN, Lorena. Organização do Trabalho: controle e acumulação. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre - RS, v. 4, n.4, p. 63-81, 1992.

HOLZMANN, Lorena. Mulheres trabalhadoras: problemas e conquistas. Cadernos de Estudos, Porto Alegre / PPGSociologia-U, v. 15, n.15, p. 1-45, 1985.

Fonte: Elaborado pela autora com base na produção científica da entrevistada.

Como podemos perceber, a primeira década de Lorena não foi marcada por numerosas publicações, porém, contém estudos de grande relevância. Eles têm como foco a mulher no trabalho e a organização do trabalho de forma geral. A segunda década de investigações envolve conceitos como gênero e direitos reprodutivos, alargando as mesmas temáticas que já estavam sendo analisadas.

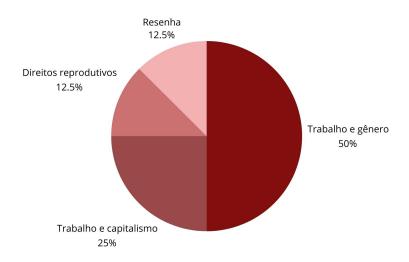
Por fim, o que torna a discussão mais interessante, a produção de Lorena tece reflexões sobre a precarização do trabalho, relacionando com a questão de gênero. Em 2013, temos muitas pesquisas expondo a nova realidade brasileira, o desemprego, o empresariamento de si, etc. Era o início do que hoje, 10 anos depois, ainda ocupa o campo das Ciências Sociais.

Um número considerável de leitores deve se perguntar: por que a trajetória de Lorena e não de outras? Geralmente, as justificativas de trabalhos como este giram em torno das numerosas publicações que o indivíduo, sujeito da pesquisa, escreveu. Ou mesmo seu número de feitos, sua vida pública, entre outros elementos desta estirpe.

O que aprendi nesse tempo em que me dediquei à dissertação, e mais especialmente, à micro-história, é que o excepcional nos itinerários é revelador. Vestígios que não são corriqueiros, inserindo o sujeito em um contexto específico que pede sua agência, ao mesmo tempo em que o influencia, demonstra traços específicos de um tempo, de um espaço; propõe novas perguntas.

O campo das Ciências Sociais não é impactado apenas pelos trabalhos acadêmicos que vão aparecendo ao longo dos anos, mas dos momentos derradeiros de construção de redes de relações, de movimentação política, de decisões a níveis institucionais - local e nacional. Do que foi produzido, publicado, dito, transformado. Considerando o exposto, esta justificativa considera a trajetória de Lorena como produtora de História. Portadora de um percurso que contribuiu e impactou a cena intelectual. Segue o gráfico para melhor verificação:

Gráfico 6 – Todos os artigos completos publicados em periódicos de Lorena



Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

No quadro a seguir estão os livros publicados e organizados pela professora Lorena:

Quadro 5 - Livros publicados/organizados

HOLZMANN, Lorena. CONTROLE E DISCIPLINAMENTO DA FORÇA DE TRABALHO. Estratégias e resistências. 1. ed. Porto Alegre / RS: Escritos, 2015. v. 1. 132p.

CATTANI, A. D.; HOLZMANN, Lorena. DICIONÁRIO DE TRABALHO E TECNOLOGIA. 3. ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2012. 738p.

HOLZMANN, Lorena. O trabalho no cinema (e uma socióloga na plateia). 1. ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2012. 200p.

CATTANI, A. D. (Org.); HOLZMANN, Lorena (Org.). Dicionário de Trabalho e Tecnologia. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011. v. 1. 494p.

Averbuck, Ligia (Org.); Campilongo, Maria Assunta (Org.); HOLZMANN, Lorena (Org.); Miranda, Luiz Alberto O.R. (Org.); SANTOS, José Vicente Tavares dos (Org.); TAITELBAUM, Aron (Org.). Universidade e repressão. Os expurgos na UFRGS. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008. 99p.

KOVACS, I. (Org.); CASACA, S. F. (Org.); HOLZMANN, Lorena (Org.); PICCININI, V. (Org.); CERDEIRA, M. C. (Org.); GUIMARAES, S. M. (Org.); TOLFO, S. R. (Org.); ROSENFIELD, Cinara Lerrer (Org.). O Mosaico do Trabalho na Sociedade Contemporânea. Persistências e inovações. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. 230p.

CATTANI, A. D. (Org.); HOLZMANN, Lorena (Org.). Dicionário de Trabalho e Tecnologia. 1. ed.

Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. v. 1. 358p.

HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (Org.). 1968 - Contestação e Utopia. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. v. 1. 142p.

HOLZMANN, Lorena. Operários sem patrão. Gestão cooperativa e dilemas da democracia. 1a. ed. São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2001. v. 1. 171p.

Fonte: Elaborado pela autora com base na produção científica da entrevistada.

Seus livros, em ordem cronológica, discorrem sobre economia solidária e gestão cooperativa, ideologia política e ética até chegar ao seu famoso Dicionário de Trabalho e Tecnologia, com três edições, além de uma publicação sobre o trabalho na sociedade contemporânea. Até aqui, é possível relacionar essas informações com a linha do tempo de seu percurso acadêmico.

Em seguida, temos o livro comentado por Lorena anteriormente na entrevista sobre os expurgos na UFRGS. Em 2012, o livro sobre cinema, também comentado pela professora. Por fim, em 2015, a temática do disciplinamento no mundo do trabalho, renovando um pouco as discussões que Lorena realizava no passado. A seguir o gráfico deste cenário:

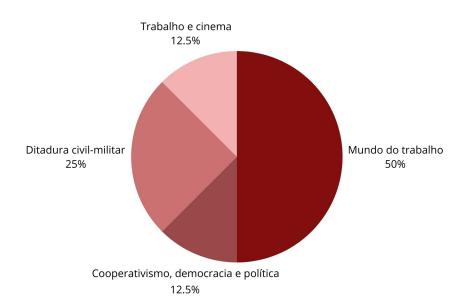


Gráfico 7 – Livros publicados/organizados por Lorena

Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

Nossa entrevista terminou com alguns apontamentos pessoais. Depois dos primeiros momentos marcados pela afinidade e o término da entrevista acalorar a ocasião, fomos nos despedindo nessa atmosfera. Conversamos sobre retorno, sobre mantermos contato e até houve dicas de livros e filmes. Compartilhamos experiências de graduação e de pesquisa. Rimos perante os percalços de nossas trajetórias. Não há nada mais inspirador do que terminar leve o que já começou suave.

3.4 "O QUE DE FATO ESTAVA ACONTECENDO NO ENSINO SUPERIOR?": AS CONTRIBUIÇÕES DE CLARISSA ECKERT BAETA NEVES

Mais um dia frio. Era 12 de agosto de 2022. A entrevista da vez seria com a professora Clarissa Eckert Baeta Neves. Trocamos muitos e-mails antes de conseguirmos marcar um dia propício para as duas. Solícita, enquanto conversávamos por e-mail, indicou para mim alguns nomes de intelectuais que poderiam conceder uma entrevista também.

Quando nossa web-chamada sincronizou, nos olhamos. Bem próxima à câmera, observei o cenário. Atrás da professora estava um grande guarda-roupa de madeira. Era lindo. Antigo e charmoso. Nele, descansavam diversos livros. O cômodo era iluminado por uma luz amarela, tornando nosso encontro aconchegante e confortável.

Depois das boas-vindas, conversamos sobre amenidades e sobre a minha pesquisa. Passado esse primeiro momento, a professora Clarissa iniciou sua narrativa, a partir de seu ano de nascimento. Clarissa nasceu no dia 10 de fevereiro de 1949 em Tuparendi, Rio Grande do Sul. Tuparendi fica no noroeste do Estado, cidade vizinha de Santa Rosa. Sua mãe nasceu em Giruá e seu pai nasceu em Joinville, Santa Catarina. Seus avós vieram da Alemanha.

Sua mãe era a única filha mulher, com cinco homens irmãos. Em sua geração, onde havia muitos desafios em relação aos estudos, foi uma mulher que buscou estudar. Formou-se em Ciências Contábeis e gostava de tocar piano. Seu pai, o avô de Clarissa, era dono de uma loja chamada "Armazém Secos e Molhados" onde vendia muitos artigos de diversas categorias.

Em algum momento, sua mãe conheceu seu pai. Ele era oriundo de uma família de católicos, tendo estudado Teologia no município de Candelária, na Igreja

Evangélica de Confissão Luterana. Quando se instalou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), muitos dos pastores que assumiram as comunidades no interior do Rio Grande do Sul eram alemães e foram presos. Os jovens estudantes que ainda não eram formados foram enviados para essas comunidades no interior do Rio Grande do Sul para assumir as igrejas luteranas. Seu pai foi, então, para Tuparendi, talvez com 18/19 anos, assumindo mais de 20 comunidades. Lá seus pais se conheceram e se casaram.

Antes de Clarissa nascer, seu pai decidiu voltar a estudar, ficando sua mãe morando com seus pais. Seu pai foi para São Leopoldo, terminou o curso de Teologia e nesse meio tempo sua mãe e Clarissa permaneceram na casa dos seus avós.

Como ele ia muito a Porto Alegre, passava horas na Livraria Globo. Seu nome deriva da experiência de seu pai, a partir do romance de Érico Veríssimo. Ao retornar para o interior, seu pai assumiu uma comunidade em Ijuí chamada Vila Doutor Augusto Pestana e lá permaneceram até 1956/57. Foi nesta vila que nasceram suas outras duas irmãs: Cornelia e Cordula Eckert. Cornélia foi professora da UFRGS também, hoje já aposentada, mas ainda vinculada ao Programa de Pósgraduação em Antropologia.

Clarissa conta que sua língua materna foi o alemão até os 6 anos. Foi na escola que aprendeu a falar português. Disse que até hoje fala em alemão, pensa em alemão e sonha alemão. Na segunda série, seu pai decidiu mudar de cidade, pois queria que as filhas tivessem oportunidades de estudo. Ali, na comunidade, só teriam oportunidade de cursar até a 4ª série. Seus pais sempre foram muito preocupados com essa questão educacional e cultural. Desde cedo ouviam música clássica, liam autores alemães, consumiam o que podiam. Nesse período, seu pai decidiu pelo município de Cachoeira do Sul.

Em 1957 se mudaram. Lá, sua família conheceu a diretora Amália Geisel, irmã dos Generais Geisel, no Colégio Barão do Rio Branco, vinculado à comunidade Luterana de Cachoeira do Sul. De início, a diretora achava que Clarissa deveria repetir o primeiro ano. Com afinco, fez o possível para provar que estava errada.

Depois de terminar o primário, realizou o ginásio em uma escola que hoje faz parte da rede Sinodal de ensino. Depois do ginásio, Clarissa observava ser usual para as mulheres realizarem o curso Magistério e ser professora. Contudo, decidiu pela escola regular. A escola chamava-se João Neves da Fontoura, localizada no

município de Cachoeira do Sul. À tarde estudava inglês, francês, Filosofia, Sociologia, entre outros. Foi então seu primeiro contato. Apaixonou-se. Lembra que seus pais se envolviam muito com as famílias pobres na comunidade. Via na Sociologia o aprofundamento da questão social e lembrava-se deles.

Clarissa admirava demais o que seu pai fazia. Queria estudar Teologia, como ele. Queria ser uma das primeiras mulheres a estudar Teologia em 1963. Seu pai, na tentativa de ajudar a filha, escreveu para o presidente da Igreja Evangélica Luterana, o então pastor presidente Karl Gottschald. A Teologia, até então exclusivamente para homens, lhe foi negada. Frustrada, buscou criticar essa posição da Igreja. Como era ativa na juventude evangélica, participando do teatro, do grupo de música e viajando com seus companheiros nos congressos de jovens, aproveitou para se posicionar.

Não obtendo nenhum fruto dessa investida, focou na Sociologia que estava estudando no ensino clássico. Buscou se informar. No município de Cachoeira não havia faculdade na época. Sua professora de Filosofia, chamada Lia Wilhelm, que havia se formado na UFRGS, indicou a universidade. Em 1967, Clarissa veio para Porto Alegre e realiza o vestibular para Ciências Sociais. Longe da família, residiu na atual CEUPA (Casa Estudantil Universitária de Porto Alegre), vinculada à igreja luterana. Na época, a casa era referência e possuía mensalidade.

Seu pai, nesta época, menciona o fato de não poder ajudá-la a se sustentar. Com pouco dinheiro, ajuda Clarissa teria, mas também iria precisar se subsidiar. Tornou-se professora de jardim de infância vinculada à matriz Senhor dos Passos onde ficava a sede principal de sua Igreja Luterana. Trabalhou os 4 anos que levou para se formar.

Nesse momento de sua história, noto o quanto foi importante para Clarissa ter relação e associação com a Igreja Luterana. É paradoxal de se pensar que foi a Igreja que oportunizou a professora os estudos, moradia e comunidade. Isso no final da década de 1960.

Clarissa então interrompe a evocação de memórias desse período e retorna a uma data emblemática: 1964. Curiosamente, ou não, foi um ano em que seu pai decidiu viajar para a Alemanha, pois como pastor, tinha direito a uma viagem para lá para atualização teológica, com possibilidade de levar a família. Foram para o país de navio, saindo de Porto de Santos até a França, para depois chegar em Frankfurt. Lá seu pai ministrou cultos, Clarissa participava do grupo de jovens, sua mãe

participava dos grupos de senhoras e foi assim que passaram alguns meses na Europa, viajando e conhecendo outros países. Era final de 1964. O ano de 1966 foi de preparação de Clarissa para o vestibular. Em 1967, deu entrada em sua matrícula na universidade.

Em 1968 houve a Reforma Universitária. Clarissa relata que, antes da reforma, toda a estrutura universitária era centrada na cátedra, não no departamento. Então em 1968, quando ocorreu a reforma, Clarissa já como estudante, participou ativamente da reestruturação do curso de Ciências Sociais. Lembra-se de se sentir em um furação, pois ela e seus colegas estavam tendo o aprendizado da disciplina de Ciências Sociais, a formação profissional, ao mesmo tempo que estava sendo reestruturado todo o curso. Era um desafio.

Não havia monotonia. Os alunos promoviam debates junto dos estudantes de Economia. Logo foi criada a Associação de Sociólogos do Rio Grande do Sul, com a liderança de André Forster. Aqui, temos um nome interessante: Forster foi professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, na qual lecionou Sociologia, Ciências Políticas, assim como Organização Social e Política Brasileira, no período de 1972 a 1982. Também trabalhou no INCRA, no qual desempenhou as funções de assessor técnico, no período de 1964 a 1972. Além disso, elegeu-se vereador, pela legenda do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB, para a IXª Legislatura, no período correspondente a 1983-1988, entre outras funções.

Clarissa discorre que descobriu na época que o DOPS possuía um ficha com informações pessoais suas. Eles participavam muito das aulas, sempre identificados pelo terno preto, camisa branca e óculos escuros, no fundo da sala. A professora teve muitos colegas que eram militantes. Alguns deles foram presos. Era uma época movimentada: reestruturação do curso de Ciências Sociais, reestruturação da universidade, o DOPS dentro das salas de aula, perseguição política; era uma efervescência total. Contudo, Clarissa diz que nunca foi uma militante ativa. Seu objetivo era se formar e atuar como socióloga.

Além do curso de Ciências Sociais, Clarissa se envolveu em diversas atividades extracurriculares com a Associação de Sociólogos, trazendo para palestrar e debater figuras como Fernando Henrique Cardoso (professor, sociólogo, cientista político, escritor e 34.º presidente do Brasil, entre 1995 e 2003), Florestan Fernandes (sociólogo brasileiro, patrono da sociologia brasileira e um dos intelectuais brasileiros mais influentes do Século XX), Heleieth Saffioti (famosa

socióloga marxista, professora e estudiosa da violência de gênero, além de ser militante feminista) e Octavio Ianni (sociólogo e professor brasileiro que participou da chamada Escola de Sociologia Paulista). Minha cara de espanto durante a entrevista deve ter sido evidente. Me pergunto se, na época, a Associação dava-se conta das personalidades que eram convidadas ali para conversar na Instituição com os estudantes.

Paralelo a isso, Clarissa se lembra de uma atividade que foi importante para a sua jornada. Era uma dinâmica de grupo, onde o professor Lauro de Oliveira Lima explicou a necessidade de conscientizar as pessoas sobre a realidade política e social vigente, utilizando chaves de leitura do intelectual Paulo Freire. Mais um intelectual para a rede de socialidade de Clarissa. O professor Lauro Lima é pedagogo e muito conhecido por sua atuação política e educacional.

Nessa iniciativa, foram criados grupos de alfabetização, também vinculados aos grupos estudantis e com a Igreja Luterana. Tais grupos visitavam agricultores no interior e auxiliavam no processo de alfabetização. Os livros de Paulo Freire, Karl Marx, entre outros proibidos na época do regime, eram comprados no Uruguai e contrabandeados entre os alunos para serem utilizados.

Junto a isso, trabalhou, durante a graduação, em pesquisas relacionadas à estrutura social do Rio Grande do Sul. Com orientação do professor João Guilherme de Souza, o estudo foi extenso e ensinou muito a Clarissa sobre o ato de pesquisar. Aqui, é possível perceber que das três trajetórias já produzidas nesta dissertação, as três mencionaram João Guilherme como uma figura relevante para se pensar a construção do curso de Ciências Sociais.

Na década de 1970, chegava ao Rio Grande do Sul um professor chamado Achim Schrader, que veio da Alemanha para realizar uma pesquisa. Ele foi seu orientador de Doutorado anos depois. Clarissa evoca que quando estava para terminar o curso, em 1972/73, o Brasil já estava oportunizando experiências na pósgraduação, especialmente na USP. Em 1972, um grupo de professores e alunos da UFRGS mobilizaram-se para criar o Mestrado em Ciências Sociais e aproveitar essa abertura que o governo estava oportunizando. Vivenciando esse início, Clarissa observou a estrutura do programa sendo organizada, com o primeiro processo de seleção nas áreas de Sociologia e Ciência Política. Somente em 1979 a Antropologia também foi agregada. Este modelo durou até 1986 quando as áreas se separaram.

Retomando a cronologia de seu itinerário, Clarissa conta que atrasou um pouco a graduação do curso, pois viajou à Alemanha novamente, em algum momento. Voltando para a vida acadêmica, conseguiu um emprego no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) onde funcionava o consulado alemão. Permaneceu lá por meio ano, até que eu foi convidada para um outro projeto. Como a pós-graduação recentemente havia iniciado em Porto Alegre, o professor Darci Closs, liderança acadêmica na UFRGS, foi convidado para coordenar uma pesquisa que consistia em realizar o primeiro diagnóstico sobre a pós-graduação no município. Clarissa, com alguns outros colegas, levantaram um questionário com 95 perguntas e realizaram a proposta, finalizando com um relatório que foi incluído a diversos outros em todo o Brasil. Depois de um tempo, o professor Darci assumiu a presidência da Capes no Rio de Janeiro.

Ao fim das atividades da pesquisa, Darci influenciou Clarissa a retomar suas atividades novamente. A incentivou a realizar o Doutorado, candidatando-se a uma bolsa. Muitos professores do campo das Ciências Sociais foram agraciados com essas primeiras levas, Clarissa rememora. Inglaterra, México, Alemanha, entre outros. Muitos países e muitas possibilidades. Era final da década de 1970.

Em abril de 1981, iniciou suas atividades como docente na UFRGS, na graduação e na pós-graduação na área de Ciências Sociais, sendo logo efetivada na instituição em 1982. Clarissa retrata que havia uma sinergia em comum com aqueles que faziam parte do programa, fomentando as linhas de pesquisa a criar grupos de estudos e a iniciar os Cadernos de Sociologia. Contudo, logo foi instituído que todos os professores presentes no programa deveriam ser qualificados com título de doutor. Como uma das poucas que possuíam Doutorado, Clarissa fez de tudo para criar um plano para que fosse realizado o possível para o PPG não fechar. Para que os professores tivessem a oportunidade de realizar seu Doutorado, ou mesmo para que o programa tivesse tempo para contratar outros doutores, foi feito um convite para professores de outros setores. A professora Arabela Oliven, que era ligada à Faculdade de Educação da UFRGS (FACED) foi convidada como socióloga e o professor doutor em sociologia, Zander Navarro que era ligado à Economia, também topou juntar-se ao grupo.

Nesse sentido, o percurso de Clarissa é nítido no sentido institucional. Sua luta de reestruturação, consolidação e manutenção do curso de Ciências Sociais em Porto Alegre foi vital para dar continuidade ao campo aqui na região. Trabalhou para

qualificar o corpo docente, fortalecer a pós-graduação que dava seus primeiros passos, ao mesmo tempo que auxiliava na reformulação do currículo. Essas lutas foram travadas no final da década de 1980. Outro ponto relevante de salientar é que a professora Arabela Oliven foi entrevistada por mim em meu Trabalho de Conclusão de Curso em 2021, conforme já mencionado anteriormente.

Escutando o relato de Clarissa, os pontos de contato e as redes iam sendo construídos em minha mente. Era como se um contexto maior se ampliasse, me mostrasse o panorama de constituição do campo das Ciências Sociais e do quanto esses anos foram importantes para seu fortalecimento, principalmente no que concerne à intelectualidade local.

Sobre sua experiência lecionando na graduação, o sorriso de Clarissa é nítido e marcante. Compartilha que deu aula por 40 anos para estudantes do curso, sempre trabalhando com teoria. Especializada em Max Weber, também deu aulas de metodologias e epistemologia. Sempre buscou ser cuidadosa com seus planos de aula, visando um planejamento coletivo e ativo, que envolvessem os estudantes. Com aulas expositivas e dialogadas, programou seminários, trabalhos em grupo, pesquisas de campo e qualquer proposta positiva que aparecesse. O importante era partir de um problema do senso comum e transformá-lo em uma questão sociológica, de atitude sociológica, como retrata Clarissa. A didática era muito importante para esses momentos. Clarissa estudou com afinco como lecionar de forma efetiva porque acreditava ser um dos alicerces mais importantes enquanto professora de Ciências Sociais. Buscou também ser interdisciplinar, convidando colegas de outras áreas, inclusive das ciências exatas, para contribuir em suas aulas. Me contando sobre suas vivências como professora, se emociona. Diz que sente vontade de lecionar na graduação de novo. Rememora orientações, tanto de bolsistas de iniciação científica, como orientações de trabalhos de conclusão de curso ou mesmo da pós-graduação. Lembra-se de trabalhos específicos, de ideias de seus estudantes com detalhes mínimos, me impressionando com a sua habilidade de recordação.

Atuou até 2017, quando se aposentou. Contudo, ainda é professora convidada, realizando pesquisas. Nossa entrevista, oficialmente, foi terminando nestes últimos trechos, ainda que nossa conversa tenha tido continuidade. Clarissa compartilhou dicas, sugestões e algumas noções da área. Até que, em algum momento, nota estar atrasada para o próximo compromisso. Queria muito

permanecer por mais tempo, mas se despede, prometendo mais trocas de e-mails. Agradeci com o coração quente e muito satisfeita com o que havia escutado. Mais uma trajetória potente e de reverberação iria ter a oportunidade de ser produzida. Desliguei a web-chamada sentindo-me bem. Abaixo, apresento o quadro que mostra todos os artigos completos publicados da professora Clarissa Eckert.

Quadro 6 - Artigos completos publicados em periódicos

NEVES, C. E. B.; A. C. OLIVEN; FRANCO, M. E. P. O GRUPO DE ESTUDOS SOBRE UNIVERSIDADE (GEU) gênese de laços e percursos entre aspirações e realizações. Revista Panorâmica, v. 36, p. 7-27, 2022.

BARBOSA, M. L. O.; NEVES, C. E. B. Internationalization of higher education: institutions and knowledge diplomacy. SOCIOLOGIAS (UFRGS. IMPRESSO), v. 22, p. 22-44, 2020.

NEVES, C. E. B.; BARBOSA, M. L. O. Internationalization of higher education in Brazil: advances, obstacles, and challenges. Sociologias (UFRGS), v. 22, p. 144-175, 2020.

NEVES, C. E. B.; BARBOSA, M. L. O. Internacionalização da educação superior no Brasil: avanços, obstáculos e desafios. Sociologias (UFRGS), v. 22, p. 144-175, 2020.

GRISA, G.; NEVES, C. E. B.; RAIZER, L. Academic Routs of Affirmative Action Students: A Case Study in Light of Equity, Race and Participatory Parity. Revista Internacional De Educação Superior, v. 6, p. 1-23, 2019.

NEVES, C. E. B.; SAMPAIO, H.; HERINGER, R. A institucionalização da pesquisa sobre ensino superior no Brasil. Revista Brasileira De Sociologia, v. 6, p. 19/rbs.243-41, 2018.

NEVES, C. E. B.; CAVALCANTI, J. S. A pós-graduação em Sociologia no Brasil: conquistas e desafios em tempos de globalização. Revista Brasileira De Sociologia, v. 6, p. 104-121, 2018.

NEVES, C. E. B. Atualidade e Relevância da Sociologia da Educação em Tempos Contemporâneos. Revista Eventos Pedagógicos, v. 9, p. 864-870, 2018.

NEVES, C. E. B.; MARTINS, C. B. Higher education in Brazil: a comprehensive view. SOCIOLOGIES IN DIALOGUE, v. 3, p. 4-23, 2017.

NEVES, C. E. B. Enseñanza Superior en Brasil y las políticas de inclusión social. Páginas de Educación, v. 7, p. 299-320, 2014.

NEVES, C. E. B. Reforma e Desafios da Educação Superior: O processo de Bolonha dez anos depois. Sociologia & Antropologia, v. 01, p. 181-208, 2011.

NEVES, C. E. B.; NEVES, F. Pesquisa e inovação: novos desafios para a educação superior no Brasil e na Alemanha. Cadernos CRH, v. 24, p. 481-502, 2011.

NEVES, C. E. B.; MORCHE, B.; ANHAIA, B. C. Educação Superior no Brasil: acesso, equidade e políticas de inclusão social. Controversias y Concurrencias Lationamericanas, v. 4, p. 123-140, 2011.

Petrarca, F.R.; NEVES, C. E. B. Direitos Humanos se conquistam na luta: igualdade racial, ativismo jurídico e defesa de causas coletivas no Rio Grande do Sul. Sociedade e Estado (UnB. Impresso), v. 26, p. 151-173, 2011.

NEVES, C. E. B.; KOPPE, L. Processo de Bolonha: a reforma do sistema de educação superior europeu. Tomo (UFS), v. 15, p. 15-39, 2010.

NEVES, C. E. B. Book Review - Feminist Organization and Social Transformation in Latin America by Nelly P. Stromquist. COMPARATIVE EDUCATION REVIEW, v. 52, p. 482-483, 2008.

NEVES, C. E. B.; Fachinetto, R. F.; RAIZER, L. Access, expansion and equity in Higher Education: new challenges for Brazilian education policy. Sociologias (UFRGS), v. 2, p. 168-198, 2008.

NEVES, C. E. B.; RAIZER, L.; Fachinetto, R. F. Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. Sociologias (UFRGS), v. 17, p. 124-157, 2007.

NEVES, C. E. B. Desafios da Educação Superior. Sociologias (UFRGS), v. 17, p. 14-21, 2007.

NEVES, C. E. B.; NEVES, F. O que há de complexo no mundo complexo? Niklas Luhmann e a Teoria dos Sistemas Sociais. Sociologias (UFRGS), Porto Alegre, v. 15, p. 182-207, 2006.

NEVES, C. E. B.; NEVES, F. What is complex in the complex world? Niklas Luhmann and the Theory of Social Systems. Sociologias (UFRGS), v. 1, p. 70-95, 2006.

NEVES, C. E. B. A área das Ciências Humanas no Brasil. Projeto Ciência e Tecnologia no Brasil-SBPC/GT Infra-estrutura de pesquisa e recursos humanos, v. II, p. 71-96, 2005.

NEVES, C. E. B. Diversificação do sistema de educação terciária: um desafio para o Brasil. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 15, n.1, p. 21-44, 2003.

NEVES, C. E. B. Grupo de Estudos sobre Universidade - GEU. Educação em Revista (UFMG), Belo Horizonte, v. 35, p. 125-140, 2002.

NEVES, C. E. B. Apresentação. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 7-9, 1998.

NEVES, C. E. B. A Institucionalização da Pesquisa Na Universidade. Cadernos de Sociologia, Porto

Alegre, v. 8, p. 7-10, 1998.

NEVES, C. E. B. Universidade e A Institucionalização da Pesquisa: Reflexões Sobre Uma Experiência. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 8, p. 127-160, 1998.

NEVES, C. E. B. Universidade No Mercosul: Obstáculos, Limites e Avanços No Processo de Integração. Anuário de Educação 97/98, Rio de Janeiro, p. 141-170, 1998.

NEVES, C. E. B. A Universidade A Caminho da Flexibilização? O TEMPO, 1997.

NEVES, C. E. B.; MOROSINI, M. C. Cooperação Universitária No Mercosul. EM ABERTO, p. 16-35, 1996.

NEVES, C. E. B. Avaliação Acadêmica: Instrumento Para Melhoria da Qualidade Universitária. REVISTA SINPRO, p. 23-26, 1995.

NEVES, C. E. B. Ensino Superior Privado No Rio Grande do Sul: A Experiência das Universidades Comunitárias. Documento de Trabalho, São Paulo, p. 2-43, 1995.

NEVES, C. E. B. Private Higher Education In Rio Grande do Sul. Documentos de Trabalho, São Paulo, p. 2-43, 1995.

NEVES, C. E. B. Universidade Como Objeto de Estudos: A Experiência dos Centros de Pesquisa da Alemanha:Orientações Temáticas e Teóricas. CADERNOS CEDES, v. 27, p. 61-70, 1992.

NEVES, C. E. B. Apresentacao: Metodologias de Pesquisa. CADERNOS DE SOCIOLOGIA, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 5-6, 1991.

NEVES, C. E. B. A Inserção dos Judeus Na Economia do Rio Grande do Sul. REVISTA SHALOM, v. 25, n.273, 1989.

NEVES, C. E. B. Reflexões Sobre Educação e Constituinte. CADERNOS DE EDUCAÇÃO, v. 3, p. 23-42, 1986.

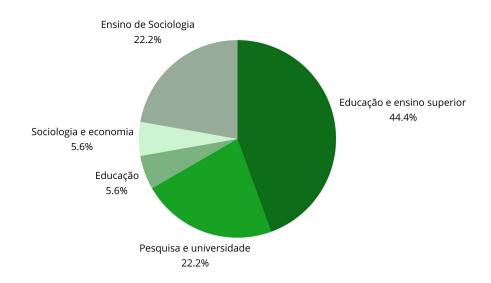
Fonte: Elaborado pela autora com base na produção científica da entrevistada.

Nas duas primeiras décadas de publicação, temos trabalhos de diferentes áreas, mas com uma certa continuidade. Inicialmente, Clarissa produziu trabalhos relacionados ao contexto da educação e da universidade, bem como do ensino superior e da avaliação acadêmica. Também tem estudos mais específicos, como a questão dos judeus na economia do Rio Grande do Sul e o panorama da universidade no Mercosul, assim como sua institucionalização. Claramente, esses temas faziam parte da luta ativa da professora Clarissa dentro da UFRGS.

Logo após, temos os Cadernos de Sociologia e muitos estudos relacionados a criação de grupos de trabalho na universidade, alguns apontamentos sobre a área de Ciências Humanas, o desafio da educação superior e sua expansão. Novamente existem artigos mais pontuais, versando sobre a complexidade do mundo, organizações feministas e direitos humanos.

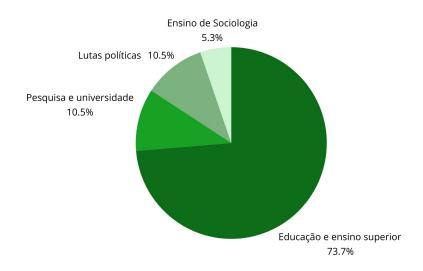
Conforme os anos vão passando, as discussões focalizam na institucionalização da pós-graduação e da pesquisa no Brasil (alguns em comparação com o cenário na Alemanha), além da atualidade e relevância da Sociologia da Educação, o que faz sentido, se pensarmos que Clarissa preza pelos processos sociais que ocorrem em relação ao ensino e à aprendizagem. Tratou diversas vezes sobre os impactos da pós-graduação e da pesquisa no contexto social. Foi uma grande incentivadora nesta esfera. Organizei dois gráficos que demonstram o quanto seus focos de análise não mudaram muito ao longo do tempo:

Gráfico 8 – As duas primeiras décadas dos artigos completos publicados em periódicos de Clarissa



Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

Gráfico 9 – As duas últimas décadas dos artigos completos publicados em periódicos de Clarissa



Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

Apresentado os gráficos, mostro agora os livros publicados ou organizados pela professora, no quadro a seguir.

Quadro 7 - Livros publicados/organizados

NEVES, C. E. B.; BARBOSA, M. L. O. (Org.). Internacionalização da Educação Superior: instituições e diplomacia do conhecimento. 54. ed. Porto Alegre: Sociologias/UFRGS, 2020. v. 22. 201p.

WEISS, R. (Org.); BENTHIEN, R. F. (Org.); NEVES, C. E. B. (Org.). Cem anos sem Durkheim. Cem anos com Durkheim. 44. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2017. v. 19. 439p.

NEVES, C. E. B. Revista Sociologias Dossiê; Educação e Sociedade: Dilemas Contemporâneos. 29. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2012. v. 1. 322p.

NEVES, C. E. B.; Brandão, Guilherme (Org.). Dossiê: Teoria dos Sistemas. 1. ed. Santa Maria: PPG em Ciências Sociais Universidade Federal de Santa Maria, 2012. v. 2. 199p.

NEVES, C. E. B.; BALBACHEVSKY, E. (Org.). 2º Ciclo de Seminário Internacional Educação no Século XXI: Modelos de Sucesso - Financiamento do Ensino Superior. 20. ed. Rio de Janeiro: SENAC / Departamento Nacional, 2009. v. 3. 228p.

NEVES, C. E. B. Desafios da Educação Superior. 17. ed. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 2007. v. 1. 247p.

NEVES, C. E. B.; SOBOTTKA, E. (Org.). Sociologia, pesquisa e cooperação. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. v. 1. 246p.

NEVES, C. E. B.; SOBOTTKA, E. (Org.). Métodos de Pesquisa Social Empírica e Indicadores Sociais - textos de Achim Schrader. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

NEVES, C. E. B. Universidade & Pesquisa: Institucionalização, Produção e Políticas de Pesquisa Na Universidade. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. 171p.

NEVES, C. E. B. Pesquisa Social Empírica: Métodos e Técnicas. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. 201p.

NEVES, C. E. B.; SAMIOS, E. M. B. (Org.). Niklas Luhmann: A Nova Teoria dos Sistemas. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Goethe-Institut, 1998. 111p.

NEVES, C. E. B. Die Post-Graduierung Im Brasilianischen Hochschulwesen. Entwickung Und Ergebnisse 1965-1975. MUNSTER: PH WESTFALEN -LIPPE/MUNSTER, 1979. 282p.

Fonte: Elaborado pela autora com base na produção científica da entrevistada.

A primeira década de livros foi marcada por pesquisas de cunho mais teórico, próprio da Sociologia. Depois desses primeiros anos, observamos as mesmas temáticas dos artigos: institucionalização da pesquisa na universidade, cooperação em pesquisas na Sociologia, desafios na educação superior e dossiês relacionados à universidade e aos sistemas que existem dentro desses espaços. Por fim, um livro que tece reflexões sobre Durkheim, um dos pilares das Ciências Sociais, além de uma reunião de textos sobre a educação superior. Linearmente, há continuidade das temáticas e ampliação. Confira o gráfico do seu contexto de escrita:

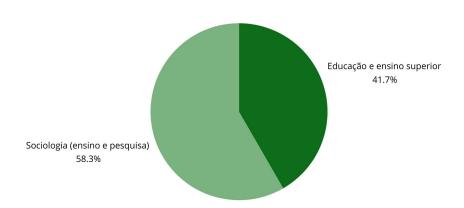


Gráfico 10 – Livros publicados/organizados por Clarissa

Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

O que seria o ato de impactar o campo das Ciências Sociais? Ora, lutar por um espaço institucional para que professores e demais intelectuais pudessem produzir, disseminar e formar novos cientistas sociais parece fazer parte da resposta. Clarissa certamente não foi a única a fazer parte desse feito. Provavelmente se não fosse ela, outra pessoa poderia ter realizado suas atividades. Mas, naquele determinado contexto e recorte temporal, foi Clarissa quem estava lá. Entre encontros e conflitos, fortaleceu o Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, depois o de Sociologia e auxiliou na manutenção dos mesmos. Lutou pela educação superior no Brasil e no Rio Grande do Sul. A pergunta não é se há distinção em sua trajetória. A pergunta que deve ser feita é, depois de observado seu itinerário excepcional, o que não é marca distintiva?

3.5 "A ANTROPOLOGIA PODIA FAZER MAIS": RUBEN OLIVEN E SEU LEGADO

Meu encontro por videochamada com o professor Ruben Oliven foi a segunda entrevista realizada. Aconteceu no dia 18 de julho de 2022. Já havia assistido a algumas das videoaulas que o professor Ruben havia feito, em plataformas como o Youtube. Muitos professores da Antropologia utilizavam suas propostas e essas aulas para discutir sobre Antropologia Urbana, área em que o professor é especialista. Porém, fui conhecê-lo presencialmente quando realizava o meu Trabalho de Conclusão de Curso, no ano anterior. Em meu TCC, trabalhei também com uma memória oral, tendo como objeto a trajetória da professora Arabela Campos Oliven, sua companheira.

Ruben havia aparecido em alguns momentos do meu encontro com a professora Arabela. Nos cumprimentamos. Arabela falava bastante do professor Ruben e foi uma influência muito grande para que eu conseguisse entrevistá-lo. Agradeço a gentileza de Arabela por ser tão entusiasta e por Ruben embarcar nesta conosco. Quando nos conectamos via internet, encontrei novamente o mesmo escritório que havia conversado com a professora Arabela. Eram livros por toda parte. Das duas paredes que conseguia enxergar, havia estantes com livros. Fiquei fascinada. Espero um dia possuir um cômodo cheio dos meus livros favoritos, de ficção e não ficção.

Passado o primeiro deslumbramento, começamos a conversar. Ruben queria saber sobre a minha pesquisa e os meus objetivos. Conversamos sobre isso e, então, propus iniciarmos com sua infância, para que as memórias se tornassem presentes, Ruben aceitou de bom grado. Abriu a entrevista comunicando que nasceu em Porto Alegre, no ano de 1945. Seus pais nasceram na Alemanha e vieram para o Brasil por causa da perseguição nazista. Ruben provém de família judaica, ainda que seus pais fossem muito pouco à sinagoga. Em sua casa, se falavam três idiomas: português, alemão e às vezes o inglês. O pai de Ruben era comerciante e a sua mãe era professora de inglês. O ambiente do lar era extremamente intelectualizado. Se apreciava o saber e o conhecimento. Sua casa tinha muitos estímulos, como o esporte. Ruben rememora que seu pai sonhava que ele fosse tenista, o que se concretizou com o seu irmão que é 20 anos mais novo, campeão brasileiro infantil de tênis. Ruben tinha mais 5 irmãos.

A família apreciava muito a música erudita. Seu pai escutava muita música americana, do tipo blues. Também ouviam muito o samba da década de 1920 e 1930. Lembra-se da casa permeada pela música e de seus pais dançando juntos.

Seu pai viajava muito, então diversas vezes os irmãos ajudavam na criação um do outro. Aos 16 anos, Ruben foi emancipado pelo seu pai, tornando-se legalmente adulto. Porém, antes de avançar na narrativa, Ruben retoma a sua escolarização. Conta que estudou por 7 anos no colégio Farroupilha em Porto Alegre, depois por 3 anos no colégio Israelita e depois no colégio público Júlio de Castilhos, todos no mesmo município, concluindo então o colegial. O Colégio Farroupilha era originalmente um colégio alemão, então a ideia da família era de que Ruben tivesse uma educação sólida e de qualidade, que se estendeu nas outras escolas.

Ruben retrata que sua mãe sempre quis que um de seus filhos fosse engenheiro. Um deles até tentou, se decidindo depois pelo jornalismo. Assim como seu irmão, sempre se interessou mais por aspectos sociais, literatura e, aos 16 anos, já estava se apaixonando pelo marxismo, comunismo e outras ideologias de esquerda, proeminentes da época. Por razão de possuir esses interesses, decidiu pelas Ciências Sociais. Isso deixou seu pai apavorado, pois tinha medo que Ruben não conseguisse sobreviver financeiramente com essa escolha. Por isso, sugeriu que cursasse Economia, de modo concomitante. Como única universidade por perto que oferecia o curso, decidiu-se pela UFRGS.

Ruben discorre que, naquele tempo, a UFRGS era menos desenvolvida do que ela é hoje em dia, pois praticamente nenhum professor fazia pesquisa, quase não publicavam estudos e não havia livros em outras línguas, etc. Fez o que pôde para aproveitar o máximo do curso, já que realizava duas graduações ao mesmo tempo e ainda trabalhava dando aula no Colégio Israelita. Lembra-se que o curso de Ciências Sociais possuia três ênfases bem fortes na Antropologia, na Política e na Sociologia. Como havia entrado na faculdade um mês antes do golpe de 1964, a universidade ainda estava restringida aos moldes antigos, com cátedras. A atmosfera necessitava de mudanças, em muitos âmbitos. Houve muita resistência estudantil dentro da instituição, a UFRGS teve cassações, tudo muito rápido e misturado. O professor não se envolveu com nenhum grupo militante, pois gostava de ser independente e, em suas palavras, pensar por si próprio.

Em 1965, Ruben passou um tempo em Israel, viajando pela Europa, e só depois retomou suas atividades como estudante dos dois cursos. Nessa sua ida à Israel, passou 5 meses em Jerusalém realizando cursos, passando o resto do período trabalhando em dois kibutzs¹¹. Um pouco mais tarde, houve a Reforma Universitária, e os militares acabaram fazendo modificações conservadoras da Universidade. Criaram departamentos, extinguiram as cátedras e mais adiante houve a criação de cursos de Pós-Graduação.

Sobre as disciplinas que cursou durante a graduação, lembra de estudar com afinco o Estado, os Partidos Políticos, o Desenvolvimento, e outras temáticas relacionadas. Mas Ruben sentia que o que ele mais gostava de estudar era a parte da Cultura, sendo ali o primeiro sinal de que iria para a Antropologia. Queria entender as diferenças culturais. Observando sua família e a si mesmo, percebia que experienciou uma cultura europeia alemã dos seus pais e dos amigos de seus pais, além da vivência judaica. Quando estudou no colégio Júlio de Castilhos via que o ambiente e os costumes eram completamente diferentes.

Todavia, a Antropologia naquela época se restringia às teorias culturalistas sobre o subdesenvolvimento. Foi mais tarde que a Antropologia começou a estudar

https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1kwg7320qo#:~:text=S%C3%A3o%20todos%20kibutzi m%2C%20plural%20de,das%20fun%C3%A7%C3%B5es%20de%20um%20Estado.

_

Kibutz em hebraico, comunas agrícolas israelenses que se provaram uma experiência socialista e democrática radical significativamente bem-sucedida. Eles desempenharam um papel fundamental não só no desenvolvimento agrícola e intelectual do país, mas também na sua defesa e liderança política.
Disponível

populações urbanas. Para Ruben, as Ciências Sociais ainda se restringiam ao aparelho ideológico do Estado. Questões sociais eram, a seu ver, sempre muito mais complexas. A cultura poderia ser uma chave de leitura muito mais relevante e interessante do que estava sendo.

Quando se formou, em 1968, decidiu se profissionalizar. Mesmo que já possuísse um trabalho no Colégio Israelita, sentia que queria trabalhar com planejamento. Inicialmente trabalhou na maior empresa de planejamento do Rio Grande do Sul, que era a Planisul. Da Planisul, foi para a Asplan, que era a maior empresa de planejamento do Brasil, trabalhando por fim em uma multinacional. Foram experiências importantes para o seu percurso.

Com o tempo percebeu que seu apreço por ministrar aulas permanecia. Ao mesmo tempo em que havia decidido voltar para a sala de aula, quis realizar algum curso de pós-graduação. Naquele momento, havia uma pós em Planejamento Urbano Regional. Interessado como Ruben era na questão urbana, mergulhou completamente nesta empreitada. Era professor na UFRGS e também mestrando, sempre demonstrando aos alunos que a Antropologia podia ser mais do que o senso comum normalmente mostrava. Foi nesta fase que também publicou seu primeiro livro.

Não havia muitos periódicos, então começou a ocupar as páginas do Caderno de Sábado do Correio do Povo, um jornal regional muito conhecido fundado em 1895. Era grande e muito respeitado. Lembra-se que um dia encontrou um senhor que dizia gostar muito das publicações de seu pai no jornal. Mas não era seu pai que escrevia; era ele, próximo dos 20 anos. Reparava que o ato de escrever era raro na UFRGS. Em sua opinião, a universidade teve na década de 1950-60 grandes professores que só os alunos sabiam o que eles pensavam, porque eles nunca escreveram uma linha sequer. Sentia que precisava quebrar esse padrão antes mesmo de virar uma exigência na academia.

Constatei, com seu relato, que a necessidade de professores universitários possuírem publicação é uma coisa muito recente, de apenas algumas décadas atrás. A forma da produção intelectual era outra. Logo, o mundo intelectual e acadêmico também passou por intensas transformações. Vigorava-se então a era da intensa produção e qualificação. Em meio às muitas mudanças positivas que isso trouxe à Universidade e ao conhecimento, me pergunto também da quantificação dos aspectos negativos.

Voltando para as memórias de Ruben, o professor retoma o período em que esteve no exterior, optando por realizar o doutorado na Inglaterra, terra onde sua mãe havia feito morada na época da Segunda Guerra Mundial. Cidade grande, cheia de lugares para explorar, recorda-se de ter sido uma grande experiência, uma vez que estava acompanhado de Arabela (que também realizava seu doutorado lá). Seu primeiro filho também nasceu nesse ínterim, coroando ainda mais as recordações.

Sua tese resultou em seu primeiro livro mais maduro: "Urbanização e Mudança social no Brasil", com várias edições. Voltando para o Brasil, continuou escrevendo livros e artigos, desenvolvendo um curso de especialização em Antropologia de Sociedades Complexas.

Depois, auxiliou na criação do mestrado em Sociologia, em 1979. Começou a orientar diversas teses e dissertações, com foco em Urbanização e Cultura. Esse momento coincidiu com a abertura política no Brasil. Voltaram os partidos políticos, antigos sindicatos, movimentos feministas, o movimento gay, o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus e até o ressurgimento do gauchismo. Verificava-se novos atores sociais surgindo, todos eles construindo novas identidades. Essas identidades sempre passavam pela diferença, e a diferença passava pela cultura. Todos queriam que essa diferença fosse notada, reconhecida e respeitada. Assim como a Sociologia e a Política contribuíram para a análise desse cenário, a Antropologia surgiu para desvelar as novas transformações culturais em curso. A demanda para os antropólogos aumentou, assim como a procura na pós-graduação.

Em 1991 foi criado o Doutorado e o programa atualmente está bem consolidado. Ruben passou a estudar a cultura brasileira e a identidade nacional, instaurando grupos de estudo com outras figuras, como Renato Ortiz e Maria Isaura Pereira de Queiróz. Uma rede de relações reconhecida no que concerne aos estudos sobre a cultura brasileira. Trabalhou também com em palestras com Darcy Ribeiro e Luiz Costa Lima. Ao mesmo tempo, tinha sido criada a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da qual foi presidente. Em seguida, foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia.

Neste momento Ruben analisou muito a violência urbana e o regionalismo, consequências da globalização que estava realizando uma metamorfose em muitos países, inclusive no Brasil. Havia muitos convites sendo feitos por delegados de polícia, jornalistas e psiquiatras para tratar sobre o tema da violência, mais

especificamente. O mundo modernizava-se e cada vez mais a sociedade mudava. Ruben observava tudo isso.

Depois de realizar o pós-doutorado, foi convidado a dar aula na Universidade da Califórnia em Berkeley e estudou lá sobre o dinheiro. Atualmente é professor aposentado da UFRGS, mas ainda leciona no doutorado, já que gosta muito. Procura ser ativo em outros espaços também. Atualmente é um dos vice-presidentes da Academia Brasileira de Ciências.

Sobre suas primeiras experiências lecionando na graduação em Ciências Sociais, lembra-se de estar apavorado, ao mesmo tempo que se sentia animado por poder montar uma aula a seu modo. Era então o primeiro professor do departamento de Ciências Sociais formado em Ciências Sociais, pois a maior parte era formada por advogados ou outras áreas. Lembra-se de experiências em que precisava conhecer a turma e suas expectativas, antes de planejar qualquer coisa. Em alguns casos, a dedicação era totalmente prática, com seminários e estudos comparados, sempre com a atuação constante do estudante. Em outras ocasiões, as aulas expositivas eram suficientes e já faziam com que os estudantes pudessem se imbuir do conhecimento. Em sua perspectiva, subverter suas palestras ou mesmo suas aulas torna o momento de aprendizagem mais espontâneo. Entre aulas dialogadas, passeios etnográficos e outras tentativas mais, sempre buscou equilibrar suas tarefas de pesquisador, professor e de atividades que dispunham de um caráter mais burocrático.

A contribuição de Ruben para a Antropologia brasileira é notável. Sendo um dos primeiros intelectuais a sair da tradição culturalista do fazer antropológico, retomou o status de um método série na área, alavancando o campo das Ciências Sociais em um de seus tripés.

O quadro abaixo identifica os artigos publicados pelo professor Ruben. Como seu trabalho é extenso, farei breves comentários das publicações que mais se destacaram a partir de sua narrativa de memória, para não ficar tão enfadonho para o leitor que facilmente pode ler na íntegra a maioria do seu trabalho, de forma online.

Quadro 8 - Artigos completos publicados em periódicos

OLIVEN, R. G. O Memorial como Reverso do Projeto: a Trajetória Acadêmica de Carla Costa Teixeira. anuário antropológico, v. 47, p. 63-66, 2022.

OLIVEN, R. G.; SILVA, P. K. Filantrocapitalismo versus Filantropia para a Justiça Social: um debate norte-americano sobre como lidar com a pobreza? MANA (UFRJ. IMPRESSO), v. 26(1), p. 1-34, 2021.

OLIVEN, R. G.; FARIA, LOUISE SCOZ PASTEUR DE; DAMO, ARLEI SANDER. Da arte de imitar. Horizontes Antropológicos (online), v. 26, p. 11-28, 2020.

FARIA, L. S. P.; OLIVEN, R. G. How to become a fake celebrity: the resurrection of Hebe Camargo, the Brazilian godmother. HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS (UFRGS. IMPRESSO), v. 26, p. 117-137, 2020.

OLIVEN, R. G. Sérgio Alves Teixeira (1932-2020). HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS (UFRGS. IMPRESSO), v. 26, p. 7-9, 2020.

OLIVEN, R. G.; GARCEZ, P. D. M. A mudança social se desenrola conflituosamente no terreno da linguagem: entrevista com Monica Heller (Professora da University of Toronto). Horizontes Antropológicos (online), v. 26, p. 315-359, 2020.

OLIVEN, R. G.; BARTZ, G. F. Como o Trabalho Flexível afeta os Músicos Eruditos. O Caso da Orquestra de Câmara Theatro São Pedro de Porto Alegre. REVISTA SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA, v. 9, p. 137-158, 2019.

OLIVEN, R. G. How will anthropology cope with the challenges of a changing world? VIBRANT (FLORIANÓPOLIS), v. 16, p. 1-5, 2019.

OLIVEN, R. G. O Brasil e a Circulação de Bens Culturais na Atualidade. CIÊNCIAS SOCIAIS UNISINOS, v. 3, p. 167-171, 2018.

OLIVEN, R. G.; DAMO, ARLEI SANDER; ECKERT, C.; ORO, Ari Pedro. Entrevista com Christian Bromberger. HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS (UFRGS. IMPRESSO), v. 48, p. 351-371, 2017.

OLIVEN, R. G. How Close Is Brazil to Africa? AMERICAN ANTHROPOLOGIST, v. 119, p. 345-346, 2017.

OLIVEN, R. G. Dinheiro e música popular: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos. Horizontes Antropológicos (Online), v. 22, p. 19-47, 2016.

OLIVEN, R. G. Apresentação. Horizontes Antropológicos (UFRGS. Impresso), v. 22, p. 11-15, 2016.

OLIVEN, R. G.; MARTINS, G. V. Danação das Nações em 'Triste fim de Policarpo Quaresma". Antares: Letras e Humanidades, v. 8, p. 48-68, 2016.

OLIVEN, R. G.; DAMO, A. S. Entrevista com Keith Hart. Horizontes Antropológicos (Online), v. 22, p. 371-394, 2016.

OLIVEN, R. G. Reciprocity in Brazilian songs of love and money. Journal of Classical Sociology, v. 14, p. 100-109, 2014.

OLIVEN, R. G. Does money bring happiness? Portuguese Literary & Cultural Studies, v. 17, p. 23-24, 2013.

OLIVEN, R. G.; DAMO, A. S. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 a 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. Horizontes Antropológicos (UFRGS. Impresso), v. 40, p. 19-63, 2013.

OLIVEN, R. G. Taking to the Streets of Brazil. Cultural Anthropology, v. 1, p. 1-1, 2013.

OLIVEN, R. G. A Brazilian Anthropologist Studying Money in America. North American Dialogue, v. 1, p. 9-12, 2012.

OLIVEN, R. G. Comparing Brazilian and North American Songs about Money. Vibrant (Florianópolis), v. 1, p. 240-272, 2012.

OLIVEN, R. G. The Imaginary of Brazilian Popular Music. Vibrant (Florianópolis), v. 1, p. 170-207, 2011.

OLIVEN, R. G.; DAMO, A. S.; Simoni Lahud Guedes. Sports: An Anthropological Perspective. Horizontes Antropológicos (Online), v. 4, p. 123, 2010.

OLIVEN, R. G. Mauss in the Tropics: Love, Money and Reciprocity in Brazilian Popular Music. Revue du MAUSS Semestrielle, v. 36, p. 437-443, 2010.

OLIVEN, R. G. Relaciones de Género en la Música Popular Brasileña. Etnografías Contemporáneas, v. 5, p. 11-31, 2010.

OLIVEN, R. G.; Feldman-Bianco, Bela; JARDIM, D. F.; Bastos, C. Apresentação. Horizontes Antropológicos nº 31 - Circulação Internacional. Horizontes Antropológicos, v. 31, p. 7-16, 2009.

OLIVEN, R. G. O que aprendi com Sílvio Coelho dos Santos. Ilha. Revista de Antropologia (Florianópolis), v. 10, p. 325-329, 2009.

OLIVEN, R. G.; DAMO, A. S.; Simoni Lahud Guedes. Apresentação. Horizontes Antropológicos nº 30 (Antropologia e Esporte. Horizontes Antropológicos, v. 30, p. 7-17, 2008.

OLIVEN, R. G. ANPOCS and the Social Sciences in Brazil. LASA Forum, v. 34, p. 10-11, 2008.

OLIVEN, R. G.; MACHADO, R. P. Apresentação. Horizontes Antropológicos, v. 28, p. 7-13, 2007.

OLIVEN, R. G. A Brazilian Anthropologist at a United States University. Vibrant (Online), v. 4, p. 65-82, 2007.

OLIVEN, R. G. National and Regional Identities in Brazil: Rio Grande do Sul and its Peculiarities. Nations and Nationalism, Londres, v. 12, n.1, p. 303-320, 2006.

OLIVEN, R. G. Dinheiro e Renascimento das Tradições. Etnográfica, Lisboa, p. 119-120, 2006.

OLIVEN, R. G. Las Fronteras Internas del Brasil. Toda Vía. Pensamiento y Cultura en América Latina, v. 15, p. 10-15, 2006.

OLIVEN, R. G. Múltiplas modernidades nas Américas: comparando Brasil e os Estados Unidos. Transit Circle (Porto Alegre), v. 5, p. 76-103, 2006.

OLIVEN, R. G. Construindo e desconstruindo uma foto minha com Gilberto Freyre. Cadernos de Antropologia e Imagem (UERJ), v. 22, p. 181-184, 2006.

OLIVEN, R. G. Dinheiro e renascimento das tradições. Etnográfica (Lisboa), v. Esp, p. 119-120, 2006.

OLIVEN, R. G. Looking at Money in America. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, São Paulo, v. 2, n.1, p. 1-34, 2005.

OLIVEN, R. G. A la Recherche des Origines Perdues: le Mouvement Traditionaliste Gaucho au Brésil. Etudes Rurales, Paris, v. 163, p. 145-165, 2003.

OLIVEN, R. G. La desterritorialización y las nuevas fronteras. Nueva Epoca, México, v. 620, p. 49-53, 2003.

OLIVEN, R. G. Rio Grande do Sul, um estado de fronteira. Boletim Celpcyro, Porto Alegre, v. 3, p. 3-4, 2002.

OLIVEN, R. G. Macbeth. Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, v. 9, p. 323-329, 2002.

OLIVEN, R. G. Brasil: qual cultura, qual identidade? Ciências e Letras (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 28, p. 113-126, 2001.

OLIVEN, R. G. De Olho no Dinheiro nos Estados Unidos. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 15, p. 206-235, 2001.

OLIVEN, R. G. Cultura e Modernidade no Brasil. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, p. 3-12, 2001.

OLIVEN, R. G. The Brazilian Anthropological Association. Anthropology Newsletter, Arlington, v. 42, p. 11-11, 2001.

OLIVEN, R. G. The Largest Popular Culture Movement in the Western World: Intellectuals and

Gaúcho Traditionalism in Brazil. American Ethnologist, Bloomington, v. 27, n.1, p. 128-146, 2000.

OLIVEN, R. G. Globalização e Cultura. Revista Mediações, Londrina, v. 2, p. 69-78, 2000.

OLIVEN, R. G. Pelas Bandas dos Pampas. Ciência Hoje das Crianças, Rio de Janeiro, n.92, p. 2-5, 1999.

OLIVEN, R. G. Money in Brazilian Popular Music. Studies In Latin American Popular Culture, Los Angeles, v. 18, p. 115-137, 1999.

OLIVEN, R. G. Algunas Claves Socioculturales para entender Rio Grande do Sul. Cuadernos Para El Debate, Buenos Aires, v. 5, 1999.

OLIVEN, R. G. Brasil, uma Modernidade Tropical. Etnográfica, Lisboa, v. 3, n.2, p. 409-427, 1999.

OLIVEN, R. G. Desterritorialização, Transculturação e Poder. Transit Circle, Porto Alegre, v. 1, n.2, p. 153-164, 1999.

OLIVEN, R. G. Two Sides of the Same Coin: Modern Gaúcho Identity in Brazil. Journal of Latin American Anthropology, Waltham, v. 4, n.2, p. 106-125, 1999.

OLIVEN, R. G. O Imaginário Masculino Na Música Popular Brasileira. Revista de Psicanálise. Porto Alegre, v. 5, p. 219-228, 1998.

OLIVEN, R. G. Velhos e Novos Regionalismo: O Rio Grande do Sul e O Brasil. Lugar - Comum. Estudos de Mídia, Cultura e Democracia., Rio de Janeiro, v. 4, p. 67-95, 1998.

OLIVEN, R. G. O Vil Metal: O Dinheiro Na Música Popular Brasileira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 33, p. 143-168, 1997.

OLIVEN, R. G. O Dinheiro na Música Popular Brasileira. Latin American Music Review., Austin, Texas., v. 18, p. 68-112, 1997.

OLIVEN, R. G. Looking at Money In America. Critique of Anthropology, Londres., v. 18, p. 35-59, 1997.

OLIVEN, R. G. Um Antropólogo Brasileiro numa Universidade Norte-Americana. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 5, p. 225-244, 1997.

OLIVEN, R. G. Resenha do livro: Melodia e Sintonia e Lupicinio Rodrigues. O feminino, o masculino e suas relações. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 5, p. 261-263, 1997.

OLIVEN, R. G. Globalização e Cultura. Revista Mediações (UEL), Londrina, v. 2, p. 69-78, 1997.

OLIVEN, R. G. Desterritorialização. Porto e Vírgula, Porto Alegre, v. 27, p. 14-16, 1996.

- OLIVEN, R. G. A Globalização do Mundo. Humanas, Porto Alegre, v. 18, n.1/2, p. 27-31, 1995.
- OLIVEN, R. G. Identidade e Diversidade Cultural. Muito Mais, Porto Alegre., v. 21, p. 9-9, 1995.
- OLIVEN, R. G. Recreación de la Tradición en la Ciudad: Porto Alegre y el Tradicionalism Gaucho. Antropologias, México, v. 9, p. 24-29, 1994.
- OLIVEN, R. G. São Paulo, o Nordeste e o Rio Grande do Sul. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 14, p. 397-409, 1993.
- OLIVEN, R. G. Nação e Tradição Na Virada do Milênio. Revista Resgate (Centro de Memória da UNICAMP), Campinas, v. 5, p. 77-87, 1993.
- OLIVEN, R. G. Três Em Um: A Semana Modernista, O Nordeste de Gilberto Freyre e O Rio Grande do Sul. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 2, p. 22-28, 1993.
- OLIVEN, R. G. A Cidade e A Tradição. Ciência e Ambiente, Santa Maria, v. 4, p. 69-78, 1993.
- OLIVEN, R. G. O Pacto da Criação. Organon (UFRGS), Porto Alegre, v. 6, p. 13-15, 1992.
- OLIVEN, R. G. Revisitando a Tradição. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, v. 15, p. 31-45, 1992.
- OLIVEN, R. G. A Polêmica Identidade Gaúcha. Cadernos de Antropologia, Porto Alegre, v. 4, p. 3-56, 1992.
- OLIVEN, R. G. Expressões Públicas de Sentimentos Privados: O Homem Canta A Mulher Na Música Popular Brasileira. Linguagens, Porto Alegre, v. 4, p. 67-75, 1991.
- OLIVEN, R. G. Em Busca do Tempo Perdido: O Movimento Tradicionalista Gaúcho. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, p. 40-51, 1991.
- OLIVEN, R. G. O Maior Movimento de Cultura Popular do Mundo Ocidental. Cadernos de Antropologia, Porto Alegre, v. 1, p. 1-46, 1990.
- OLIVEN, R. G. As Ciências Sociais e a Crise da Totalidade. Idea, Rio de Janeiro, v. 1, p. 23-26, 1989.
- OLIVEN, R. G. O Rio Grande do Sul e o Brasil: Uma Relação Controvertida. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 3, p. 5-14, 1989.
- OLIVEN, R. G. Anthropology and Brazilian Society. Current Athropology, Londres, v. 30, p. 510-514, 1989.
- OLIVEN, R. G. A Antropologia e a Cultura Brasileira. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências

Sociais, Rio de Janeiro, v. 27, p. 74-88, 1989.

OLIVEN, R. G. The Woman Makes (And Breaks) The Man: The Masculine Imagery In Brazilian Popular Music. Latin American Music Review, Texas, v. 9, p. 90-108, 1988.

OLIVEN, R. G. Man/Woman Relations And The Construction Of Brazilian Identity In Popular Music. Information Sur Les Sciences Sociales, Paris, v. 27, p. 119-138, 1988.

OLIVEN, R. G.; LEAL, O. F. Class Interpretation of A Soap Opera Narrative: The Case Of The Brasilian Novela Summer Sun. Theory Culture Society, Londres, v. 5, p. 81-99, 1988.

OLIVEN, R. G. A Atualidade da Questão Regional. Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 2, p. 85-92, 1988.

OLIVEN, R. G.; LEAL, O. F. A Televisão e Outras Falas: Como Se Reconta Uma Novela. Ciências Sociais Hoje 1987 Anuário de Antropologia Política e Sociologia, São Paulo, p. 80-94, 1987.

OLIVEN, R. G. The Growth Of Regional Culture In Brazil: An Analysis Of The Ressurection Of Gaucho Identity In An Urbanized State. Canadian Journal Of Latin American And Caribbean Studies, Canada, v. 12, p. 109-114, 1987.

OLIVEN, R. G. A Mulher Faz (E Desfaz) O Homem. Ciência Hoje, Rio de Janeiro, v. 7, p. 54-62, 1987.

OLIVEN, R. G. As Metamorfoses do Regionalismo no Brasil. Anais do Seminário O Regionalismo e a Questão das Identidades Regionais no, Belo Horizonte/MG, p. 26-38, 1987.

OLIVEN, R. G. State and Culture in Brazil. Studies In Latin American Popular Culture, Las Cruces, v. 5, p. 80-185, 1986.

OLIVEN, R. G. O Nacional e o Regional na Construção da Identidade Brasileira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 2, p. 68-74, 1986.

OLIVEN, R. G. A Antropologia e a Sociedade Brasileira. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Ufrgs, Porto Alegre, v. 14, p. 23-37, 1986.

OLIVEN, R. G. A Sociedade Brasileira e os Meios de Comunicação de Massa. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Ufrgs, Porto Alegre, v. 13, p. 282-286, 1985.

OLIVEN, R. G. The Production and Consumption of Popular Culture in Brazil. Studies In Latin American Popular Culture, Las Cruces, v. 3, p. 143-151, 1984.

OLIVEN, R. G. A Malandragem na Música Popular Brasileira. Latin American Music Review, Austin, v. 5, p. 66-96, 1984.

- OLIVEN, R. G. A Fabricação do Gaúcho. Anuário Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 57-68, 1984.
- OLIVEN, R. G. A Elaboração de Símbolos Nacionais na Cultura Brasileira. Revista de Antropologia (São Paulo), São Paulo, v. 26, p. 107-118, 1983.
- OLIVEN, R. G. O Estudo de Grupos Urbanos. Pesquisa Antropológica, Brasília, v. 23, p. 1-26, 1983.
- OLIVEN, R. G. A Construção Social da Identidade Gaúcha. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Ufrgs, Porto Alegre, v. 11, p. 423-432, 1983.
- OLIVEN, R. G. A Cultura Brasileira e a Identidade Nacional na Década de Oitenta. Ciência e Cultura (SBPC), São Paulo, v. 34, p. 1032-1036, 1982.
- OLIVEN, R. G. A Cultura Brasileira e a Identidade Nacional na Década de Oitenta. Cadernos CERU (FFLCH/USP), São Paulo, v. 17, p. 23-34, 1982.
- OLIVEN, R. G. Aspectos económicos, politicos y culturales de la marginalidad urbana en América Latina. Revista Mexicana de Sociología, México, v. 43, p. 1627-1643, 1981.
- OLIVEN, R. G. Marginalidad Urbana en América Latina. Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales, Santiago, v. 7, p. 49-62, 1980.
- OLIVEN, R. G. A Violência como Mecanismo de Dominação e como Estratégia de Sobrevivência. Dados (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 23, p. 371-376, 1980.
- OLIVEN, R. G. Culture Rules OK: class and culture in Brazilian Cities. Regional Research, Londres, v. 3, p. 29-48, 1979.
- OLIVEN, R. G. A Cidade como Categoria Sociológica. Dados (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 19, p. 135-146, 1978.
- OLIVEN, R. G. A Ideologia da Modernização. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Ufrgs, Porto Alegre, v. 5, p. 157-161, 1977.
- OLIVEN, R. G. Linguagem e Pensamento. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Ufrgs, Porto Alegre, v. 2, p. 48-65, 1974.
- OLIVEN, R. G. Integração Sócio-Cultural de Grupos Sociais em Porto Alegre. Ciência e Cultura (SBPC), São Paulo, v. 26, p. 831-834, 1974.
- OLIVEN, R. G. A Integração Sócio-Cultural dos Moradores da Vila Farrapos na Cidade de Porto Alegre. Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte, v. 26, n.9, p. 181-188, 1974.

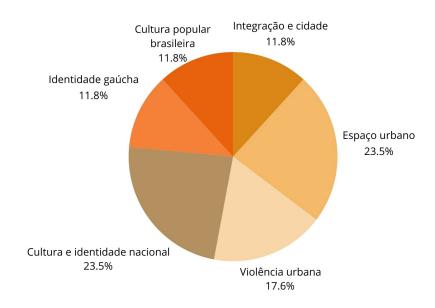
Fonte: Elaborado pela autora com base na produção científica do entrevistado.

Na primeira década, Ruben já manifestava seu interesse em Antropologia Urbana. Sua dissertação sobre os moradores da Vila Farrapos em Porto Alegre lhe rendeu notoriedade e um artigo. Esse artigo resultou em pesquisas sobre grupos sociais, linguagem e movimento de modernização que impactavam os sujeitos e os grupos. Em seguida, a violência e os aspectos econômicos, políticos e culturais da marginalidade, oriundos da modernização e da globalização foram se tornando presentes em suas discussões. Temos, portanto, a predominância de investigações sobre a identidade nacional e regional. Todos esses temas seguem a cronologia partilhada na entrevista por Ruben.

Os símbolos também se somaram aos artigos. A música, amor antigo de Ruben, também passou a fazer parte de sua produção, olhando para os imaginários masculino e feminino nos discursos reproduzidos pelos sambas. Meios de comunicação de massa, cultura popular e erudita, relação entre Brasil e África, e a Antropologia enquanto estudo foram dominantes também.

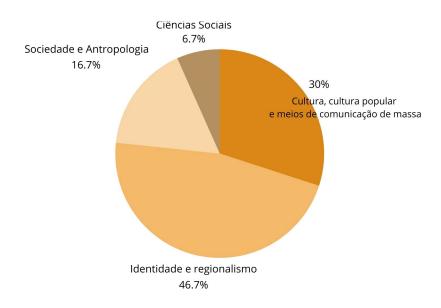
Interessante refletir como a cultura é basilar para todas as investigações de Ruben. Música, novelas, regionalismos, territorialidade, eventos grandes que modificam uma cidade e até mesmo o dinheiro podem ser objeto de pesquisa. Aquilo que é repetido, tratado como hábito ou mesmo costume cultural é explorado. Não que essa ampliação signifique generalização. Muito pelo contrário, requer rigor metodológico para tratar do comum e transformá-lo em novas perguntas. A cidade também se tornou objeto de pesquisa de Ruben. De forma relacional com os outros temas já mencionados, desde o início foi o cerne, o pontapé para levantar questionamentos sobre mudanças, transitoriedades e demais expressões culturais. Por fim, destaco as relações de gênero sendo tratadas em alguns dos artigos, bem como a pobreza. Elaborei 4 gráficos com os focos de análise separados por décadas. Segue abaixo:

Gráfico 11 – Primeiras décadas dos artigos completos publicados em periódicos de Ruben



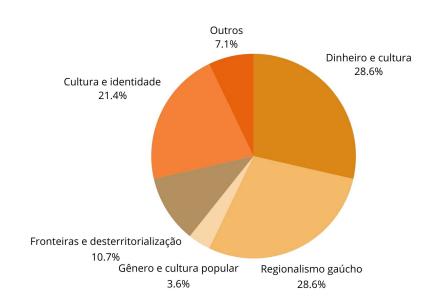
Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

Gráfico 12 – Terceira e quarta década dos artigos completos publicados em periódicos de Ruben



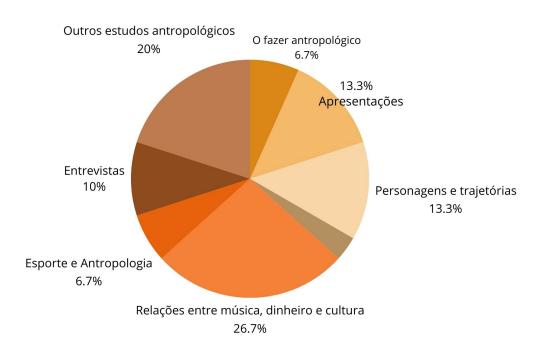
Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

Gráfico 13 – Quinta e sexta década dos artigos completos publicados em periódicos de Ruben



Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

Gráfico 14 – Últimas anos dos artigos completos publicados em periódicos de Ruben



Fonte: Elaborado pela autora com base nos quadros.

Em seguida, temos o quadro abaixo que apresenta seus livros publicados e organizados. Busco, na sequência, redigir breves apontamentos também.

Quadro 9 - Livros publicados/organizados

OLIVEN, R. G. Repensar a Educação Superior no Brasil. Análise, Subsídios e Propostas. 1. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2018. v. 1. 104p.

OLIVEN, R. G.; DAMO, A. S. Megaeventos Esportivos no Brasil. Um olhar antropológico. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados Ltda., 2014. v. 1. 216p.

OLIVEN, R. G. Edição eletrônica do livro A Parte e o Todo. A diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIVEN, R. G. Re-edição de Urbanização e Mudança Social no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Biblioteca Virtual de Ciências Humanas, 2010. v. 1. 146p.

OLIVEN, R. G. Re-edição de Violência e Cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. v. 1. 94p.

BRUM, C. K. (Org.); MACIEL, Maria Eunice (Org.); OLIVEN, R. G. (Org.). Expressões da Cultura Gaúcha. 1. ed. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2010. v. 01. 212p.

OLIVEN, R. G.; Feldman-Bianco, Bela (Org.); JARDIM, D. F. (Org.); Bastos, C. (Org.). Horizontes Antropológicos - Circulação Internacional. 36. ed. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS, 2009. v. 01. 353p.

OLIVEN, R. G. Metabolismo Social da Cidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. v. 1. 51p.

OLIVEN, R. G.; Marcelo Ridenti (Org.); Gildo Marçal Brandão (Org.). A Constituição de 1988 na Vida Brasileira. 1. ed. São Paulo: HUCITEC, 2008. v. 1. 67p.

OLIVEN, R. G.; DAMO, A. S. (Org.); Simoni Lahud Guedes (Org.). Horizontes Antropológicos. 1. ed. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2008. v. 01. 311p.

OLIVEN, R. G. Re-edição do livro "A Antropologia de Grupos Urbanos". 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. v. 01. 71p.

OLIVEN, R. G.; MACHADO, R. P. (Org.). Horizontes Antropológicos: Antropologia e Consumo. 1. ed. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2007. v. 1. 443p.

OLIVEN, R. G. A Parte e o Todo. A diversidade cultural no Brasil-nação - Reedição. 2. ed. Porto

Alegre: Editora Vozes, 2006. v. 1. 228p.

OLIVEN, R. G.; MACIEL, Maria Eunice (Org.); VICTORA, Ceres Gomes (Org.); ORO, Ari Pedro (Org.). Antropologia e Ética. O debate atual no Brasil. 1. ed. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004. v. 1. 207p.

OLIVEN, R. G.; DAMO, A. S. Fútbol y Cultura, 2ª edição: 2005. 1. ed. Buenos Aires: Norma, 2001. v. 1. 119p.

OLIVEN, R. G.; ECKERT, C. (Org.); Rocha, A. L. C. da (Org.); MACIEL, Maria Eunice (Org.). Volume 13 de Horizontes Antropológicos (A Cidade Moderna). 1. ed. Porto Alegre: , 2000. v. 1. 303p.

OLIVEN, R. G. Nación y Modernidad: la identidad gaucha en Brasil. 1. ed. Argentina: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1999. v. 1. 150p.

OLIVEN, R. G. Diferenças Culturais, Volume 5 de Horizontes Antropológicos. 1. ed. Porto Alegre: PPG em Antropologia Social, 1997. v. 1. 307p.

OLIVEN, R. G. Tradition Matters: Modern Gaúcho Identity In Brazil. 1ª. ed. New York: Columbia University Press., 1996. 151p.

OLIVEN, R. G. A Parte e O Todo: A Diversidade Cultural No Brasil - Nação. PETROPOLIS: VOZES, 1992. 143p.

OLIVEN, R. G. A Antropologia de Grupos Urbanos. 1. ed. PETROPOLIS: VOZES, 1985. v. 1. 53p.

OLIVEN, R. G. Violência e Cultura no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982. 86p.

OLIVEN, R. G. Urbanização e Mudança Social No Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980. 136p.

OLIVEN, R. G. Metabolismo Social da Cidade. Porto Alegre: UFRGS, 1974. 78p.

OLIVEN, R. G. Educação e Sociedade Moderna. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1972. 72p.

Fonte: Elaborado pela autora com base na produção científica do entrevistado.

Os livros de 1972 até 1985 acompanham as fases de sua trajetória como professor e investigador, visível nos artigos publicados pelo docente. O livro "A Parte e o Todo - A Diversidade Cultural no Brasil Nação", publicado em 1992, ganhou o Prêmio de Melhor Obra Científica daquele ano concedido pela ANPOCS, sendo traduzido para outras línguas. Ruben lembra-se de ser um feito em sua carreira, e um marco, pois ampliou os convites para ocupar espaços de prestígio e de fala no

mundo da Antropologia. Em seguida, temos alguns livros escritos em espanhol e em inglês, aumentando geograficamente sua extensão. A diversidade cultural então prevalece em algumas obras posteriores, até chegar aos grupos sociais, a violência nas cidades, a urbanização e demais segmentos. A pós-graduação e o lugar da Antropologia também foram discutidos. Veja no gráfico abaixo os objetos estudados nessa categoria de produção:

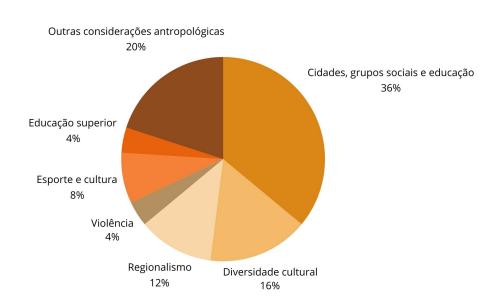


Gráfico 15 – Livros publicados/organizados por Ruben

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esta pesquisa convidando o leitor a explorar 4 percursos de acadêmicos distintos, a saber: José Ivo Follmann, com suas mobilizações nas áreas socioambiental e de movimentos sociais; Clarissa Eckert Baeta Neves, referência nos estudos sociológicos acerca da educação superior; Lorena Holzmann, pioneira nos estudos sobre as relações de trabalho com viés feminista; e Ruben Oliven, importante intelectual na área da Antropologia e da Antropologia Urbana no Brasil, no período entre 1964-2020. Visando identificar elementos de seus itinerários intelectuais no campo das Ciências Sociais, apresentei e debati alguns dos pressupostos teórico-metodológicos da História da Educação, demonstrando como a abordagem micro-histórica apresenta possibilidades interessantes no estudo das trajetórias individuais.

Reconstituindo suas vivências a partir de rastros pretéritos oriundos de suas narrativas de memória, aquilo que foi feito, escrito, produzido e repercutido foi distinguido. As tecituras e a materialidade das relações, apresentadas. Os encontros e desencontros, as decisões e o contexto, revelados. A presença das semelhanças também teve espaços nas considerações e reflexões presentes aqui. Antes de partir para algumas dessas constituições, gosto sempre de incutir alguns dos pensamentos que permearam a minha escrita.

Quem produz história? Todos nós. Quando o pesquisador se propõe a historicizar a vida de alguém ordinário, ele também precisa circunscrever suas razões e suas justificativas. Com as motivações explicadas, a investigação tem o aval para continuar. As trajetórias de Clarissa, Ruben, Ivo e Lorena são únicas, como todos os percursos são. Porém, ao terminar com este estudo, podemos discernir que, de fato, há indícios particulares, há distinções. Cada um ao seu modo, a partir da tríplice que compõe as Ciências Sociais - Sociologia, Antropologia e Ciência Política, contribuiu para o pensamento do campo, reverberando por gerações e influenciando as novas configurações que a disciplina estava enfrentando a partir de 1964. Essas movimentações foram importantes para as metamorfoses que a UFRGS estava vivenciando também.

O que seria o ato de impactar o campo das Ciências Sociais? Nessa seara, temos o padre Ivo Follmann, com a sua produção voltada para a Sociologia dos movimentos civis, religiosos e socioambientais, lutando em diversos espações

institucionais e de ordem civil por um Brasil mais cidadão e plural. Há também Lorena Holzmann, diretamente vinculada às primeiras investigações desenvolvidas sobre economia solidária e transformações no mundo do trabalho, a partir da perspectiva de gênero.

Ainda que estivessem construindo suas carreiras em temáticas diferentes, a militância também fez parte de suas vidas, só que de formas distintas: o primeiro, a partir de uma base cristã, em círculos religiosos; e a segunda, dentro da UFRGS, impulsionada pelos terríveis acontecimentos que permearam a Instituição na ditadura civil-militar. Ainda que suas trajetórias os tenham levado por caminhos diferentes, os dois concluíram o curso de Ciências Sociais no mesmo espaço e quase no mesmo recorte temporal, mas impulsionaram esse lócus em direções diferentes, produzindo resultados dissemelhantes.

Em contrapartida, Clarissa Eckert lutou por um espaço institucional para que professores e demais intelectuais pudessem produzir e formar novos cientistas sociais para compor o novo cenário acadêmico e científico brasileiro. Ruben Oliven, seu colega e amigo, pertencente a sua geração, auxiliou na metamorfose da Antropologia no Brasil e também ampliou o debate da autonomia das áreas que compõem as Ciências Sociais com espaços institucionalmente reconhecidos. Não foram militantes como Lorena e padre Ivo, mas a sua maneira, voltaram suas forças na busca pela consolidação do campo.

Se formos considerar as áreas as quais se especializaram, as diferenças são nítidas, com uma variedade preponderante, assim como suas inserções profissionais e os cargos institucionais que vieram a ocupar. Os encontros e as semelhanças também existiram. Professores como João Guilherme Correa de Souza fora uma presença na formação de praticamente todos os entrevistados, deixando marcas potentes do fazer docente, produzindo redes. Acompanhamos também a frequência de alguns espaços da região metropolitana do Vale do Rio dos Sinos aparecendo, além de movimentos institucionais que foram impactando as escolhas profissionais de cada um.

A partir da pós-graduação dos participantes da pesquisa, também é possível de observar que os destinos internacionais para suas formações, produções e atuações muitas vezes estavam relacionados com elementos de cunho pessoal e de parentesco, conectando partes de suas histórias que jamais podem ser vistas separadas. Um percurso envolve as nuances daquilo que nos compõem. O que

estudamos, o que escolhemos ser, os espaços que ocupamos, a geração a qual fazemos parte, com quem nos relacionamos, que lugares que nos compõem que queremos nos reaproximar. Ainda assim, cada experiência se mostra particular, muitas vezes encadeada e correlacionada com experiências mais coletivas, como o próprio ato de estudar em uma mesma instituição e um mesmo campo, praticamente nas mesmas décadas.

Esses vestígios específicos, detalhados, mas que nos ajudam a verificar um fenômeno maior, com uma ótica diferente, são de grande importância no fazer histórico. São reconstruções da história, como saliento no início da dissertação, em minha epígrafe, citando Eco e Carrière.

Tive a chance de olhar para a vida de intelectuais que tive a oportunidade de estudar ou de assistir às suas aulas. Tive a oportunidade de ouvir, afetada pelos encadeamentos contados. Espero ter feito jus àquilo com o qual dedicaram suas vidas. Ao que compartilharam, ao que não disseram e ao que rememoraram. Porque, no fim, dedicaram-se, à sua maneira, à força do pensamento e na busca por dias melhores.

Estão na história.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cláudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. **Educação e Filosofia**, v. 33, n. 67, 18 dez. 2019. ISSN 1982-596X. Disponível em: https://doi.org/10.14393/revedfil.v33n67a2019-47879. Acesso em: 18 fev. 2024.

ALVES, Jéssica Santana de Assis. Possibilidades no estudo de indivíduos: a microhistória como aparato para analisar trajetórias. **Temporalidades – Revista de História**, ISSN 1984-6150, Edição 29, v. 11, n. 2 (Jan./Abr. 2019). Disponível em: Acesso em:

https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/12670/10009 18 fev. 2024.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **O que pode a biografia.** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

AZEVEDO, Fernando de. **Princípios de sociologia:** pequena introdução ao estudo de sociologia geral. 11a. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

BARROS, José D' Assunção. **Sobre a feitura da Micro-Hitória**. OPSIS, v. 7, n.9, p.167-185, jul./dez. 2007. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Sobre_a_Feitura_da_Micro-Histria._Opsis_UFG_2007.pdf. Acesso em: 18 fev. 2024.

BASTOS, Élide Rugai. Florestan Fernandes e a construção das Ciências Sociais. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (Org.). **Florestan ou o sentido das coisas**. São Paulo: Boitempo, 1998.

BEZERRA, Artur D'Amico; CUSTÓDIO, Thiago; CUSTÓDIO, Douglas. A Reforma Universitária de 1968: expansão e repressão. Disponível em: https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Artur-DAmico-Bezerra_-Thiago-Oliveira-Cust%C3%B3dio -Douglas-Oliveira-Cust%C3%B3dio.pdf Acesso em: 18 fev. 2024.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo. 1987.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. A Sociologia no Brasil. In: **Enciclopédia Delta Larousse.** 2a. ed: Rio de Janeiro: Larousse, 1964. V. 4, p. 2107-2123. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/203910/mod_resource/content/1/U-1%20(4)%20-%20Candido,%20Antonio.pdf Acesso em: 18 fev. 2024.

DINIZ, Débora. A pesquisa social e os comitês de ética no Brasil. In: FLEISCHER; SCHUCH (orgs). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: Letras Livres: Editora da Universidade de Brasília, 2010, p. 183-192.

ESPADA LIMA, Henrique. **A micro-história italiana**: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FERNANDES, Florestan. **A Etnologia e a Sociologia no Brasil:** ensaios sobre os aspectos da formação e do desenvolvimento das ciências sociais na sociedade brasileira. São Paulo: Anhambi, 1958.

FISHER, Beatriz T. Daudt. **Professoras**: histórias e discursos de um passado presente. Pelotas: Seiva, 2005.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.203-222, 2003.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. IN: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. História da Educação e História Oral: possibilidades de pesquisa em acervos de memória. In: RODEGHERO, Carla Simone; GRINBERG, Lúcia; FROTSCHER, Méri (orgs.). **História Oral e Práticas Educacionais.** São Leopoldo: Oikos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: editora Revista dos Tribunais, 2003. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf Acesso em: 18 fev. 2023.

HISTÓRICO da UFRGS. Site da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>. Acesso em 24 abr. 2023.

IZQUIERDO, Iván. **Memória** [recurso eletrônico] 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em:

https://www.academia.edu/62009539/Ivan_Izquierdo_Mem%C3%B3ria Acesso em: 18 fev. 2024.

IZQUIERDO, Iván. Memórias. Estudos Avançados, Artmed, 1989.

LECLERC, Gérard. **Sociologia dos Intelectuais**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter (org.). **Escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.133-161.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x:** da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos:** história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAINARDES, J.; CARVALHO, I. C. M. Autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa em Educação. In. **ANPEd Ética e pesquisa em Educação:** subsídios. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332091638_Autodeclaracao_de_principios_e_de_procedimentos_eticos_na_pesquisa_em_Educacao Acesso em: 18 fev. 2024.

MIDGLEY, N. Word of the year 2016 is... **Oxford**, 8 nov. 2016. Disponível em: https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016 Acesso em: 26 mai. 2023.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

ORTIZ, Renato. Notas sobre as Ciências Sociais no Brasil. ORTIZ, R. **Ciências Sociais e trabalho intelectual**. São Paulo: Olhos d'Água, 2002. P. 175-196.

PESAVENTO, Sandra Janahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: Acesso em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf 18 fev. 2024.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PROST, Antoine. **Doze Lições sobre História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Rev. Bras. Educ**. 15 (45), Dez 2010. https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000300003 Acesso em: 18 fev. 2024.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007a.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa**, vol. 1. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007b.

SAID, Edward. **Representações do intelectual**. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Revista Anos 90**, Porto

Alegre, v. 27, 2020. DOI: https://doi.org/10.22456/1983-201X.102266 Acesso em: 18 fev. 2024.

Segatto, José A.; Bariani, Edson. À PARTE: As Ciências Sociais no Brasil - trajetória, história e institucionalização. *Revista Em Pauta: Teoria Social E Realidade contemporânea*, (25), 201–214. DOI: https://doi.org/10.12957/rep.2010.2922 Acesso em: 18 fev. 2024.

SIRINELLI, Jean-François. Génération, generations. Vingtième siècle. Revue d'Histoire, Paris, **Revue d'Histoire**, n. 98, p. 113-124, 2008. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2008-2-page-113.htm Acesso em: 18 fev. 2024.

SIRINELLI, Jean-François. **Intellectuels et passions françaises:** manifestes et pétitions au XXe siécle. Paris: Gallimard, 1996.

SIRINELLI, Jean-François. **Génération intellectuele:** Khâgneux et Normaliens dans l'entre-deux-guerres. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

STEPHANOU, Maria. BASTOS, Maria Helena Camara. História, memória e História da Educação. In: STEPHANOU, M; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. VIII – Século XX: Vozes, 2005.

VARGAS, Francisco E. Beckenkamp. O ENSINO DA SOCIOLOGIA: Dilemas de uma disciplina em busca de reconhecimento. In.: **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais**, IFISP/UFPeIV. 02, Nº 04, Jul/Dez/2014. Disponível em:https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/publicacoes/artigos/. Acesso em: 18 abr. 2023.

VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História e Historiografia** da Educação no Brasil. 1ª ed – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VICENTE, Sérgio Augusto. Os intelectuais mediadores: Afinal, qual a contribuição deste conceito para a história cultural? **Revista Trama – Arte, Cultura e Criatividade.** Ano 002, n. 050, 2020. Disponível em: https://tramabodoque.com/2020/06/21/os-intelectuais-mediadores-afinal-qual-acontribuicao-desse-conceito-para-a-historia-cultural/. Acesso em: 18 dez. 2022.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira De História Da Educação**, 8(1 [16]), 63-85. DOI: https://doi.org/10.4025/rbhe.v8n1.cevieira

APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA EM HISTÓRIA ORAL

1 Para iniciar a conversa: memórias anteriores à trajetória de docência e pesquisa.

Gostaria que me contasse algumas informações pontuais, para iniciarmos. Lembrando um pouco da sua infância, qual foi o local e ano do seu nascimento? Do que se recorda deste período?

Nesse período inicial, pensando na escola que estudou, como se lembra destes momentos?

Sobre a sua constituição familiar nessa etapa da sua vida, que lembranças lhe vem? Qual era a profissão de seus pais?

2 A trajetória de docência e pesquisa se constituindo: as recordações.

De que forma chegou até a faculdade em que cursou a graduação? O que possibilitou seu acesso? Pensando nos atravessamentos do tempo, do espaço e das suas percepções, houve algum incentivo?

Que ano e contexto você chegou à graduação? Do que se recorda deste período?

Nessas vivências enquanto aluno, quais temáticas e assuntos lhe interessavam mais?

Do que se recorda do currículo da graduação enquanto estudante na época em que estudava lá? Relate um pouco de que forma você se lembra das aulas, dos debates, das atividades que ocorriam?

Lembra-se dos professores? Me conta um pouco o que lhe ocorre quando pensa neles.

Pensando na pós-graduação, como se deu esse processo? Em que instituição? O que você se recorda desse período? Qual foi o local e os atravessamentos dessa experiência? E sobre os autores, com quem teve contato nessa pós-graduação, foram diferentes dos autores que viu quando era aluno na graduação?

Em que momento tornou-se professor? A docência aconteceu de forma simultânea à pós-graduação, anterior ou posterior a ela? Do que você se recorda desta época?

Me relata um pouco sobre as instituições que já lecionou, pensando em toda a sua trajetória.

Lembra-se das relações com os discentes e com os outros docentes? Das partilhas, das reuniões, das trocas...

Quais materiais se utilizava? Que temas geradores o(a) senhor(a) atravessava aos alunos?

Recordando ainda seus momentos de docência, tem algum destaque a fazer?

Em que momento de sua trajetória percebeu-se pesquisador? Houve algum incentivo?

Pensando em sua trajetória como pesquisador, que aspectos ou temáticas você destacaria? O que mais lhe mobilizou... E por quê?

Quais desdobramentos essas pesquisas promoveram?

Quais atravessamentos ocorreram dessas pesquisas enquanto professor? E que atravessamentos da docência o(a) transformaram enquanto pesquisador(a)? Me relate um pouco sobre essa relação professor-pesquisador.

Existe mais algum ponto que gostaria de destacar em sua trajetória?

APÊNDICE B – TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DE JOSÉ IVO FOLLMANN

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado a participar como entrevistada do estudo que vem sendo realizado pela pesquisadora Tainá Martins de Barros, aluna da linha de pesquisa 1: Educação, História e Políticas, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. O estudo, o qual dará origem à Dissertação de Mestrado, está sendo orientado pela professora Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, e visa produzir por meio das narrativas orais e demais documentos angariados, trajetórias de cientistas sociais, além de compreender as transformações e permanências do campo das Ciências Sociais e aproximar as trajetórias dos entrevistados ao conceito de intelectual mediador, entre as décadas de 1960 a 2012.

Estou ciente que os dados coletados (depoimento, fotografias, objetos da cultura material escolar, etc.) serão utilizados com finalidade exclusiva de pesquisa, respeitando todos os preceitos da ética. Reitero que os dados serão utilizados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados por meio de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada e os dados de identidade de cada participante, somente serão publicizados na dissertação ou em demais artigos e apresentações orais com a devida autorização do entrevistado. Qualquer dúvida ou necessidade de informações que a participante venha a ter no decorrer da pesquisa ou posteriormente, pode contatar a pesquisadora pelo telefone/whatsapp (51) 99363-4563 ou pelo e-mail ttaimartins@hotmail.com

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido as minhas dúvidas, eu José Ivo Follmann, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa desenvolvida pela discente Tainá Martins de Barros, a fim de que sejam usados integralmente ou em partes, editados ou não, sem restrições de prazo e citações, a

partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações, com a ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria desta pesquisa.

<u>Observações:</u> Reli as respostas registradas da entrevista e confirmo a sua autenticidade, preservando a forma coloquial e oral de expressão.

Autorizo a utilização de meu nome (X)

Não autorizo a utilização do meu nome ()

Autorizo a utilização de minha(s) imagem(s) (X)

Em caso de anonimato, eu serei identificada com o nome de (não precisa ser anônima).

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

São Leopoldo, 17 de abril de 2023

Participante da pesquisa

Man

Pesquisadora

Tainá Martins de Barros

Lang Mintmydesavos

José Ivo Follmann







APÊNDICE C – TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DE CLARISSA ECKERT BAETA NEVES

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada a participar como entrevistada do estudo que vem sendo realizado pela pesquisadora Tainá Martins de Barros, aluna da linha de pesquisa 1: Educação, História e Políticas, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. O estudo, o qual dará origem à Dissertação de Mestrado, está sendo orientado pela professora Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, e visa produzir por meio das narrativas orais e demais documentos angariados, trajetórias de cientistas sociais, além de compreender as transformações e permanências do campo das Ciências Sociais e aproximar as trajetórias dos entrevistados ao conceito de intelectual mediador, entre as décadas de 1960 a 2012.

Estou ciente que os dados coletados (depoimento, fotografias, objetos da cultura material escolar, etc.) serão utilizados com finalidade exclusiva de pesquisa, respeitando todos os preceitos da ética. Reitero que os dados serão utilizados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados por meio de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada e os dados de identidade de cada participante, somente serão publicizados na dissertação ou em demais artigos e apresentações orais com a devida autorização do entrevistado. Qualquer dúvida ou necessidade de informações que a participante venha a ter no decorrer da pesquisa ou posteriormente, pode contatar a pesquisadora pelo telefone/whatsapp (51) 99363-4563 ou pelo e-mail taimartins@hotmail.com

Após ter sido devidamente informada de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido as minhas dúvidas, eu Clarissa Eckert Baeta Neves, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa desenvolvida pela discente Tainá Martins de Barros, a fim de que sejam usados integralmente ou em partes, editados ou não, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações, com a ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria desta pesquisa. Observações:

Autorizo a utilização de meu nome (X)

Não autorizo a utilização do meu nome ()

Autorizo a utilização de minha(s) imagem(s) (X)

Em caso	de	anonimato.	eu	serei	identificada	com	0	nome d	e
---------	----	------------	----	-------	--------------	-----	---	--------	---

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

São Leopoldo, ...27..../....04... de 2023

Participante da pesquisa

Come/Martindoparos

Pesquisadora Tainá Martins de Barros







APÊNDICE D – TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DE LORENA HOLZMANN

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada a participar como entrevistada do estudo que vem sendo realizado pela pesquisadora Tainá Martins de Barros, aluna da linha de pesquisa 1: Educação, História e Políticas, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. O estudo, o qual dará origem à Dissertação de Mestrado, está sendo orientado pela professora Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, e visa produzir por meio das narrativas orais e demais documentos angariados, trajetórias de cientistas sociais, além de compreender as transformações e permanências do campo das Ciências Sociais e aproximar as trajetórias dos entrevistados ao conceito de intelectual mediador, entre as décadas de 1960 a 2012.

Estou ciente que os dados coletados (depoimento, fotografias, objetos da cultura material escolar, etc.) serão utilizados com finalidade exclusiva de pesquisa, respeitando todos os preceitos da ética. Reitero que os dados serão utilizados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados por meio de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada e os dados de identidade de cada participante, somente serão publicizados na dissertação ou em demais artigos e apresentações orais com a devida autorização do entrevistado. Qualquer dúvida ou necessidade de informações que a participante venha a ter no decorrer da pesquisa ou posteriormente, pode contatar a pesquisadora pelo telefone/whatsapp (51) 99363-4563 ou pelo e-mail ttaimartins@hotmail.com

Após ter sido devidamente informada de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido as minhas dúvidas, eu Lorena Holzmann, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa desenvolvida pela discente Tainá Martins de Barros, a fim de que sejam usados integralmente ou em partes, editados ou não, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das

referências em outras pesquisas e publicações, com a ressalva de sua integridade e
indicação de fonte e autoria desta pesquisa.
Observações:
Autorizo a utilização de meu nome (x)
Não autorizo a utilização do meu nome ()
Autorizo a utilização de minha(s) imagem(s) (xx)
Em caso de anonimato, eu serei identificada com o nome de
Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a
presente declaração,
Porto Alegre, 06/08 de 2023
1 . (A h: 11 a 1
Louis Murtin de Barros
Lorena Holzmann

Participante da pesquisa Lorena Holzmann Pesquisadora Tainá Martins de Barros







UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado a participar como entrevistada do estudo que vem sendo realizado pela pesquisadora Tainá Martins de Barros, aluna da linha de pesquisa 1: Educação, História e Políticas, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. O estudo, o qual dará origem à Dissertação de Mestrado, está sendo orientado pela professora Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, e visa produzir por meio das narrativas orais e demais documentos angariados, trajetórias de cientistas sociais, além de compreender as transformações e permanências do campo das Ciências Sociais e aproximar as trajetórias dos entrevistados ao conceito de intelectual mediador, entre as décadas de 1960 a 2012. Estou ciente que os dados coletados (depoimento, fotografias, objetos da cultura material escolar, etc.) serão utilizados com finalidade exclusiva de pesquisa, respeitando todos os preceitos da ética. Reitero que os dados serão utilizados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados por meio de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada e os dados de identidade de cada participante, somente serão publicizados na dissertação ou em demais artigos e apresentações orais com a devida autorização do entrevistado. Qualquer dúvida ou necessidade de informações que a participante venha a ter no decorrer da pesquisa ou posteriormente, pode contatar a pesquisadora pelo telefone/whatsapp (51) 99363-4563 ou pelo e-mail ttaimartins@hotmail.com

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido as minhas dúvidas, eu Ruben George Oliven, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa desenvolvida pela discente Tainá Martins de Barros, a fim de que sejam usados integralmente ou em partes, editados ou não, sem restrições de prazo e citações, a

partir da prese	nte data.	Da mesma	forma,	autorizo a s	ua consulta e	e o uso das
referências em	outras pes	squisas e pu	blicaçõe	es, com a res	salva de sua i	ntegridade e
indicação	de	fonte	е	autoria	desta	pesquisa.
Observações:_	· · · · · · · · · · · · · · · · · · ·					
						
Autorizo a utiliz	ação de n	neu nome (X)Não	autorizo a u	ıtilização do m	neu nome ()
Autorizo a utiliz	ação de m	inha(s) imag	jem(s) (X)		
Em caso de an	onimato, e	u serei ident	ificada d	com o nome o	de	
Levando tudo is	sso em cor	nsideração, s	subscrev	o a presente	declaração,	
				São Leo	poldo, 19 de a	abril de 2023
2	~ 9	100	Lang	Muntin desparos		
Participante o		ı		Pesquisadora		
Ruben Georg	e Oliven			Tainá Martins	de Barros	







APÊNDICE F – LEVANTAMENTO GERAL DO ESTADO DA ARTE

	L	EVANTA	MENTO DAS	PESQUISAS N	A BDTD PARA O ESTADO DA ARTE
Pesquisador(a)	Título	Ano	Natureza	Local/ Universidade	Resumo
ALVES, Edson Rossetti	Yza Fava de Oliveira: uma intelectual mediadora à frente do Departamento de História da Universidade de Santos (1978-1994)	2017	Dissertação	Universidade Católica de Santos/SP	A presente dissertação investiga a trajetória do Curso de História, no período da gestão de 16 anos de professora Yza Fava de Oliveira. Nessa pesquisa dá-se destaque aos instrumentos que o Curso organizou para alcançar os seus objetivos de desenvolvimento da pesquisa histórica, defesa do patrimônio e construção do conhecimento da História da Baixada Santista. Entre outros, o Centro de Documentação, Centro de Estudos Folclóricos, Centro de Estudos Históricos, Instituto de Pesquisas Arqueológicas, Semana de História. Utilizando pesquisa documental serviu-se dos principais acervos do próprio Departamento e dos órgãos de apoio. Igualmente importante foram as entrevistas feitas com a própria coordenadora. Isso foi importante, pois completou algumas dúvidas encontradas nas fontes documentais e motivou outros modos de olhar a realidade. Além da documentação escrita, foram importantes os acervos iconográficos do próprio Departamento e de professores. Conseguiu-se, ainda que preliminarmente, ter uma visão do Curso, sob as práticas escolares.
SILVA, Alexander Marques da	Waldemar Valle Martins (1926-2004): a figura do sacerdote como intelectual e mediador educacional	2018	Dissertação	Universidade Católica de Santos/SP	Esta dissertação apresenta um pouco da vida e obra de uma das figuras acadêmicas importantes da sociedade santista e que foi o líder da criação da Universidade Católica de Santos, Waldemar Valle Martins. Um homem preocupado com a educação e crente do poder transformador desta na vida do ser humano. Por ter lutado pela implantação da primeira Universidade da Baixada Santista e por sua importância para a cidade de Santos, o objetivo deste trabalho é o de apresentar sua trajetória como educador e intelectual, além de preservar e manter viva sua memória. Esta pesquisa é qualitativa e, para analisar o perfil desse homem, foi utilizada como metodologia a histórico documental, sendo realizado um levantamento de seus escritos. Apesar de haver muitas fontes primárias, como documentos oficiais e pessoais, escritos, fotos, esses não eram suficientes para se analisar seus diferentes papéis na sociedade santista. Por isso, utilizou-se também da metodologia da história oral, através de entrevistas com pessoas que estudaram e trabalharam com ele, procurando obter mais informações a respeito desse intelectual. Foram realizadas 35 entrevistas, utilizando-se de um questionário semiestruturado, que confirmaram a sua importância para a educação na cidade de Santos, haja vista que ele empenhou-se por um ensino superior de qualidade, preparando professores para lecionarem através de cursos. Destaca-se também seu papel como intelectual dentro e fora da Universidade. O conceito de análise utilizado é

					o de intelectual mediador, desenvolvido por Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen. Além desse, utiliza-se o conceito de intelectual e sua rede de sociabilidade, de Jean François Sirinelli. As entrevistas confirmaram que Waldemar foi um intelectual por seu trabalho no campo educacional e social, mediante seus escritos na mídia impressa e de suas aulas ministradas nas Universidades em que lecionou. Tais atuações atestam sua importância para a formação intelectual de seus ex-alunos e ex-paroquianos. Diante do que foi apresentado pode-se concluir que Waldemar Valle Martins foi um relevante intelectual mediador, visto que sua atuação através de sua rede de sociabilidade e influência junto ao Conselho Federal de Educação, contribuiu efusivamente para a implantação da Universidade Católica de Santos, um marco educacional importante para a cidade de Santos e região.
MONTEIRO, Rísia Rodrigues Silva	Os saberes e fazeres de Aglaé D'Ávila Fontes: uma educadora e mediadora cultural sergipana (1955-2005)	2021	Tese	Universidade Federal do Sergipe/SE	Esta tese tem como objeto de investigação a atuação da intelectual Aglaé d'Ávila Fontes como educadora e mediadora cultural sergipana. A professora participou da implantação do Centro de Criatividade e o dirigiu por três gestões; criou grupos de teatro, escreveu livros e peças teatrais; é pesquisadora da cultura popular sergipana; foi docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS); integra a Academia Sergipana de Letras e a Academia Lagartense de Letras; assumiu a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em 2018, e foi reconduzida ao cargo em 2020, para o triênio de 2021 a 2023. O objetivo geral desta pesquisa é compreender a contribuição de Aglaé Fontes como educadora e intelectual mediadora cultural para o estado de Sergipe, evidenciando-se três eixos de sua atuação: o da produtora intelectual; o da mediadora da cultura popular; e o da diretora e arte-educadora no Centro de Criatividade, construído em Aracaju, capital de Sergipe, em 1985. Esta investigação traçou como objetivos específicos: identificar na trajetória de Aglaé Fontes sua inserção nas áreas educativa e cultural de Sergipe; evidenciar as propostas de educação na sua produção intelectual; examinar suas ações como mediadora cultural; e analisar a atuação dessa professora no Centro de Criatividade. O recorte temporal desta pesquisa abrange os anos de 1955 a 2005. O marco inicial refere-se ao ano em que a professora fundou sua "Escolinha de Música", onde realizava práticas inovadoras para a época, as quais incluíam teatro e cultura popular. O marco final é o ano de 2005, com a remontagem do espetáculo "Ópera do Milho", durante a terceira gestão de Aglaé Fontes no Centro de Criatividade. O musical levou ao palco a representação de um casamento "apressado", crendices, danças, superstições, quadrilhas juninas e a interferência dos santos do ciclo. Numa abordagem histórico-cultural, este estudo elegeu como principais noções e conceitos para diálogo: capital cultural e capital social, de Bourdieu (1989, 1996, 2005, 2006a); apropriaçõe

						de uma pesquisa documental, que fez uso de procedimentos da História Oral e que tem como principais fontes documentos institucionais, jornais, fotografias, áudios, vídeos e registros orais. Os documentos foram localizados no Arquivo Central e Arquivos Setoriais da Universidade Federal de Sergipe; nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; da Biblioteca Central da UFS; da Biblioteca Pública Epifânio Dória; da Biblioteca Central Jacinto Uchôa de Mendonça, da Universidade Tiradentes (Unit); nos acervos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/Unit); e em acervos particulares. Defendo a tese de que a professora Aglaé d'Ávila Fontes é uma intelectual mediadora que ensina, produz saber, elabora produções criativas e desenvolve práticas de mediação cultural, utilizando a arte em diferentes projetos e processos educativos, elegendo como base temática a valorização da cultura popular sergipana.
ANDRADE Luiza Mell Santiago d	llo	Rubricas do cotidiano: transformações urbanas e sociabilidades burguesas nas crônicas do O Estado de S. Paulo (década de 1920)	2018	Tese	Universidade de São Paulo/SP	Esta tese tem como objetivo investigar a modificação dos códigos de civilidade, das formas de agir e consumir em uma cidade em transformação. Entendendo a cidade de São Paulo durante a década de 1920 como um espaço privilegiado para observação da modernidade como experiência física e mental (BERMAN, 2007), utilizou-se da mídia impressa, em especial das crônicas intituladas Coisas da Cidade, publicadas no jornal O Estado de S. Paulo, como documentos importantes para perceber a promoção de novos hábitos burgueses e padrões higiênicos para os locais de sociabilidades no espaço urbano, notadamente os destinados ao comer e ao beber, transformados em lugares de lazer e entretenimento. Para pinçar tais práticas intenta-se caminhar pela História do Cotidiano (CERTEAU, 2008). A descoberta da autoria das crônicas, assinadas por P., foi efetivada através de um trabalho de investigação aos moldes do que propõe Carlo Guinzburg com os paradigmas indiciários (1989). Plínio Barreto - o autor - caminhava, observava e atuava sobre a cidade, e pode ser entendido como um flâneur (BENJAMIN, 1994) e como um intelectual-mediador (GOMES; HANSEN,2016). Assim, mediou a relação do público leitor, promovendo debates com os poderes públicos, prestadores de serviços e cidadãos, fazendo do seu espaço no jornal um meio de promoção e divulgação das formas de se portar na cidade que se anunciava como metrópole.
Quadrado landora de	•	Um professor no museu: Emílio Kemp e as práticas educativas no Museu Julio de Castilhos (1939-1950)	2022	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS	Este trabalho tem como objetivo analisar o caráter educativo assumido no Museu Julio de Castilhos ao longo da gestão de Emílio Kemp (1939-1950) e investiga como este conduziu a direção da instituição visando desenvolver de forma sistemática práticas educativas ofertadas pelo Museu. A pesquisa tem como objetivo analisar como as ações adotadas nesse período refletiram na trajetória do Museu e no lugar ocupado por ele frente ao contexto da primeira metade do século XX, no que se refere ao âmbito da História dos museus. A análise foi realizada em fontes documentais a partir de uma abordagem qualitativa a fim de mapear as medidas adotadas por Kemp durante sua gestão,

					no que se refere ao âmbito da educação. A partir do levantamento documental, é possível sugerir que Emílio Kemp, diferentemente de seus antecessores, que deram ênfase a pesquisa, colocou seus esforços em tornar o Museu um centro de ensino, através de aulas ministradas no Museu, de exposições e das práticas museográficas como um todo, além de ter insistido ao longo período sobre a relevância de se criar um Curso de Museus na instituição. Para a construção argumentativa da pesquisa propõe-se uma articulação com os conceitos norteadores: imaginação museal (CHAGAS, 2009), intelectual mediador (GOMES; HANSEN, 2016) e dimensão educativa e função educativa (PEREIRA, 2010). A postura adotada por Emílio Kemp denota sua visão de mundo diante da direção do Museu, que embora tenha transitado em diferentes áreas, como na medicina, na literatura e na política, além de ter sido professor e diretor da Escola Normal, teve uma trajetória atravessada pela educação. Desse modo, a investigação permitiu perceber como ao longo de mais de uma década na direção Kemp pretendeu institucionalizar a função educativa no Museu Julio de Castilhos.
PRACHUM, Bianca Neves	Educação e catolicismo: a construção de um modelo de professor e as apropriações católicas da Escola Nova a partir de Everardo Backheuser (1928-1946)	2019	Dissertação	Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR	O objetivo desta dissertação é analisar os manuais pedagógicos escritos por Everardo Backheuser (1879-1951), a fim de identificar o modelo desejável de professor católico neles expressos, bem como as apropriações católicas da Escola Nova neles sistematizadas. Em termos específicos, apresenta-se a trajetória desse intelectual católico, bem como suas contribuições para a renovação da Pedagogia católica no Brasil. Foi delimitado para estudo o período entre 1928 e 1946, respectivamente, ano de sua conversão ao catolicismo e ano de publicação do último manual aqui analisado. Os manuais utilizados como fontes primárias foram: Aritmética na Escola Nova (1933), Técnica da Pedagogia Moderna (teoria e prática da Escola Nova) (1934), Ensaio de Biotipologia Educacional (1941), e O Professor (1946). Esses manuais foram os principais escritos do autor em questão na área da Pedagogia, aqui analisados como parte da estratégia política da intelectualidade católica no campo educacional. Para interpretar o modo como Backheuser, a partir de sua apropriação da Escola Nova, atuou como intelectual mediador, ao produzir seus manuais pedagógicos em contato com outros intelectuais ligados à Igreja, empregam-se dois conceitos-chave, a saber: o conceito de estratégia, a partir de Michel de Certeau; e o conceito de apropriação, a partir de Roger Chartier. Os manuais foram concebidos e direcionados para a formação inicial e continuada de professores do ensino primário, foram muito efetivos em seu alcance, inclusive, ultrapassando a seara exclusiva dos professores católicos. Utilizamos como referencial teórico metodológico a análise de conteúdo de Laurence Bardin; e, ainda, complementarmente, para discutir a trajetória intelectual, a conversão ao catolicismo e a atuação de Backheuser nos diferentes campos sociais, especialmente no campo educacional, lançamos mão de conceitos cunhados por Pierre Bourdieu, notadamente os de campo, de habitus e dos diferentes tipos de capital — econômico, cultural, social e

					simbólico. Como resultados da investigação verificou-se que Everardo Backheuser foi um renovador da Pedagogia católica no Brasil, por meio de suas contribuições para a formação de professores, especialmente a partir dos seus manuais pedagógicos. Foi membro da Associação Brasileira de Educação até 1932, e, após ter saído, foi um dos fundadores da Confederação Católica Brasileira de Educação, em 1933. Para Backheuser, os professores deveriam ser educadores, contribuindo assim para a educação integral dos alunos. A formação integral era compreendida a partir do estruturalismo de Spranger, o que tornava sua apropriação da Escola Nova muito particular. Entre as características desejáveis aos professores estavam a autoridade, o estudo contínuo, o otimismo, o "ser exemplo" e o espírito de cooperação e iniciativa. Destacam-se dentre suas apropriações dos métodos da Escola Nova as recomendações para o trabalho com as excursões e o investimento na produção de museus escolares.
ZANÃO, Camila Medina	A história da Música Popular Brasileira nas crônicas de Jota Efegê em O´Globo (1970-1980)	2021	Dissertação	Universidade Federal de São Paulo/SP	O presente trabalho tem como principal objetivo investigar a construção da história da música popular brasileira, excepcionalmente aquela que se originou no âmbito da chamada primeira geração de historiadores interessados no tema a partir da análise das crônicas derivadas da prática jornalística e memorialista do carioca nascido no início do século XIX, João Ferreira Gomes, mais conhecido como Jota Efegê. A análise da trajetória individual de Jota Efegê que compõe o aspecto biográfico desse trabalho possibilitará, junto à análise minuciosa de sua obra, compreender como o universo citadino e boêmio do Rio de Janeiro, o samba, os sambistas e o carnaval eram representados nesses seus escritos e como essas representações atuaram na construção dessa história da música popular brasileira que se constituía temporalmente e era constituída discursivamente nesse momento singular. Jota caminhava e observava a cidade e pode ser entendido como um flâneur e como um intelectual mediador. As posições que Jota Efegê defende em relação a música popular urbana que surgia e se transformava, ao mesmo tempo em que era modificada pelas políticas públicas, o crescimento da cidade e as transformações do carnaval, nos conduzem a uma discussão a respeito do conceito de música popular e da relação desta com a construção da identidade nacional brasileira durante as décadas de 70 e 80.
ROCHA, Mateus Vinicios Afonso	Como a poesia das laranjeiras: o projeto político e pedagógico da intelectual Júlia Lopes de Almeida	2020	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais/MG	Este trabalho analisa o projeto político da intelectual brasileira Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) a partir, principalmente, de quatro de seus livros: Contos infantis (1886), Histórias da nossa terra (1907), Correio da roça (1913) e A Árvore (1916). O projeto, constituído de ideias ao mesmo tempo modernas e tradicionais, tinha um forte teor pedagógico e articulava preocupações com o ensino de valores cívicos, com a exploração das potencialidades simbólicas e materiais da natureza e com a luta pela educação e trabalho femininos. Entendendo a escritora a partir da categoria de intelectual mediadora, a pesquisa explora as redes de sociabilidade intelectual constituídas por ela, para assegurar que sua produção chegasse aos sujeitos que pretendia alcançar.

Silva, João Pa de Souza da	Sob o signo da modernidade: educação e psicologia na trajetória intelectual de Eny Caldeira (1912-2002)	2018	Tese	Universidade Federal do Paraná/PR	Também foi objetivo dessa pesquisa compreender como a bibliografia a respeito de Júlia Lopes de Almeida, principalmente a que se preocupa com o resgate de sua obra, contribui para a construção de uma memória sobre a escritora que encerra suas complexidades às "amarras de seu tempo". Este trabalho analisa a trajetória intelectual da educadora Eny Caldeira (1912-2002), em especial nas décadas de 1950, 1960 e 1970, especialmente no tocante às suas ideias e ações educativas modernizadoras. Durante o período escolhido, a trajetória de Eny Caldeira obtém uma dimensão pública em razão de sua nomeação como diretora do Instituto de Educação do Paraná (1952-1955), do seu trabalho como pesquisadora do Centro Brasileiro de Estudos Pedagógicos (1955-1959) e de sua atuação como professora da Universidade Federal do Paraná (1960-1991). Suas iniciativas caracterizam a ação da intelectual frente a projetos de modernização educacional e divulgação da psicologia como ciência explicativa e operacional para a educação. Eny Caldeira inseriu-se num grupo de educadores que definiu bases para uma educação baseada não mais especialmente na filosofía, como o grupo que a antecedeu, porém, assentada em fundamentos da sociologia, da biologia e especialmente da psicologia. Caldeira, enquanto intelectual mediadora e regional, foi, ao mesmo tempo, constituída e constituidora desse campo educacional em construção, podendo ser considerada uma figura de transição entre diferentes modelos de formação e pesquisa docente, no que concerne ao uso da psicología aplicada à educação. Como referencial teórico na análise da trajetória, empregamos os conceitos de campo, capital e habitus de Pierre Bourdieu. No que concerne aos conceitos de moderno, modernização e modernidade, tomamos como principais referências Marshall Berman, Norberto Bobbio, Anthony Giddens e Zigmunt Bauman. Dialogamos também com as contribuições teóricas sobre a história intelectual de Helenice Rodrigues da Silva, Sergio Miceli e Carlos Eduardo Vieira e com os conceitos de apropriação
BONIFÁCIO,la Marina dos An		2019	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais/MG	A pesquisa tem como objetivo compreender o papel desempenhado por Ludvig Kumlien (1874-1934) na (re)produção da ginástica sueca. Busca-se, desse modo, problematizar o papel ativo desempenhado pelos sujeitos na (re)invenção dos modos de fazê-la ao longo do tempo. Trata-se de um sueco, natural de Eskilstuna que se mudou, em 1895, para Paris, na França, e lá realizou diferentes movimentos de divulgação da ginástica sueca, entre eles a realização de exibições de ginástica, o ensino da ginástica e a publicação de manuais. Suas iniciativas fizeram parte de um movimento, conduzido pelo Royal Central Institute of Gymnastics (GCI) e a cora sueca, que apostou, sobretudo, no

					trânsito de sujeitos para divulgar a sua ginástica sueca. Trata-se de uma sistematização proposta por Pier Henrik Ling (1776-1839) que buscava, por meio de movimentos simétricos e precisos, formar um corpo harmonioso a partir de pressupostos científicos, um método prático e racional. Seu processo de criação se deu ao longo das primeiras décadas do século XIX, quando Ling, em 1813, assumiu a direção do GCI, local de formação de sujeitos aptos ao ensino da ginástica sueca na Suécia. A elaboração dessa sistematização se relaciona com um movimento que, desde fins do século XVIII, na Europa, dizia da necessidade da constituição de um processo educativo e nele deveria conter também a educação dos corpos. Percebe-se a potencialidade em compreender o processo de circulação de um objeto cultural – a ginástica sueca – a partir dos sujeitos, tomando seus itinerários como objeto de pesquisa. Para dar conta disso, utilizou-se como fontes os manuais, jornais, revistas, livro de família, localizados em acervos físicos e digitais. Como referencial teórico-metodológico, mobilizamos as noções de circulação, sociabilidades e intelectuais mediadores, buscando compreender o papel desempenhado por Ludvig Kumlien, desvelando as estratégias traçadas, as relações estabelecidas, os locais ocupados, seus modos de agir, que possibilitaram que as ideias (re)produzidas por ele acerca da ginástica sueca circulassem, sobretudo na forma de manuais, em diferentes territórios e idiomas e que, em alguma medida, contribuíram para a conformação da educação física nesses lugares. Observou-se que ao divulgar a ginástica sueca, Ludvig Kumlien a transforma no contato com outra cultura, em meio às adesões e às resistências, produzindo, assim, uma ginástica sueca ao seu modo. E nesse processo ele assume variados papéis, ora como professor, ora como divulgador, comunica a sua ginástica a partir de variadas linguagens.
RHEINHEIMER, Juliana Mercedes	O ensino de matemática nas instituições educacionais da Província Sul-brasileira da Companhia de Jesus: um olhar a partir de intelectuais mediadores jesuítas, suas obras e práticas educativas (1845-1939)	2022	Tese	Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS	Esta pesquisa está inserida no campo da História da Educação, tendo como propósito investigar as produções e práticas cotidianas estabelecidas por padres jesuítas que atuaram como professores de Matemática em instituições de ensino pertencentes à Província Sul-brasileira. A proposta traz como problemática: quais práticas de produção de conhecimento, no ensino da Matemática, foram adotadas por intelectuais jesuítas que atuaram como professores na Província Sul-brasileira da Companhia de Jesus? O objetivo do estudo consistiu em mapear, em instituições educacionais circunscritas à Província Sul-brasileira, padres jesuítas que estiveram implicados com a disciplina de Matemática e analisar suas práticas cotidianas, no percurso de atuação de docentes dessa disciplina, entre os anos de 1845 e 1939, a fim de compreender os processos de produção de conhecimento na área. Eis os espaços de custódia nos quais os documentos foram encontrados: Colégio Anchieta e Arquivo Histórico da Província do Brasil Meridional (BRM), ambos localizados em Porto Alegre/RS; Colégio Catarinense, localizado em Florianópolis/SC; Colégio Medianeira, localizado em Curitiba/PR. Metodologicamente, esta pesquisa vale-se da Análise Documental Histórica e mobiliza os conceitos de representação (CHARTIER, 2002), práticas cotidianas

					(CERTEAU, 1998), intelectuais (SIRINELLI, 2003; LECLERC, 2005) e intelectuais mediadores (GOMES, HASEN, 2016). A pesquisa promoveu uma reflexão acerca da atuação de cada um dos professores identificados: Godofredo Schrader, S.J., que desenvolveu livros na área da Geometria; Pedro Browe, S.J., que atuou na área da Álgebra; Luiz Schuler, S.J., autor de um livro na área da Aritmética com contribuições do professor Browe; Germano Dieckmann, S.J, que elaborou um documento sobre Geometria. Esses professores são considerados na presente pesquisa como intelectuais mediadores, uma vez que produziram conhecimento e comunicaram ideias vinculadas ao contexto político-social do período em estudo. As discussões permitiram a constatação de que todos os professores tinham formação em Filosofia e Teologia, sendo que três, entre os quatro professores, realizaram seus estudos no Ignatius College, em Valkenburg, Holanda, tendo o padre Franz Xaver Kugler, S.J., como docente de Matemática Superior. Sobre a atuação profissional, Schuler foi o primeiro, entre os quatro professores, a chegar ao Brasil, atuando em diversos estabelecimentos de ensino no sul do país. Os quatro professores estiveram presentes no período de 1904 a 1906 no Colégio Conceição, em São Leopoldo/RS, atuando no magistério da instituição. Foi possível mapear aspectos da formação desses professores ligados à Companhia de Jesus e de suas produções nas áreas vinculadas a Álgebra, Aritmética e Geometria. Ao inventariar os programas de Matemática que vigoraram no período estudado, observaram-se as metodologias de ensino de Matemática adotadas e as práticas cotidianas vinculadas ao ambiente escolar, desenvolvidas pelos professores.
SOARES, Simone Aparecida	Narrativa e memória: a construção da visibilidade social da escola pública	2013	Dissertação	Universidade Tuiuti do Paraná/PR	Este trabalho é resultante de uma pesquisa com alunos e professores que cursaram a educação básica na rede de ensino público. A investigação toma a narrativa desses personagens como objeto de análise, por meio da qual se torna possível analisar as memórias, os discursos, a cultura, a fim de compreender como se construiu a visibilidade social adquirida pela escola pública. Trata-se, portanto, de uma abordagem interpretativa, de uma leitura sobre o modo pelo qual esses sujeitos concebem, veem e se relacionam com a instituição. Faz-se ainda uma análise das Constituições Federais, no período de 1824 a 1988, no que tange a sistematização do ensino básico público brasileiro, com o objetivo de compreender o processo de construção dos direitos dos cidadãos ao ensino básico público, gratuito, laico e de qualidade. O desenvolvimento da pesquisa, bem como a análise das informações ocorre numa perspectiva interdisciplinar entre as áreas de literatura, história e educação e são fundamentadas nos conceitos de Michel Foucault sobre discurso e em autores que versam sobre os conceitos de narrativa, memória e cultura.
BLANCO, Leila de Macedo Varela	Convocando outras vozes: a trajetória de Maria Therezinha Machado na História da	2014	Dissertação	Universidade do Estado do Rio de Janeiro/RJ	A trajetória da professora Maria Therezinha Machado protagoniza a história da Educação Especial no sistema educacional da cidade do Rio de Janeiro. Este estudo tem o objetivo de contribuir, por meio de narrativas e memórias desta biografia, para análise e reflexão sobre as preocupações com a formação, a

	Educação Especial do Município do Rio de Janeiro				docência e a Educação Especial. O recorte temporal escolhido tem como marco inicial a criação da Seção de Educação Especial da Secretaria de Educação e Cultura do estado da Guanabara em 1961 e se estende até 1983. A coleção de entrevistas autobiográficas de antigas professoras que participaram da implantação da educação especial no antigo estado da Guanabara foram as fontes privilegiadas para construção dos dados. O estudo das memórias como perspectiva que legitima as vozes que contam de si e de outros favoreceu a compreensão do período, permitindo problematizar aspectos naturalizados dessa história escolar. Foi necessário o diálogo com autores que discutem a representação da educação especial na história política e social e com aqueles que teorizam sobre docência e formação. Algumas publicações de Therezinha Machado foram incorporadas ao estudo pelo aspecto formativo que apresentam. Esse trabalho, portanto, representa a tentativa de buscar, na história desta professora, a história de muitos. Dessa forma, busca compreender a educação especial da cidade do Rio de Janeiro e as marcas que são reveladas na constituição do presente e no que é possível intuir para o futuro. O trabalho pretende trazer subsídios para as reflexões sobre os rumos da Educação Especial nesta cidade.
CUSTÓDIO, Regiane Cristina	Memórias da migração, memórias da profissão: narrativas de professoras sobre suas vivências nas décadas de 1960 a 1980 (Tangará da Serra – MT)	2014	Tese	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Trata-se de investigação sobre narrativas de memórias de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, aposentadas, que viveram em Mato Grosso o processo histórico de formação e consolidação de Tangará da Serra, município no qual tiveram suas experiências profissionais. Inscreve-se no campo de estudos da História da Educação e se inspira na História Cultural. A atenção volta-se, entre outros aspectos, à análise das relações entre a experiência profissional e as formas de representação do mundo social das professoras, expressas em suas narrativas sobre a experiência de migração e os diversos aspectos do exercício da profissão docente no contexto histórico específico. O problema de pesquisa indaga como esse processo é narrado pelas entrevistadas, decorrido quase meio século, considerando a década de 1960 do século XX (período de chegada das famílias das primeiras professoras entrevistadas). Juntamente com o município que se constituía, também foram constituindo-se professoras. Para a história cultural, trata-se de pensar os modos como uma realidade é historicamente construída, pensada, narrada. A metodologia da história oral possibilitou a produção dos dados da pesquisa, assim como demandou a explicitação do conceito de memória e a compreensão de como as professoras reconstroem suas reminiscências instadas pelo evento enunciativo da entrevista, momento em que elaboraram suas narrativas, atravessadas pelas experiências do presente. As narrativas são concebidas como exercício de produção de identidades passadas e presentes e expressam representações da realidade, os modos como as professoras narram a si mesmas e como são narradas pelos outros. Em se tratando dos temas migração e colonização, destacam-se autores como João Carlos Barrozo, Regina Beatriz Guimarães Neto e Octavio lanni. Da história cultural, autores como Roger

					Chartier e Sandra Pesavento foram centrais. Para pensar a memória, destacam- se Alistair Thomson, Antonio Torres Montenegro, Alessandro Portelli, Maria Stephanou e Maria Helena Bastos. No que diz respeito à história da educação, em regiões de colonização recente, a tese valeu-se dos estudos de Carlos E. Oliveira e Josiane B. Rohden. O corpus empírico da pesquisa constitui-se de narrativas de memórias das professoras, concebidas como documentos orais. Foram entrevistadas cinco professoras e colhidos quatorze depoimentos que integram o Acervo de Memórias de Professores da Sala de Memória de Tangará da Serra. Também foram utilizadas fotografias do Acervo da Sala de Memória de Tangará da Serra e artigos de jornais que constam no Acervo de Documentação do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – UFMT/Cuiabá. As professoras narradoras, após a experiência da migração, fixaram-se em Tangará da Serra. Frequentaram o Curso de Magistério, casaram-se, constituíram suas próprias famílias e, juntamente com o lugar que se transformava, foram também elas transformando-se ao ocupar uma multiplicidade de lugares: filhas, irmãs, esposas, mães, profissionais professoras, definidas e subjetivadas por múltiplas identidades. Suas memórias reconstruídas no presente apresentam-se como composição.
OZORIO, Beatriz V Branco	Memórias de uma escola em greve: reminiscências de professoras do Instituto de Educação General Flores da Cunha - Porto Alegre/RS (1979-1990)	2015	Mestrado	Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS	O presente artigo aborda as mobilizações de professoras, materializado nas greves do magistério público estadual do Rio Grande do Sul, no período compreendido entre 1979 a 1990. Para isso foi escolhida a Escola Estadual General Flores da Cunha, em Porto Alegre, entre outros motivos pela sua destacada liderança nas greves do período estudado, nas mobilizações da categoria, tendo como horizonte a efetiva participação das professoras no movimento grevista. A partir desse lugar, a pesquisa elege como principal corpus documental narrativas de memória de professoras da escola em questão que aderiram total ou parcialmente às greves dos anos 1979 e 1990. A metodologia da pesquisa é a História Oral, que foi desenvolvida a partir de entrevistas. Importa dizer que a investigação procura contextualizar as narrativas de memória em suas interfaces com o momento político vivido no país, especialmente, no Rio Grande do Sul. Nesta perspectiva, a abordagem da investigação não perde de vista as transformações ocorridas no magistério público diante de políticas públicas vigentes, destacando o papel do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul - CPERS, que agregou o nome de sindicato a partir de 1989. No cruzamento de fontes, busca-se um maior entendimento acerca da temática da pesquisa ao ouvir as narrativas dessas mulheres-professoras, que atuando nas salas de aula, tiveram significativas e até decisiva participação nas greves do magistério A pesquisa se inscreve no campo da História da Educação e tem a História Cultural como vertente teórica. Pretende ouvir as experiências das professoras, a partir de suas memórias e vivências nos momentos de greve, seus silêncios, ou não ditos, procurando entrecruzar suas narrativas com os registros sindicais e notícias da imprensa local. A pesquisa busca conhecer as histórias dessas professoras que, não

					estando nas lideranças do movimento grevista, atuaram dentro das escolas, nas ruas e acampadas nas praças. Procura compreender seus sentimentos, seu olhar sobre o vivido e o sentido durante as greves. O estudo dialoga com a perspectiva de Michel Foucault sobre os homens infames, aqueles que durante séculos foram esquecidos por uma História que privilegiava as ações de uns, eleitos como merecedores de terem suas vidas narradas, destinando outros a um estado de marginalidade, de anonimato. Através das entrevistas, procuro trazer à tona este passado das greves em que foram sujeitos muitas mulheresprofessoras. Esse ato de lembrar, afirma Lucilia de Almeida Neves, insere-se entre as possibilidades múltiplas de registro do passado, elaboração das representações e afirmação de identidades construídas na dinâmica da História. Não perdendo de vista a afirmação de Alistair Thomson, compomos nossas memórias para dar sentido à nossa vida passada e presente. Relembrar, revisitar as memórias atualizando o tempo passado, tornando-o vivo e cheio de significados no presente.
LIMA, Valeska Alessandra de	Colégio de Aplicação da UFRGS: práticas educativas adormecidas entre o Arquivo e a Memória Oral (1954-1981)	2016	Mestrado	Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS	Este é um estudo que tematiza memórias relativas a práticas educativas desenvolvidas pelo Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialmente considerando como práticas os exames de seleção para ingresso dos estudantes, os testes de inteligência aplicados aos alunos, as classes experimentais secundárias e os conselhos de classe, entre 1954 e 1981. O recorte temporal escolhido está delimitado pela presença de Graciema Pacheco na Direção do Colégio, pois ela concentrou esforços para a manutenção de um tipo de escola em que os alunos eram escolhidos por provas de seleção e testes de inteligência. Inscrita no campo da História da Educação e suas interfaces com a História das Instituições Educativas, a pesquisa está ancorada nos postulados da História Cultural e utiliza como metodologias a História Oral e Análise Documental Histórica. Deste modo, têm-se como corpus documental, narrativas de memória de cinco professoras que atuaram no Colégio no período em questão, bem como outros tantos documentos localizados no Arquivo da Comissão de Ensino do CAp e no Arquivo da Faculdade de Educação/UFRGS. Para melhor compreender o CAp, foi necessário conhecer também a legislação educacional brasileira, bem como as inspirações estrangeiras associadas aos preceitos da Escola Nova. Cumpre destacar que o escolanovismo, baseado no pensamento de teóricos norte-americanos e europeus, esteve no cerne da idealização de um novo conceito de escola, que culminou na instalação dos Colégios de Aplicação brasileiros, a partir da década de 1940. O princípio destes estabelecimentos de ensino era constituírem-se como escolas laboratoriais e como campo de estágio para os alunos dos Cursos de Licenciatura das Faculdades de Filosofia do país. Sob essa égide, em 1954, teve início a primeira turma do CAp/UFRGS. Para as Diretoras, Graciema Pacheco e Isolda Holmer Paes, os estagiários seriam a mola propulsora da inovação e da irradiação de práticas educativas inusitadas a outras escolas, fossem públicas ou part

					possível estabelecer relações entre os modos como o CAp se apropriava de tendências pedagógicas estrangeiras e procurava disseminá-las. Notadamente, os discursos renovadores franceses fizeram emergir no contexto do Colégio de Aplicação um determinado ideal de escola modelo para a sociedade porto-alegrense naquele período. As práticas desenvolvidas evidenciam a circularidade cultural que agregava educadores franceses e brasileiros, que partilhavam intercâmbios de estudo. Estas aproximações permitiram que o Colégio promovesse uma vanguarda pedagógica que se traduziu em ações escolares, até então, pouco difundidas, entre elas as Classes Experimentais e os Conselhos de Classe. Este estudo pretendeu contribuir na produção do conhecimento em História da Educação, de forma a dar visibilidade a experiências pedagógicas, que corporificaram um modo de pensar o fazer educacional. Além disso, buscou-se compreender a instituição de ensino e sua cultura escolar, da qual, em boa parte, somos herdeiros.
BRITO, Estela Denise Schütz	Memórias de ex- alunos(as) do internato da Escola Normal Evangélica em São Leopoldo/RS: práticas cotidianas e cultura escolar (1950-1966)	2018	Dissertação	Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS	Este estudo investiga as práticas cotidianas e analisa as representações sobre a cultura escolar de um Internato evangélico entre os anos de 1950 e 1966. Tem como objeto de estudo a Escola Normal Evangélica (ENE), localizada neste período na cidade de São Leopoldo/RS. A Escola Normal deu continuidade às atividades iniciadas pelo Seminário Evangélico de Formação de Professores fundado no ano de 1909, na cidade de Taquari/RS. Após mudanças de região, a instituição chegou à cidade de São Leopoldo no ano de 1926, permanecendo até o ano de 1966, quando se transferiu para a cidade de Ivoti/RS – localidade onde se encontra em funcionamento atualmente. Devido ao período de nacionalização, o Seminário encerrou suas atividades no ano de 1939, reiniciando-as somente em 1950, sob o nome de Escola Normal Evangélica. Desta forma, o recorte temporal desta investigação recai sobre seu período de reabertura, na cidade de São Leopoldo, até o ano de sua transferência. O estudo encontra-se no campo da História da Educação e tem, como referencial teórico, a História Cultural. Seu objetivo é identificar, descrever e analisar as representações acerca da cultura escolar estabelecida nessa instituição, por meio da memória de alunos que estudaram nessa escola no período estabelecido como recorte temporal. Para isso, utilizou-se a metodologia da História Oral, que entende a memória como documento. A documentação para análise compreendeu basicamente as narrativas de memórias dos seis alunos entrevistados. Juntou-se à empiria, também, algumas edições do periódico estudantil "O Arauto" e documentos iconográficos cedidos pelos entrevistados. As narrativas foram analisadas com base nos estudos de Maurice Halbwachs, Roger Chartier, Michel de Certeau e Michel Foucault. Foi possível compreender que as representações que se fizeram presentes nas memórias desses seis sujeitos recompõem o tempo e o espaço do Internato como uma casa e uma grande família. Foi, segundo eles, um período de estudo e aprendizagem, formando vínculos entre colegas e profes

					mente, o corpo, a arte e a fé. O esporte, a música e as meditações diárias foram práticas também destacadas. As voltas na Praça do Imigrante, as saídas ao cinema e a representação de uma liberdade vigiada foram também identificadas nas rememorações. Além disso, foi possível observar as diferentes táticas elaboradas pelos alunos como uma forma de resistência à norma estabelecida. Tais representações abarcam, assim, a cultura escolar gerada nessa instituição de ensino.
LUI, Eduard Henry	Memória, oralidade e escolarização: os discursos produzidos sobre práticas escolares e relações de afetividade na Escola Confessional Batista Graciosa (1981- 2003)	2016	Dissertação	Universidade Federal do Paraná/PR	O presente trabalho tem por objetivo analisar as narrativas de memórias de ex alunos, professores e ex-professores da Escola Graciosa, instituição confessional protestante de educação básica, de origem leta, situada na cidade de Quatro Barras, região metropolitana de Curitiba, desde 1981. A instituição confunde-se com a existência da Igreja Batista situado no mesmo prédio e a ela integrado. O recorte cronológico de fundação da escola torna indispensável as considerações dos pressupostos que concernem aos domínios da história do tempo presente e de sua respectiva contextualização histórica no processo de reabertura democrática que marcou a historiografia brasileira neste momento. Por sua vez, a metodologia da história oral orienta à criação de um acervo de depoimentos de narrativas de experiências vividas na instituição escolar. Assim, para além de uma mera história institucional, e cabendo aos pressupostos da memória as bases para a construção do discurso histórico e da identidade, verifica-se como se constituíram esses discursos de memória, como apresenta, práticas e costumes imbricados à cultura escolar. Considera-se a seleção mnemônica da narrativa, privilegiando-se não somente as recordações sobre as práticas escolares, mas também as relações de afetividade rememoradas deste lugar. Quais similaridades e dissonâncias há entre os discursos produzidos sobre as memórias desta instituição de ensino? Como se produzem os discursos sobre comportamentos de adaptação e desvio de normas na escola cuja orientação pedagógica preservou a disciplina rígida, de base educacional cristã? Como os usos da memória, a partir deste estudo de caso, podem contribuir para a compreensão do conhecimento em história da educação no referido período? Nestes termos, verifica-se quais narrativas se fizeram presentes nas memórias sobre as experiências vividas na Escola Graciosa, preenchendo uma lacuna ainda incipiente no âmbito da história da educação batista.
SOUSA, Ranyelle Foro de	Memórias de uma instituição de ensino superior em Belém do Pará: uma história da Escola de Agronomia da Amazônia (1945-1972)	2019	Tese	Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS	Este é um estudo historiográfico sobre uma instituição de Ensino Superior Agrícola, em Belém-PA. O trabalho tem como lócus a Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), criada por meio do Decreto-Lei nº 8.290, de 05 de dezembro de 1945. O recorte temporal desta pesquisa, que corresponde ao período de 1945 a 1972, encontra-se relacionado ao tempo de existência da escola. O estudo inscreve- se no campo da História da Educação; tem como referencial teórico a História Cultural e como metodologia a História Oral. Seu objetivo é produzir uma história da EAA com centralidade nas memórias de alunos/as e professores/as, a fim de identificar e analisar elementos da cultura escolar

					produzida naquela instituição que possibilitem compreender as idiossincrasias relacionadas ao processo de formação em Agronomia, no período estabelecido como recorte temporal. As documentações analisadas foram as narrativas de memórias dos treze alunos e/ou professores entrevistados. Somaram-se à empiria documentos iconográficos, narrativas jornalísticas, legislações, documentos oficiais e um vídeo do projeto "A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985)". A partir da análise do conjunto de documentos, infere-se que, na Escola de Agronomia da Amazônia, existiu uma cultura escolar, em certa medida singular, resultante de um conjunto de práticas partilhadas pelos sujeitos pertencentes àquela comunidade acadêmica, visibilizada por meio das memórias que produziram representações de um tempo e lugar. A escola foi precursora do ensino federal agrícola na região amazônica e formou uma gama de agrônomos que atuaram no desenvolvimento agrícola regional e nacional.
BARRETO, lolanda de Sousa	A guardiã: um retrato histórico e (auto)biográfico de Maria Fernandes de Queiroga (irmã Ana OSF) – 1949 a 2019	2015	Tese	Universidade Federal da Paraíba/PB	Desenvolvida no âmbito do Projeto Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações, do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a História da Educação da Paraíba — HISTEDBR/PB, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), esta pesquisa de doutoramento tem por objetivo geral compreender a trajetória de vida da religiosa e educadora Maria Fernandes de Queiroga (Irmã Ana), descortinando as especificidades de sua práxis educativa e de sua constituição identitária pessoal e profissional. A tese defendida é a de que Irmã Ana teve uma atuação profissional destacada, sobretudo, na formação de professores da localidade de Catolé do Rocha-PB e de outras cidades do seu entorno, enquanto o Curso Pedagógico se fez presente no Colégio Normal Francisca Mendes (CNFM), constituindo-se, ainda, há mais de meio século, enquanto guardiã do referido colégio, assim como dos valores confessionais e saberes educacionais apreendidos por meio da convivência com diversos grupos-referência, sobretudo as Irmãs Franciscanas de Dillingen (Alemanha), ao mesmo tempo em que tem exercido o papel de divulgadora desses valores e saberes por meio de sua práxis educativa. O recorte temporal compreende o período entre 1949, quando Irmã Ana inicia seus estudos no Curso Normal Regional na então Escola Normal Dona Francisca Henriques Mendes, até o ano de 2019 em que, além de prestar assessoria administrativa e pedagógica no CNFM, se ocupa ainda com outras atividades educacionais e religiosas. A pesquisa orienta-se pelos referenciais teóricos da Nova História Cultural, se insere na abordagem (Auto)biográfica e toma por suporte metodológico a História Oral, utilizando-se de fontes orais: as narrativas de memória da biografada e entrevistas com professoras que foram suas alunas; fontes escritas e imagéticas: cadernos, textos (auto)biográficos, documentos oficiais do colégio e ainda livros, fotografías e outros materiais referentes à história da biografada, à história de Cato

MOURA FILHO, Antonio Braga de	SERTÃO DO VALONGO: ARTICULAÇÃO DE LIBERDADE, RELIGIÃO E IDENTIDADE EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA ADVENTISTA	2015	Dissertação	Universidade Metodista de São Paulo/SP	interpretação das fontes, a (auto)biografia de Irmã Ana foi construída a partir da ressignificação advinda da revelação de suas próprias memórias, com enfoque principal para a sua práxis educativa, a qual certamente está vinculada às suas experiências de vida pessoal. Há um crescente interesse nas investigações acadêmicas, bem como nas políticas oficiais voltadas à redução das assimetrias sociais no sentido de aprofundar os estudos acerca dos remanescentes de escravos que subsistem na atualidade como povos quilombolas em todo o Brasil. Nas últimas décadas, se procura de várias formas, reparar erros históricos cometidos contra os descendentes dos povos de origem africana que vivem no país. Minha pesquisa focou o olhar numa dessas pequeninas comunidades, o Sertão do Valongo, cujo território está localizado numa estreita faixa de terra no interior de Santa Catarina, oficialmente reconhecida como remanescente dos antigos quilombos desde 2004. Os valonguenses têm despertado a atenção de estudiosos e curiosos que entram em contato com eles e a razão desse interesse está ligado especialmente a uma especificidade somente ali encontrada: eles são praticantes da crença adventista há nove décadas e essa peculiaridade atrai estudos que buscam investigar o modo de viver desse povo, intimamente ligado à prática da religião. O estudo é uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, e tem como referencial teórico a Sociologia Crítica de Florestan Fernandes. Nele investiguei acerca dos ideais de liberdade presentes na gênese da comunidade no final do século 19; analisei aspectos da forte influência da religião para os seus moradores a partir da conversão do grupo ao adventismo na década de 1930; discuti a maneira como a liberdade e a religião se articulam para a construção da identidade desse povo ao longo do tempo, tornando o pequeno mundo valonguense um espaço provocador de reflexões.
LEVANTA	MENTO DAS PESQUISAS D	O REPOSI	TÓRIO DE TE	SES E DISSERTA	ÇÕES DA CAPES PARA O ESTADO DA ARTE A presente dissertação aborda a trajetória da feminista e intelectual mediadora
SORAGGI, Kamilla Moraes	O NASCIMENTO E ASCENSÃO DE UMA "BRUXA": O FEMINISMO DE ROSE MARIE MURARO (1970-80)	2021	Dissertação	Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro/RJ	Rose Marie Muraro (1930-2014) entre as décadas de 1970 e 1980. Nossa proposta foi apresentar algumas de suas ideias como feminista, presentes em seus livros e a sua atuação como intelectual mediadora e assessora editorial da Editora Vozes. Apresentamos as suas obras que enfatizaram a questão da sexualidade: Libertação Sexual da Mulher (1971), Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil (1983) e Sexualidade, Libertação e Fé: Por uma Erótica Cristã (1985), assim como utilizamos como fio condutor da pesquisa a sua autobiografia Memórias de uma Mulher Impossível (1999).Como também, manuseamos no decorrer da dissertação as fontes do arquivo privado, Instituto Cultural Rose Marie Muraro, composta de correspondências, recortes de jornais e revistas, documentos, fotos etc. Através da análise biográfica e de suas obras, nosso objetivo foi demonstrar o seu protagonismo histórico dentro do feminismo brasileiro em um contexto de ditadura militar e ressaltar os desafios enfrentados por Rose para defender suas ideias sobre a relação entre o feminismo e a sexualidade feminina.

CAVALCANTI, Amanda Alves Miranda	Cadê Mário Melo: Um historiador do IAHGP pelas ruas do Recife	2021	Dissertação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/RJ	Esta dissertação tem como objetivo analisar o processo de construção da memória de Mário Melo como um historiador-jornalista que foi muito atuante em Pernambuco na primeira metade do século XX. Ele vai ser reconhecido, não apenas pelas polêmicas que iniciava diariamente nas páginas dos jornais, como também por ter sido, por quase quarenta anos, o Secretário Perpétuo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP), e um dos intelectuais mais engajados na produção e divulgação de uma escrita republicana da História de Pernambuco. Esse autêntico projeto, ao mesmo tempo individual e coletivo, foi desenvolvido por ele nas páginas da Revista do IAHGP, sobretudo, nas comemorações que organizou, nos periódicos e livros que lançou para um amplo e heterogêneo público. Por isso, consideramos Mário Melo um intelectual mediador, na medida em que foi um historiador que se dedicou a construir uma narrativa da história pernambucana em linguagem acessível e agradável, utilizando mídias modernas. Dessa forma, seja por meio de sua atuação nos jornais, por ter organizado grandes festas cívicas, ou mesmo por ter publicado livros de história, Mário Melo, em seu estado natal, teve um papel de liderança na implementação de um projeto cívico-pedagógico que visava à mobilização dos sentimentos patrióticos da população pernambucana, acionando o seu passado histórico republicano, como dão exemplo as comemorações dos Centenários das Revoluções de 1817 e 1824.
GUIMARAES, Iza Vanesa Pedroso de Freitas	O ENAMORADO DA VÊNUS TELÚRICA: A Trajetória Social de Raymundo Moraes (1872- 1941) - Autor de Na Planície Amazônica, 1926	2019	Tese	Universidade Federal Fluminense/RJ	O intuito deste trabalho é compreender a trajetória social do jornalista e escritor paraense Raymundo Moraes (1872-1941), cuja obra produzida no período de 1908 a 1941 e publicada em periódicos e em livros retrata o processo de "reconhecimento" do território amazônico e suas paisagens natural e humana através de múltiplas representações como homem/natureza, natureza/civilização e raça/nação, fornecendo vários sentidos para a Amazônia no contexto do modernismo. O referencial teórico-metodológico que sustenta este trabalho pertence à área da História Social e da História Cultural. As principais fontes de pesquisa analisadas são fontes impressas: artigos, notas e imagens de jornais e revistas, principalmente, publicados no recorte temporal de 1872 a 1980 e os livros de autoria de Raymundo Moraes publicados de 1908 a 1941 e republicados até 2001. O maior desafio nessa pesquisa foi visitar a memória de Raymundo Moraes, especialmente, a memória post mortem e entender a tentativa de patrimonialização de sua memória em 1941 (morte), 1954 (doação de sua Biblioteca pessoal) e 1972 (Centenário de Nascimento). As vivências de Raymundo Moraes, como prático e comandante de navios gaiolas e como jornalista no Pará e Amazonas foram decisivas para a construção de sua memória e de sua narrativa que é uma interpretação fundamental sobre a Amazônia na primeira metade do século XX.
CRUZ, Teresa Andrea Florencio da	INTELECTUAIS E VOZES DA GUERRA URBANA: UMA POÉTICA DA NARRATIVA MEDIADA	2015	Tese	Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ	Em um cenário no qual a "fala do crime" é responsável por uma inédita escalada do medo nas grandes cidades, especialmente a partir de fatos dramatizados na mídia popular, inscreve-se uma guerra de relatos que traz, de um lado, um discurso hegemônico sobre os infames, e, de outro, discursos mal-ditos (mal-

					falados) produzidos pelos próprios infames. Nesta pesquisa, objetiva-se estudar as representações da realidade nas obras de sujeitos que ocupam um entrelugar no campo da produção simbólica, visando a estabelecer uma linha de coerência entre diferentes tendências observadas ao longo das três últimas décadas e, a partir daí, pensar três possibilidades de fala (ou de balbucios) dos infames. A proposta central desta pesquisa é desenvolver uma leitura do processo de autorrepresentação e do papel da mediação na produção recente, através do estudo de três obras que resultam das tensões estabelecidas entre as produções imagético-discursivas e a realidade do Rio de Janeiro no final do século XX e início do século XXI: Quatrocentos contra um (1991), Abusado (2003) e Elite da tropa (2006). Trata-se de um conjunto de obras que oferece um modelo para pensar — com base nas noções de subalterno, bárbaro, infame, dispositivo, estar lá, fala do crime, atitude textual, estado de exceção e metáforas da guerra, entre outras — a fala dos "planetas sem boca", sujeitos que não escrevem a partir de nenhuma tradição literária, mas sim a partir da experiência e dos fragmentos de discursos jornalísticos, literários, legais, sociológicos e antropológicos que lhes chegam oriundos de diferentes arquivos. O trabalho visa a analisar três textos de produção recente que, mesmo sendo publicados por grandes editoras (Vozes, Record e Objetiva), foram escritos por autores que faziam suas primeiras incursões no mundo das letras. Investiga ainda de que maneira sujeitos infames puderam sair da invisibilidade de sua condição de vidas redundantes para projetar sua voz como autores (ou coautores) de textos contemplados com publicação e ampla difusão nos circuitos de produção simbólica. Nesse sentido, a leitura aqui proposta sugere um olhar para o resgate de memórias e experiências de três atores importantes do sistema de vigilância e controle: o criminoso (no caso, o traficante de drogas), o policial e prisioneiro. Considerando que em todas essas obras n
RIBEIRO, Cristiano Prado	Histórias em quadrinhos, mediação intelectual e divulgação do conhecimento histórico: as obras de Marcelo D'Salete à luz da História Pública	2022	Dissertação	Universidade Estadual do Paraná/PR	O presente estudo propõe examinar as potencialidades das histórias em quadrinhos (HQs) como meio de divulgação de conteúdos históricos. Busca-se compreender como este recurso narrativo/artístico pode ser utilizado para a divulgação e popularização dos conhecimentos históricos e de como o historiador público pode se valer desse meio para atingir maiores audiências. Dessa forma, será realizada uma análise de duas obras de Marcelo D'Salete: Angola Janga – uma história de Palmares (2017) e Cumbe (2018) que compartilham conteúdos históricos por meio das histórias em quadrinhos.

					Considerando que a História Pública, em uma de suas direções, visa difundir o conhecimento histórico para amplas audiências, será debatido de que forma as histórias em quadrinhos podem ser um meio facilitador para estudar, compreender determinados acontecimentos e fatos históricos e se legitimar como linguagem capaz de produzir conhecimento histórico. Consideraremos neste estudo a divulgação histórica como uma das dimensões da História Pública e trabalharemos o conceito do Intelectual Mediador como metodologia, caracterizando D'Salete por meio de suas influências, contexto histórico, redes de sociabilidade, circulação das obras e sua reverberação em diversos espaços.
MEIRA, Cheli Nunes	APELLES PORTO ALEGRE (1850-1917): A TRAJETÓRIA DE UM INTELECTUAL MEDIADOR	2022	Tese	Universidade Federal de Pelotas/RS	Esta tese de doutorado tem como objetivo investigar a trajetória de vida e o papel de intelectual mediador desempenhado pelo professor Apelles Porto Alegre. Para tanto, procura responder à seguinte problemática de pesquisa: Como se constituiu a trajetória do professor Apelles Porto Alegre e o seu papel de intelectual mediador? Apelles foi professor, diretor de escola e da Instrução Pública, jornalista, escritor. Esteve envolvido com a educação, a cultura e a política do Rio Grande do Sul, da segunda metade do século XIX até o início do século XX. Apelles estava envolto por uma rede de sociabilidade composta por seus irmãos Apolinário, Achyllles e Lucio Porto Alegre e um grupo de indivíduos que se uniam em prol da sociedade, com a criação de instituições culturais, de escolas e clubes republicanos. O recorte temporal desta pesquisa deu-se entre os anos de 1850 e 1917, período de duração da vida do pesquisado. Para a construção teórica desta pesquisa, buscou-se refletir sobre os arquivos, trajetória, história de vida e biografia. Também buscou-se compreender questões referentes ao conceito de intelectual mediador e os estudos sobre imprensa. A metodologia utilizada é inspirada na micro-história. As fontes consultadas neste trabalho incluem o arquivo pessoal do professor Apelles Porto Alegre e de seus familiares, como anotações, boletins, cartões de visita, correspondências, recibos, telegramas, textos e um poema. Além dessas fontes, foram utilizados exemplares do jornal A Imprensa, o qual foi de sua propriedade, sendo ainda editor e escritor. Na Revista do Parthenon Literário, diversos textos de sua autoria foram publicados. O conjunto das fontes permitiu entender que Apelles, durante a sua trajetória atuando como professor, escritor, editor, orador e ator político na organização do movimento republicano, oportunizou que ele se constituísse como um intelectual mediador. Apelles, enquanto intelectual mediador, conseguiu transmitir seus conhecimentos, seja em seus discursos como orador, ou nos textos publicados em
CARDOSO, Michele Gonçalves	As missões de Pe. João Leonir Dall'Alba: história, memória e produção de	2018	Tese	Universidade do Estado de Santa	O (re)conhecimento de múltiplas experiências humanas por meio de escritas (auto) biográficas, tem se consolidado para os/as historiadores/as do tempo presente, como importante possibilidade de compreensão dos modos de ser e

	discursos étnicos sobre o sul do Brasil MENTO DAS PESQUISAS DI PARA O ESTADO DA ARTE	OS PERIÓ	DICOS: REVIS	Catarina/SC	estar dos indivíduos e de suas temporalidades. Desse modo, ao analisarmos as escritas (auto) biográficas presentes no acervo pessoal do Pe. João Leonir Dall'Alba (1938-2006), buscamos investigar sua atuação como sacerdote e intelectual mediador, percebendo suas redes de circulação — especialmente acadêmicas —, seus tensionamentos com sua congregação religiosa e ainda, a publicação de suas obras e a execução de projetos museais. Observando sua prática de escrita da história, procuramos enfatizar as metodologias adotadas pelo clérigo, principalmente o uso de depoimentos orais. Analisamos também, os principais elementos que fundamentaram sua operação discursiva: migração, catolicismo, etnicidade e italianidade. Para tal investigação, utilizamos como metodologia a análise dos acervos salvaguardados pelo Centro de Documentação Histórica Plínio Benício — CEDOHI, as diversas obras publicadas pelo religioso e os áudios originais das entrevistas realizadas por Dall'Alba. Desse modo, observamos que as dezenas de obras publicadas e os espaços de memória projetados por Dall'Alba, promoveram a difusão de discursos que reverberam no presente fundamentando ações étnicas/ identitárias, legitimando determinados grupos e produzindo invisibilidades. DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (RBHE) E REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
VIEIRA, Carlos Eduardo	Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual	2008	Artigo	São Paulo/SP	O presente texto visa discutir diferentes possibilidades para a escrita da história intelectual, a partir da reflexão sobre os significados associados, nos séculos XIX e XX, aos termos intelligentsia e intelectuais. Primeiramente serão analisados os usos desses vocábulos nos cenários literários e políticos russo e francês e, na sequência, serão discutidos os sentidos veiculados aos termos no âmbito das ciências sociais e da filosofia política. Será explorado, nessa direção, o conceito de intelectual como mediador dos conflitos sociais, presente na obra de Karl Mannheim; a ideia do intelectual como dirigente e organizador da cultura, problematizada nos textos carcerários de Antonio Gramsci; e, por fim, o conceito de intelectual como produtor de capital simbólico, presente na obra de Pierre Bourdieu. Conclui-se indicando, de forma sintética, os contrastes, as aproximações, as potencialidades e os limites dos três conceitos analisados, bem como as implicações dessa discussão para a história intelectual.
WEIMER, Rodrigo de Azevedo	Professoras e alunos negros no litoral norte do Rio Grande do Sul (meados do século XX): o aprendizado da cor	2017	Artigo	Porto Alegre/RS	No artigo, analiso práticas educacionais na comunidade negra rural de Morro Alto, localizada no litoral norte do Rio Grande do Sul. A dita comunidade atualmente pleiteia a titulação de suas terras como 'remanescente de quilombos'. Enfocam-se o período de meados do século XX, o processo de ensino (a partir da trajetória de três professoras) e o processo de aprendizado por crianças que lograram frequentar os bancos escolares. Além desses aspectos, estudo as 'escritas de si' daqueles que aprenderam a ler e redigiram registros sobre sua experiência pessoal ou grupal, entendendo-as como constituintes de subjetividades. Trago a hipótese de que o acesso ao ensino formal se constituiu como uma oportunidade de ascensão social, mas sobretudo como um mecanismo de empoderamento de mulheres negras que utilizaram a

		I	1		Lautanidada daanta annoviatada anno mais da santata a militaria
					autoridade docente conquistada como meio de combate ao racismo e à consequente evasão escolar.
Lopes, Sonia Castro; GURGEL, Patrícia	Trajetórias de professoras normalistas: A 'prata da casa' do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1930- 1960)	2016	Artigo	Rio de Janeiro/RJ	Neste artigo, analisa-se a trajetória de três normalistas formadas pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro na década de 1930, as quais, após terem se titulado na Universidade do Distrito Federal e Faculdade Nacional de Filosofia, retornaram ao Instituto na condição de docentes, tornando-se catedráticas de disciplinas pedagógicas. A formação universitária e o acesso à carreira ocorreram durante o primeiro governo Vargas (1930-1945), nos marcos de uma política educacional excludente que limitava o acesso ao ensino superior exclusivamente aos egressos da escola secundária propedêutica. Alianças familiares e políticas, aderências a projetos educacionais, assim como brechas na legislação educacional, possibilitaram o acesso dessas normalistas aos cursos universitários, bem como sua ascensão ao cargo de catedráticas.
BUENO, Alexandra Padilha; MELLO, Graciele Dellalibera	Permanências e rupturas nas trajetórias de duas intelectuais em suas práticas culturais de mediação no Paraná (1850-1920)	2022	Artigo	Porto Alegre/RS	O objetivo deste artigo é examinar o tema da educação feminina a partir do estudo da trajetória de duas intelectuais: Iria Corrêa e Mariana Coelho, analisando suas práticas culturais de mediação, no Paraná, no período que se estende entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Embora as duas tenham vivido em temporalidades distintas, desempenharam o papel de intelectuais mediadoras, configurando em suas trajetórias, práticas culturais que se caracterizaram por oferecer opções artísticas e educativas para mulheres em seus contextos de atuação. O corpus documental deste trabalho é composto por fontes da imprensa periódica paranaense, Relatórios da Inspetoria Pública do Paraná (1906-1917) e as memórias de Antonio Vieira dos Santos (1952). Metodologicamente a opção deste artigo é o trabalho com a perspectiva de intelectuais mediadores (SIRINELLI), o conceito de trajetória (BOURDIEU) e de gênero (SCOTT).
VALENTE, Wagner Rodrgues	A matemática nos primeiros anos escolares: elementos ou rudimentos? - Math in primary school: elements or rudiments?	2023	Artigo	São Paulo/SP	Este artigo reúne resultados parciais de pesquisa que vêm sendo obtidos pela realização de dois projetos de investigação, um de âmbito nacional e outro internacional. Tais resultados intentam responder à seguinte questão: que trajetórias tiveram as concepções sobre os saberes matemáticos para serem ensinados nos primeiros anos escolares? O trabalho adota como enquadramento teórico referências vindas da História Cultural. Utiliza como base empírica os posicionamentos de personagens condutoras da educação brasileira de finais do século 19 a meados do século 20, lidos em revistas pedagógicas. Buscar-se-á mostrar que os saberes elementares matemáticos seguem um movimento de alternância entre duas concepções: ora eles são vistos na forma de elementos, ora são concebidos como rudimentos. E, ainda, o que parece relevante: esses dois modelos convivem na atualidade.
MICHEL, Caroline Braga; PERES, Eliane Teresinha	Professoras gaúchas participantes da missão pedagógica ao Uruguai (1913-1914)	2022	Artigo	Rio Grande do Sul	O objetivo principal deste artigo é apresentar e analisar a participação de dez professoras na missão de estudos enviada pelas autoridades gaúchas ao Uruguai nos anos de 1913 e 1914. Embora tenha se tornado expressivo o número de professoras atuando no ensino público primário já no início do século XX, ainda era pouco comum que elas realizassem viagens ou cursos no exterior

	no referido período. Assim, considerou-se relevante apresentar os propósitos da missão pedagógica, destacando quem eram essas mulheres, suas trajetórias e algumas de suas ações profissionais, dando, assim, visibilidade à participação feminina na configuração do campo intelectual da educação gaúcha. A contribuição desse artigo, que teve como subsídio os trabalhos de Miceli (1979), Perrot (2007) e Vieira (2015), é, portanto, na perspectiva de caracterizar e
	reconhecer as mulheres professoras como intelectuais.

ANEXO A - AUTODECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS E DE PROCEDIMENTOS ÉTICOS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Jefferson Mainardes (UEPG)
Isabel Cristina de Moura Carvalho (UNIFESP)

A autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa é a manifestação escrita pela qual o próprio pesquisador/a explicita os princípios, os procedimentos e as demais questões éticas envolvidas no processo de pesquisa. Constitui-se em um exercício de explicitação, de reflexividade e de vigilância sobre as questões éticas¹. A autodeclaração não substitui a revisão ética do projeto de pesquisa, realizada por Comitês ou Comissões de Ética. No entanto, emerge como fundamental nos casos em que o Projeto de Pesquisa não foi submetido a algum processo de revisão ética.

Antes de indicarmos os itens ou questões que podem ser contempladas na autodeclaração, é importante apresentarmos elementos da situação atual da ética em pesquisa na área de Educação. Conforme explicitado em outros textos deste mesmo material, no Brasil, a revisão ética dá-se pelo sistema Comitê de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CEP/CONEP (Plataforma Brasil).

A CONEP, com sede em Brasília, é uma das Comissões do Conselho Nacional de Saúde (CNS), ligada ao Ministério da Saúde. A CONEP foi criada pela Resolução CNS nº 196/96 e tem a função de elaborar e implementar normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, tanto para as pesquisas biomédicas quanto para as pesquisas de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. De modo geral, a regulamentação baseia-se na pesquisa biomédica. Uma parte significativa dos Comitês de Ética em Pesquisa desconsidera as peculiaridades da pesquisa em Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (CHSSA). Como resultado, há projetos dessas áreas que tramitam de modo lento e, em alguns casos, não são aprovados. Em virtude de tais vicissitudes, muitos

-

Os autores agradecem os comentários do Prof. Carlos Roberto Jamil Cury. Na mesma linha de raciocínio, temos indicado a importância da explicitação da perspectiva epistemológica, posicionamento epistemológico e enfoque epistemetodológico na pesquisa em Política Educacional e em outros campos (TELLO; MAINARDES, 2015; MAINARDES, 2017b, 2018).

pesquisadores de CHSSA não submetem seus projetos a esse sistema de revisão ética².

importância Considerando а das questões éticas na pesquisa, compreendemos que a opção por não submeter os projetos de pesquisa para revisão ética não exime o pesquisador de levar em conta as questões éticas envolvidas desde a formulação do projeto até a disseminação dos seus resultados. Podemos considerar que, em termos de reflexividade e de vigilância, a autodeclaração pode ser mais eficaz que a mera submissão a um Comitê de Ética em Pesquisa, na medida em que envolve o conhecimento, a reflexão e a aplicação de questões éticas, bem como a publicização de reflexões, de decisões e de dilemas éticos envolvidos no processo de pesquisa.

Questões que podem ser incluídas na autodeclaração

Com base na literatura sobre ética na pesquisa e reflexividade ética (CRESWELL, 2007; GEWIRTZ, 2007; APA, 2012; BRASIL, 2011), apresentamos algumas questões que podem ser incluídas na autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos:

- a) os valores que orientam a análise (GEWIRTZ, 2007);
- b) as questões éticas envolvidas na definição e na descrição do problema (importância da pesquisa, benefícios para os participantes, abrangência da pesquisa, etc.) (CRESWELL, 2007);
- c) as questões éticas envolvidas na descrição de objetivos e nas indagações da pesquisa (CRESWELL, 2007);
- d) as questões éticas envolvidas na coleta de dados (potenciais riscos aos participantes, questões relacionadas ao anonimato e à confidencialidade; consentimento dos participantes; atenção especial a populações vulneráveis; obtenção de permissão de autoridades; garantia de privacidade dos participantes, etc.) (CRESWELL, 2007);

² Diversos autores têm indicado as limitações do sistema de revisão ética no Brasil e a luta para que a revisão ética dos projetos de pesquisa da área de CHSSA seja realizada fora da área da Saúde (GUERRIERO; MINAYO, 2013; CARVALHO; MACHADO, 2014; DE LA FARE; MACHADO; CARVALHO, 2014; SARTI, 2015; SOBOTTKA, 2015; MAINARDES, 2016, 2017a; DUARTE, 2017, entre outros). Um levantamento completo das publicações sobre ética na pesquisa em Educação pode ser encontrada em http://www.anped.org.br/etica-na-pesquisa/textos-e-videos>.

- e) as questões éticas envolvidas na análise e na interpretação de dados (rigor na análise, honestidade, compromisso com os participantes, garantia de anonimato dos participantes, armazenamento adequado dos dados coletados, etc.) (CRESWELL, 2007);
- f) as questões éticas envolvidas na redação e na divulgação da pesquisa (cuidados com a linguagem na redação, cuidados éticos na autoria, etc.)
 (CRESWELL, 2007);
- g) os dilemas éticos vivenciados pelo pesquisador no processo de pesquisa e como foram resolvidos.

Conclusão

A ética na pesquisa em Educação é uma questão que deve integrar o processo de formação de pesquisadores (MORENO BAYARDO; ROMERO MORETT, 2011; DE LA FARE; SAVI NETO, 2019; DE LA FARE; CARVALHO; PEREIRA, 2017; NUNES, 2017).

Na medida em que os futuros pesquisadores se apropriam das discussões sobre questões éticas, tornam-se mais capacitados para a explicitação dos princípios e dos procedimentos éticos relacionados às suas pesquisas.

Os pesquisadores e os futuros pesquisadores podem encontrar subsídios para a autodeclaração nos manuais de pesquisa, publicações sobre questões éticas e documentos das associações científicas (APA, 2012; BRASIL, 2011; BROOKS; TE RIELE; MAGUIRE, 2017; AERA, 2017).

Como conclusão, argumentamos que a autodeclaração dos princípios e dos procedimentos expressa o engajamento (e o amadurecimento) do pesquisador no processo de pesquisa e representa um avanço qualitativo superior com relação à mera submissão do projeto de pesquisa em uma plataforma ou ao simples ato de responder questões sobre cuidados éticos.

Referências

AERA. Código de ética: American Educational Research Association – AERA (Associação Americana de Pesquisa Educacional). Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 12, n. 3, p. 1041- 1065, set./dez. 2017. DOI: https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.12i3.021.

APA. American Psychological Association. Manual de publicação da APA. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2012.

- BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Relatório da Comissão de Integridade de Pesquisa do CNPq. Ética e Integridade na Prática Científica. Brasília: CNPq, 2011. Disponível em: http://cnpq.br/documents/10157/a8927840-2b8f-43b9-8962-5a2ccfa74dda. Acesso em 27 mar. 2019.
- BROOKS, R.; TE RIELE, K.; MAGUIRE, M. Ética e pesquisa em educação. Tradução Janete Bridon. Ponta Grossa: UEPG, 2017.
- CARVALHO, I. C. M.; MACHADO, F. V. A regulação da pesquisa e o campo biomédico: considerações sobre um embate epistêmico desde o campo da educação. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 209-234, jan./jun. 2014. DOI: https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.9i1.0010.
- CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução de Luciana Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DE LA FARE, M. de; MACHADO, F. V.; CARVALHO, I. C. M. Breve revisão sobre regulação da ética em pesquisa: subsídios para pensar a pesquisa em educação no Brasil. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 247-283, jan./jun. 2014. DOI: https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.9i1.0012.
- DE LA FARE, M.; CARVALHO, I. C. de M.; PEREIRA, M. V. Ética e pesquisa em educação: entre a regulação e a potencialidade reflexiva da formação. Revista Educação, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 192-102, maio/ago. 2017. DOI: https://doi.org/10.15448/1981-2582.2017.2.27603.
- DE LA FARE, M.; CARVALHO, I. C. M. Ética e pesquisa em Educação: tensões entre autonomia e regulação. In: SANTOS, L. H. S.; KARNOPP, L. B. (Orgs.). Ética e pesquisa em Educação: questões e proposições às ciências humanas e sociais. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2017. p. 103-120.
- DE LA FARE, M.; SAVI NETO, P. A regulação da conduta dos pesquisadores na ciência brasileira: um problema de pesquisa ou um problema para a pesquisa em educação? Práxis
- DUARTE, L. F. D. Cronologia da luta pela regulação específica para as Ciências Humanas e Sociais da avaliação da ética em pesquisa no Brasil. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 12, n.1, jan./abr. 2017. DOI: https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.12i1.0015.
- Educativa, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 319-332, jan./abr. 2019. DOI: https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.14n1.017.
- GEWIRTZ, S. Refletividade ética na análise de políticas: conceituação e importância. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 7-12, jan./jun. 2007.
- GUERRIERO, I. C. Z.; MINAYO, M. C. de S. O Desafio de revisar aspectos éticos das pesquisas em ciências sociais e humanas: a necessidade de diretrizes específicas. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 23, n. 3, p. 763-782, jul./set. 2013. DOI: https://doi.org/10.1590/s0103-73312013000300006.

- MAINARDES, J. A ética na pesquisa em Educação: desafios atuais. In: CARVALHO, M. V. C. de; CARVALHÊDO, J. L. P.; ARAUJO, F. A. M. Caminhos da Pós-Graduação em Educação no Nordeste do Brasil: avaliação, financiamento, redes e produção científica. Teresina: EDUFPI, 2016, p. 73-82.
- MAINARDES, J. A ética na pesquisa em educação: panorama e desafios pós-Resolução CNS nº 510/2016. Educação, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 150 -173, jan./abr. 2017a. DOI: https://doi.org/10.15448/1981-2582.2017.2.26878.
- MAINARDES, J. A pesquisa no campo da política educacional: perspectivas teórico-epistemológicas e o lugar do pluralismo. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-20, 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782018230034.
- MAINARDES, J. A pesquisa sobre Política Educacional no Brasil: análise de aspectos teórico- epistemológicos. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 33, p. 1-25, 2017b. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698173480.
- MORENO BAYARDO, M. G.; ROMERO MORETT, M. A. Ética, investigación educativa y formación de investigadores: entre la norma y el proyecto de vida. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en la Educación, Madrid, v. 9, n. 2, p. 78-96, 2011.
- NUNES, J. B. C. Formação para a ética em pesquisa: um olhar para os programas de pós- graduação em Educação. Revista Educação, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 183-191, maio/ago. 2017. DOI: https://doi.org/10.15448/1981-2582.2017.2.26889.
- SARTI, C. A ética em pesquisa transfigurada em campo de poder: notas sobre o sistema Cep/Conep. Revista Brasileira de Sociologia, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 79-96, jan./jun. 2015. DOI: https://doi.org/10.20336/rbs.94.
- SOBOTTKA, E. A. Regulamentação, ética e controle social na pesquisa em ciências humanas. Revista Brasileira de Sociologia, v. 3, n. 05, p. 53-77, jan./jun. 2015. DOI: https://doi.org/10.20336/rbs.93.
- TELLO, C.; MAINARDES, J. Revisitando o enfoque das epistemologias da política educacional. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 153-178, jan./jun. 2015. DOI: https://doi.org/10.5212/pra[educ.v.10i1.0007.